



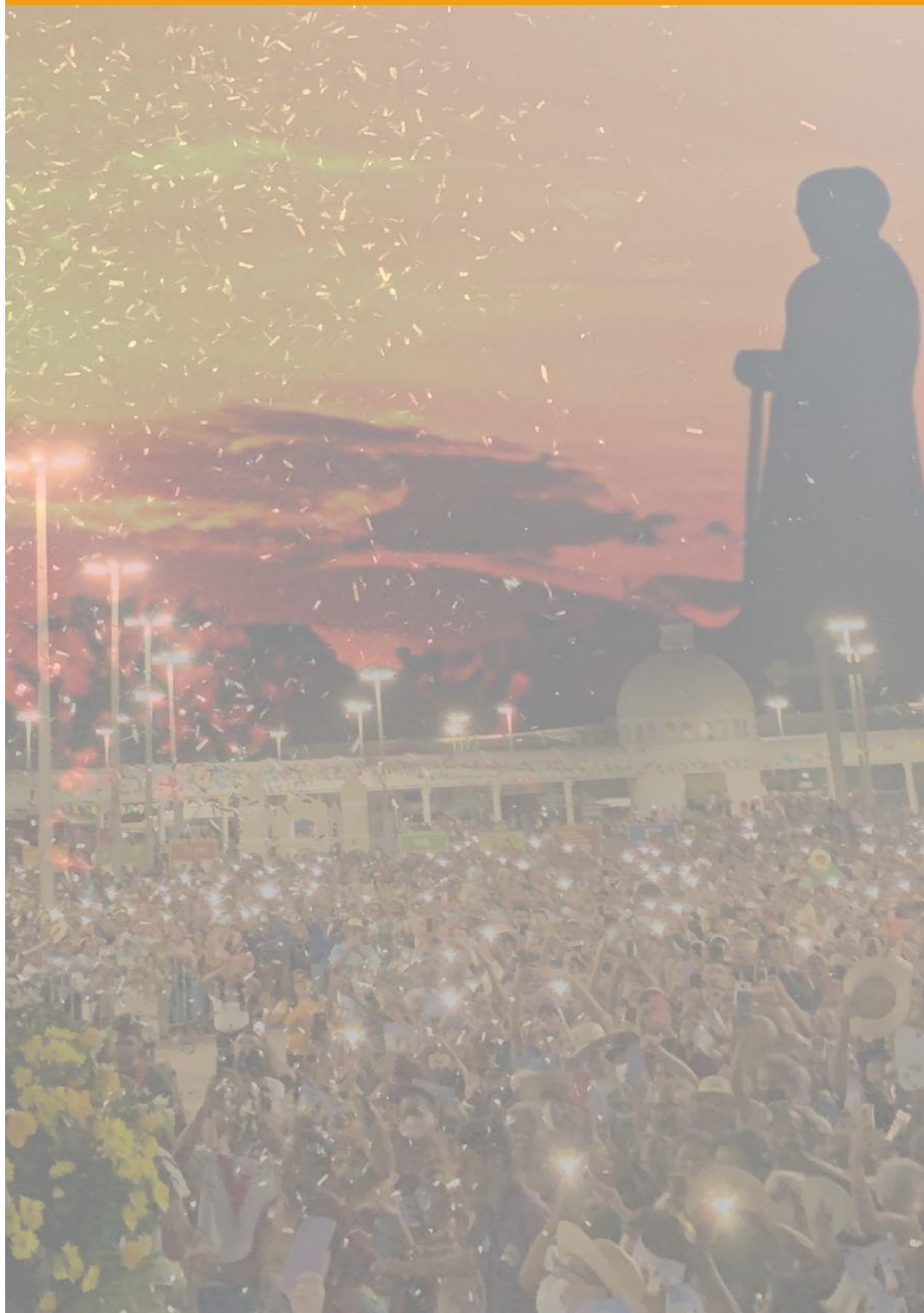
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
PROGRAMA DINTER URCA-UFRN

UM SANTO SOB O SOL, UMA FORMAÇÃO PERMANENTE



JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

**UM SANTO SOB O SOL,
UMA FORMAÇÃO PERMANENTE**



**NATAL-RN
2023**

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

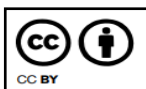
UM SANTO SOB O SOL, UMA FORMAÇÃO PERMANENTE!

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e ao Grupo de Estudos da Complexidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Josineide Silveira de Oliveira.

Natal/RN

2023



Esta obra está licenciada com uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional. Permite que outros distribuam, remixem, adaptem e desenvolvam seu trabalho, mesmo comercialmente, desde que creditem a você pela criação original. Link dessa licença: creativecommons.org/licenses/by/4.0/legalcode.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE

Santos, José Carlos dos.

Um santo sob o sol, uma formação permanente / José Carlos dos Santos. - 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Josineide Silveira de Oliveira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação. Natal, RN, 2023.

137 f.: il. color.

1. Padre Cícero - Tese. 2. Mestre - Tese. 3. Compaixão - Tese. 4. Persistência - Tese. I. Oliveira, Josineide Silveira de. II. Título.

RN/UF/Biblioteca Setorial Moacyr de Góes - CE CDU 272(813.1)

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

UM SANTO SOB O SOL, UMA FORMAÇÃO PERMANENTE!

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e ao Grupo de Estudos da Complexidade da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em: ____/____/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Josineide Silveira de Oliveira
Orientadora

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. Dra. Maria da Conceição Xavier de Almeida
Membro Interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. Dra. Maria Carmem Diógenes do Rêgo
Membro Interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Profa. Dra. Cícera Nunes
Membro Externo
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

Prof. Dr. Francisco do O' de Lima Júnior
Membro Externo
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

Profa. Dra. Eugênia Maria Dantas
Membro Suplente Interno
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Prof. Dr. Francisco José da Silva
Membro Suplente Externo
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI

DEDICATÓRIA

“A PERFEIÇÃO DO AMOR É AMOR SEMPRE!”

Para as Mulheres da minha vida:

Luciana Brito(Esposa), Mariana Brito(Filha), Letícia Brito(Filha)

Maria da Paz(Mãe- *In memoriam*), Audália Maria(Avó-*In memoriam*)

Irmã Annette Dumoulin(Amiga- *In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A DEUS, o Senhor da vida, que com ternura e com infinita bondade, me concede luz e sabedoria para trilhar os caminhos da vida e do conhecimento. Obrigado, meu Senhor!

À VIRGEM DAS DORES, padroeira dos romeiros e do povo de Juazeiro, que com seu manto protetor é minha defensora nos tormentos e nos sofrimentos da vida. Obrigado, Mãe querida, por lançar bênçãos e luzes.

AO SANTO DO SOL, PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA, mestre do Juazeiro, que hoje vive em nossa luta, fortalecendo a nossa voz e a nossa mente para descobrir, através da pesquisa, as verdades da sua história. Obrigado e Viva o Meu Padim!

À LUCIANA BRITO, pela cumplicidade do seu precioso amor vivido cotidianamente. Sua presença, seu encantamento, sua partilha e sua sublime sabedoria foram as fontes inspiradoras para a produção desse trabalho acadêmico. Obrigado, meu amor!

À MARIANA E LETÍCIA, as minhas meninas preciosas que são amáveis, compreensíveis e com suas presenças alimentam a minha alma e alegam o meu coração no cotidiano da nossa vida familiar, gratidão minhas lindas filhas!

A MARIA DA PAZ DOS SANTOS (*In Memoriam*), mãe e educadora, mulher amorosa, trabalhadora, guerreira e promotora da paz. Sentiu compaixão, teve coragem e persistência para construir a sua família e edificar a sua casa, transformando a sala de entrada no santuário de oração e, no quintal, o local de trabalho. Nesse momento, sinto o seu sorriso carinhoso e a sua presença amorosa por essa conquista que lhe ofereço como prova do meu amor, na certeza que está irradiando felicidade na morada eterna. Por tudo que fez e ensinou, obrigado, minha mãe!

AUDÁLIA MARIA MARQUES (*In Memoriam*), minha avó, romeira e devota do Padre Cícero. Um exemplo de coragem, obstinação e firmeza na condução da vida de sua família. Gratidão, minha avó!

À JOÃO CÍCERO DOS SANTOS (*In Memoriam*), um romeiro alagoano com espírito aventureiro, apaixonado pelo garimpo, homem bondoso, que manteve acesa a chama da fé em seu coração. Obrigado, meu pai!

À IRMÃ ANNETTE DUMOULIN (*In Memoriam*), freira belga, com espírito nordestino, devota e afilhada do Pe. Cícero. Grande amiga, conselheira, coração generoso, mente brilhante e firme, de bondade infinita e sorriso contagiante. Pesquisadora engajada na verdade sobre o Padre Cícero e comprometida com o acolhimento dos romeiros, celebrou, com entusiasmo, a minha pesquisa. Adotado como seu filho querido, desfrutei da sua amizade, bebi da sua fonte de sabedoria e compartilhei de suas alegrias. Sinto sua voz ecoando lá do alto dos céus! Com muitas saudades, obrigado, querida Irmã Annette!

AOS MEUS IRMÃOS, que me apoiaram e deram muita força nesta jornada, muito grato!

A JOSINEIDE SILVEIRA DE OLIVEIRA, minha professora que acolheu, com muito amor, a proposta de ser minha orientadora, sendo responsável pela minha mudança na pesquisa, instruída pela sua sensibilidade humana e intelectual. Pesquisadora exemplar, cuidadosa e dedicada, ao acompanhar a pesquisa, oportunizou-me conhecer as experiências das bodegas solidárias e o complexo religioso dos mártires do Rio Grande do Norte. Com seu apoio compreensivo nos momentos difíceis, atravessados nesse tempo, em meio a doenças e perdas significativas, possibilitou-me viver a trajetória acadêmica confiante e seguro. Obrigado, minha professora e amiga querida!

AO GRECOM (GRUPO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE), espaço de aprendizagem e socialização das matrizes das ciências da complexidade, que me ensinou a ser artesão do pensamento. Os membros do grupo, sempre disponíveis para colaborar, favorecem o ambiente de ajuda mútua e com espírito de solidariedade. Obrigado, Greconianos!

ÀS PROFESSORAS MARIA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA E EUGÊNIA DANTAS, baluartes das Ciências da Complexidade, com a professora Josineide, formando a tríade perfeita de operadoras cognitivas da religação dos saberes e incentivadoras na formação de pesquisadores comprometidos com a ética da responsabilidade solidária. Muito grato às arquitetas do pensamento complexo da UFRN.

AOS PROFESSORES MARIA CARMEM E JOÃO BOSCO, pela participação e importantes contribuições no exame de qualificação da tese. A minha gratidão!

AO PROFESSOR THIAGO LUCENA, que ofereceu a oportunidade para a realização da docência assistida na sua turma de Política Científica e Tecnológica, com um grande aprendizado sobre a realidade social da cidade de Natal. Obrigado pela amizade!

AOS PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA URCA, que me apoiaram, acolheram a minha decisão e aprovaram o meu afastamento das atividades docentes para cursar o doutorado, o meu sincero agradecimento!

À ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR E COORDENAÇÃO DA URCA pelo empenho por nos ter proporcionado a qualificação dos docentes da querida instituição, o meu reconhecimento e gratidão!

AO IFCE - CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE, o companheirismo e o apoio foram fundamentais para a realização desse curso e da pesquisa sobre os fenômenos da nossa região do Cariri, a minha gratidão a todos!

À FUNCAP (Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa), pela liberação de bolsa de estudo, recurso financeiro de fundamental relevância na concretização dessa pesquisa científica, o meu muito obrigado!

AS CÔNEGAS DE SANTO AGOSTINHO, a amizade, o espírito de irmandade, a fraterna convivência e o acolhimento na comunidade O Semeador. O acesso ao acervo documental do Centro de Pesquisa da Religião Irmã Annette Dumoulin foi a semente plantada e irrigada para frutificar esse trabalho acadêmico e fortalecer a continuidade da nossa missão de acolhimento aos romeiros e de preservação da Memória das Irmãs Annette, Ana Teresa e Dora. Obrigado, minhas queridas Irmãs Arlene Santos (Vigária da Congregação de Nossa Senhora no Brasil), Macilene Santos, Eremita Brito, Socorro Rolim, Lucinha Gomes, Tatiana Santos e Socorrinha Vieira.

AOS PESQUISADORES E MEMORIALISTAS DE JUAZEIRO, que, com os bons diálogos, as inúmeras conversas, o acesso aos acervos documentais, fotográficos e cinematográficos dos pesquisadores da memória da vida do Pe. Cícero e da história de Juazeiro, foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa. Tudo isso realizado com leveza, alegria, seriedade e amizade. Minha enorme admiração e gratidão aos queridos amigos Renato Casimiro, Renato Dantas e Rosemberg Kariri.

A DEMONTIER TENÓRIO E ROZÉLIA COSTA, pela amizade e concessão de fotos para a ilustração do trabalho, meu muito obrigado!

A ÍTALO ANDERSON, meu afilhado, sobrinho e profissional da educação, que, com seus conhecimentos, esteve sempre ajudando nas dificuldades técnicas da produção deste trabalho, muito grato!

AOS PESQUISADORES PE. ROSERLÂNDIO, MARIA DO CARMO E ARTUR PEREGRINO, pela leitura, correção e sugestão no processo de produção da minha pesquisa, dando acesso ao Centro de Documentação Histórica da Diocese do Crato, o meu reconhecimento e gratidão!

AO GRUPO DE ESTUDOS IRMÃ ANNETTE, a amizade, a troca de experiência, a socialização dos saberes sobre o Pe. Cícero e as romarias de Juazeiro possibilitaram a ampliação do meu conhecimento. Minha eterna gratidão a todos!

À COMISSÃO DE PASTORAL DE ROMARIA, com os encontros permanentes, a ação conjunta e sistemática no acolhimento humano e pastoral aos peregrinos que visitam o Juazeiro estimularam e encorajaram a minha batalha de produção científica, o meu agradecimento sincero e fraterno!

AO MEU AMIGO E PADRINHO JEFFERSON CARNEIRO (PE. GEU), conselheiro, amigo, incentivador dos meus projetos de vida e exemplo autêntico de humanismo e de coerência de vida, carregando consigo palavras de encorajamento e consolo. Sua benção, meu padrinho e muito obrigado!

AOS ROMEIROS E ÀS ROMEIRAS, que, na beleza do testemunho de fé, na resistência e na resiliência diante das dificuldades da vida e nas múltiplas lições de persistência alimentam o meu ser, inspiram as minhas ideias, fortalecem a minha esperança e acendem a chama da curiosidade científica. Obrigado, nação romeira!

“O que une a ética da compaixão à ética da compreensão é a resistência à crueldade do mundo, da vida, da sociedade e do ser humano”. (Edgar Morin)

“Deus nunca deixou trabalho sem recompensa, nem lágrimas sem consolação” (Padre Cícero);

“A virtude é a qualidade humana de quem ama e respeita a seu próximo como a si mesmo. A sabedoria é o conhecimento do sentido da vida”

(Gastón Soublette)

“Meu padrinho Cícero é o santo do sol Porque os outros santos têm direito de entrar na Igreja, e ficam numa bem boa, na sombra! Mas, nosso Padrinho fica com a gente, no sol, sofrendo do calor com a gente! Hoje ainda, ele continua do nosso lado, no sol, com a gente!” (Romeira)

RESUMO

O presente trabalho tem como fio condutor compreender o Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) como o mestre que foi capaz de enxergar para além da realidade do seu tempo histórico e traçar estratégias de enfrentamento aos dramas existenciais dos sertanejos nordestinos. Um artesão das ideias de desenvolvimento da cidade do Juazeiro do Norte/CE que soube tecer uma rede de ações como incentivo à produção agrícola, formação de comunidades, formulação de preceitos ecológicos, valorização do artesanato com a destreza capaz de penetrar nas sombras do presente e projetar luzes para o futuro. Os referenciais teóricos adotados nesta pesquisa foram as Ciências da Complexidade, especialmente, as ideias de Edgar Morin, além de outros interlocutores estudiosos da vida e obra do referido sacerdote. O percurso metodológico desenvolvido foi a consulta a fontes documentais, como as correspondências em forma de cartas, bilhetes e telegramas trocados entre o sacerdote e os políticos, as autoridades eclesiásticas e seus devotos e observação in loco das romarias. Dentre as lições deixadas pelo presbítero, destaco a persistência e a compaixão como forças potencializadoras do bem pensar e do bom agir. Tais ensinamentos são absorvidos pelos romeiros como nutrientes da fé e da perseverança. Aprendemos que cada festa de romaria é revestimento de coragem, crença no recomeço, possibilidade de reconstrução do viver. Conceber o padre Cícero como o mestre de muitas lições e o intelectual de múltiplas estratégias é enxergá-lo para além dos preceitos religiosos, para percebê-lo como homem contemporâneo nos moldes do que anuncia o filósofo Giorgio Agamben.

Palavras-chave: Padre Cícero; mestre; compaixão; persistência.

ABSTRACT

The subject of this research is to understand Father Cícero Romão Batista (1844-1934) as a visionary who established strategies to face the existential challenges of the *sertanejo* people living in the semi-arid region in northeastern Brazil. He created development solutions for the city of Juazeiro do Norte, in Ceará, and succeeded in encouraging agricultural production, the community spirit among people, ecology principles, local craftsmanship valorization – with his natural skills to dive into the shadows of his time and to discover trends to enlightening the future. The theoretical references used in this research were the Complexity Sciences, mainly Edgar Morin's ideas, as well as other interlocutors who have been studying the life and work of the mentioned priest. The methodology consisted in consulting documental sources, such as his correspondence, mainly letters, notes and telegrams exchanged with politicians, ecclesiastical authorities, and his followers, and in observing pilgrimages *in loco*. Among the lessons taught by the priest, I emphasize persistence and compassion as drivers of right-thinking and of doing the right thing. Such lessons are absorbed by the pilgrims as boosters of faith and perseverance. We learn that each pilgrimage event means a strengthened courage, the belief in a new beginning, and the opportunity to rebuild one's life. Understanding the figure of Father Cícero as the master of many lessons and the intellectual behind multiple strategies is to see him beyond religious precepts, to understand him as a contemporary man as designed by Giorgio Agamben.

Keywords: Father Cícero; master; compassion; persistence.

RESUMEN

El presente trabajo está centrado en comprender al Padre Cicero Romão Batista (1844-1934) en cuanto maestro que ha sido capaz de mirar la realidad más allá de su tiempo histórico y diseñar estrategias para confrontar los dramas existenciales de los “sertanejos” del nordeste de Brasil. Un artesano de las ideas de desarrollo de la ciudad de Juazeiro do Norte, en el Estado de Ceará, que ha logrado establecer una red de acciones para el incentivo a la producción agrícola, la formación de comunidades, la formulación de preceptos ecológicos, la valorización de la artesanía, siempre con la habilidad de penetrar en las sombras del presente y proyectar luces para el futuro. Los referenciales teóricos adoptados en esta investigación fueron las Ciencias de Complejidad, en especial las ideas de Edgar Morin, además de otros interlocutores estudiosos de la vida y obra de dicho sacerdote. El recorrido metodológico fue la consulta de fuentes documentales, como la correspondencia em formato de cartas, notas y telegramas cambiados entre el sacerdote y políticos, autoridades eclesíásticas y sus devotos y la observación *in loco* de las romerías. Entre las enseñanzas dejadas por el presbítero, cumple destacar la persistencia y la compasión como fuerzas potenciadoras del pensar bien y del buen-actuar. Son saberes absorbidos como nutrientes de la fe y de la perseverancia. Entonces aprendemos que cada fiesta de romería significa ser revestido de coraje, creer en el recomienzo, tener la posibilidad de reconstruir su vida. Concebir la figura del Padre Cícero como el maestro de muchos saberes y como el intelectual de diversas estrategias es mirarlo más allá de preceptos religiosos para comprenderle como un hombre contemporáneo según el concepto del filósofo Giorgio Agamben.

Palabras-clave: Padre Cícero; maestro, compasión, persistencia.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 –	Os símbolos do Pe. Cícero: batina preta, cajado e chapéu..	29
Fotografia 2 –	Padre Cícero fala aos romeiros, da janela da sua residência na Rua São José, onde atualmente está instalado o Museu do Pe. Cícero.....	35
Fotografia 3 –	Beato José Lourenço e seguidores no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.....	37
Fotografia 4 –	A comunidade da Santa Cruz do Deserto – Caldeirão do Beato José Lourenço.....	38
Fotografia 5 –	Pe. Cícero no encontro com os romeiros para pregação e oração no final da tarde.....	42
Fotografia 6 –	Fonte de água rio da Batateira.....	51
Fotografia 7 –	Vista atual do Juazeiro do Norte.....	56
Fotografia 8 –	Pintura da artista Maria Assunção Gonçalves retratando o Juazeiro Primitivo (1827).....	58
Fotografia 9 –	Mestre Pelúcio Correia de Macedo na fábrica de relógio.....	61
Fotografia 10 –	Procissão de Nossa Senhora das Candeias.....	64
Fotografia 11 –	A Colina do Horto em Juazeiro do Norte – 1969.....	66
Fotografia 12 –	Serra do Catolé/Colina do Horto com o cruzeiro, o pé de tambor e a presença dos devotos.....	67
Fotografia 13 –	Os romeiros na Colina do Horto – 1942.....	73
Fotografia 14 –	Os moradores e os romeiros em Juazeiro.....	80
Fotografia 15 –	Seminário da Prainha em Fortaleza.....	83
Fotografia 16 –	Ordenação Sacerdotal em Fortaleza: Pe. José Carlos Peixoto e Pe. Cícero Romão Batista – 1870.....	84
Fotografia 17 –	Capela de Nossa Senhora das Dores (1875-1884).....	85
Fotografia 18 –	Jornal O Rebate – 1ª edição em 18 de julho de 1909.....	89
Fotografia 19 –	Movimento popular pela independência de Juazeiro, 1910.	90
Fotografia 20 –	Juazeiro em 1911.....	91
Fotografia 21 –	Sepultamento do Pe. Cícero em 21 de julho de 1934.....	105
Fotografia 22 –	Pe. Cícero no momento de registro de correspondências...	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I – PADRE CÍCERO: MESTRE DA COMPAIXÃO	22
1.1 Traços de um Mestre.....	22
1.2 Onde o Mestre coloca a mão.....	29
1.3 Outras lições da compaixão.....	35
CAPÍTULO II – JUAZEIRO: UMA HISTÓRIA SEM FIM!	50
2.1 O Mito fundador: a pedra não vai rolar.....	50
2.2 JUAZEIRO: a missão e a utopia.....	56
2.3 O Horto: o Juízo final, história sem fim.....	66
CAPÍTULO III – AS LIÇÕES DE PERSISTÊNCIA	78
3.1 “E Você Cícero, toma conta desse povo”.....	78
3.2 Lições para o exercício da Fidelidade.....	80
3.3 Padre Cícero e as fronteiras entre a política e a religião.....	87
CAPÍTULO IV – MANIFESTO PARA VIVER BEM	99
4.1 Entre sonhos, alegrias e decepções.....	99
4.2 Disciplina, oração, resistência e Fraternidade.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS	126

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo fenômeno Pe. Cícero nasceu das minhas vivências no contexto da cidade de Juazeiro e nas minhas referências de vida por ser proveniente de tradição religiosa familiar de romeiros, oriundos de Alagoas e Pernambuco. Meus familiares foram migrantes que se sentiram motivados e alimentados pelo sonho de Juazeiro do Pe. Cícero e de viver numa terra prometida à salvação eterna. Um lugar de redenção das condições materiais de vida dos nordestinos. Tais experiências imprimiram sentidos, marcaram motivações e propiciaram dentro de mim uma verdadeira empatia pelos acontecimentos e personagens que protagonizam até hoje essa história: Pe. Cícero e seus devotos.

Neste momento histórico, em que emergem novos olhares e interpretações inovadoras de pesquisas científicas, na busca incansável da verdade histórica sobre o fenômeno Pe. Cícero e a cidade de Juazeiro, acredito ser atual e importante a minha atitude de debruçar-me na investigação sobre esse personagem da história brasileira. Na ocasião em que a própria Igreja Católica faz um gesto oficial de atribuir o estado de servo de Deus e autoriza a abertura do processo de beatificação do Pe. Cícero, retomando e aprofundando vários aspectos da sua pessoa e sua atuação social e pastoral, bem como os desdobramentos históricos de seu legado ao catolicismo brasileiro, esses estudos podem contribuir na reconstituição da narrativa deste mestre e líder, que desenvolveu a capacidade de mobilizar e organizar um movimento sociorreligioso que provoca, ainda hoje, repercussões sobre largos espaços geográficos e étnicos da sociedade nordestina.

Longe da pretensão de apresentação de um santo, tratarei de passagens da vida do Pe. Cícero como um Mestre para além do seu tempo histórico, cujos comportamentos, ações, decisões, erros, contradições e ensinamentos permanecem presentes na história contemporânea, na mente e nos corações dos seus admiradores e seguidores. Adentrar nesse universo, já marcado por tantas pesquisas, é um ousado desafio. Meu intuito é valer-me de alguns de seus ensinamentos, como a compaixão, a persistência e os valores humanos transmitidos aos romeiros, como forma de viver diante de todas as dificuldades da vida.

O ingresso no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), objetiva estudar as

experiências das escolas filantrópicas e suas novas práticas educativas em Juazeiro, especialmente as escolas: O Semeador e Poço de Jacó. Tais entidades educacionais são dirigidas pela instituição religiosa das Cônegas de Santo Agostinho, para atender crianças pobres e carentes dos bairros periféricos da cidade de Juazeiro do Norte, oriundas de famílias romeiras e descendentes de outros lugares do Nordeste. A minha vontade era compreender a subjetividade dos atores sociais no cotidiano destas comunidades, a partir das múltiplas vivências no espaço escolar e suas interfaces no contexto da realidade de cidade com forte identidade romeira. Minha inserção no Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM/UFRN) permitiu-me entender a educação como artifício potente do processo de hominização que pressupõe o trabalho de artesãos de ideias e valores. No GRECOM pude contemplar um dos eixos de pesquisa do grupo que se baseia em estudos sobre as difíceis artes de ser mestre e discípulo. Posso citar a tese de doutorado da minha orientadora Josineide Silveira de Oliveira: *A formação pela escrita do amor*, sobre a relação amorosa entre o filósofo Pedro Abelardo (1079-1142) e sua discípula Heloisa; a pesquisa de Ronaldo Ferreira de Lima: *Mestre e discípulo: tonalidades de um tempo* que trata da formação pela via da amizade; de Manoel Romão: *Marta Pernambuco: para o cultivo de uma educação política e afetiva*. A partir da leitura desses trabalhos e de outras pesquisas do grupo, que abordam a importância da figura do mestre na cultura, compreendi a amplitude do ofício sacerdotal do Padre Cícero. Passei a enxergá-lo como um mestre capaz de ensinar, aos romeiros, valores fundamentais, como persistência, resistência e coragem. Tomarei como exemplo o diálogo dos sertanejos que fixaram a moradia em Juazeiro com o sacerdote que os conduzia para o trabalho na produção agrícola e a potencialização dos seus saberes para as artes e os ofícios, promovendo o desenvolvimento do lugarejo. Suas estratégias educativas são susceptíveis à interpretação da própria realidade histórica e comprometidas com o desejo de transformação. Revestido da condição humana, e, por isso, acometido por fragilidades, imperfeições e finitudes o Pe. Cícero foi um mestre capaz de enxergar para além das coisas estabelecidas no seu tempo; instituir uma teia de relações sociais marcada por acertos e erros, qualidades e defeitos, mas, sobretudo, plena de compaixão, amorosidade e solidariedade.

O percurso investigativo trilhado neste trabalho consiste no olhar para a intrínseca dimensão de um ser humano profundamente marcado por qualidades, virtudes, defeitos e limites e as suas influências significativas em toda a região do

Cariri Cearense. O Pe. Cícero que foi tecendo a sua história pelo compromisso de viver a intensidade da sua vocação e missão no final do século XIX e início do século XX, na região do Cariri, sobretudo, na construção da cidade de Juazeiro. Esse processo consubstanciou o homem que exerceu forte liderança política e religiosa, e que, mesmo diante da suspensão das suas ordens sacerdotais, continuou a ensinar e, por isso, conservou-se no imaginário popular como o conselheiro, o patriarca e o “santo do Juazeiro”.

O percurso metodológico desenvolvido durante a pesquisa foi prioritariamente a análise documental das correspondências - cartas e telegramas - trocadas entre o Pe. Cícero, os romeiros e as autoridades políticas e religiosas. Os assuntos tratados nessas mensagens são, basicamente, relacionados ao enfrentamento da seca, das doenças, dos sofrimentos, das aflições, dos medos, das necessidades materiais, das orientações espirituais, dos pedidos de conselhos e todos os dramas existenciais da condição humana dos sertanejos. Tomei como fontes documentais o acervo de telegramas, bilhetes e cartas escritas e recebidas pelo Pe. Cícero nas múltiplas relações religiosas, políticas e sociais com os diversos atores. O padre do Juazeiro não escreveu livros, artigos ou sermões. Os registros escritos estão nas correspondências recebidas e respondidas pelo padre Cícero, cujas cópias são encontradas nos arquivos do Colégio Salesiano São João Bosco de Juazeiro, no Departamento Histórico Diocesano Pe. Gomes (DHDPG) no Crato e no Centro de Pesquisa da Religião Irmã Annette, em Juazeiro do Norte. Nesses ambientes, vivenciei a experiência ímpar de manusear documentos escritos pelo Padre Cícero e outros personagens da história do Juazeiro.

Outra guia de fontes do meu estudo foram os dois testamentos registrados pelo Pe. Cícero em Cartório, a saber: o primeiro, em 7 de março de 1922, e, o segundo, com data de 4 de outubro de 1923. As leituras desses testamentos foram relevantes para compreender os propósitos e valores que nortearam a vida do capelão do Juazeiro. Nesses documentos, o Pe. Cícero revelou os princípios que nortearam sua vida, a sua opção pelo sacerdócio, os compromissos pessoais de vida, como o voto de castidade, os conselhos e orientações aos romeiros e moradores para nunca abandonarem o Juazeiro, a doação dos seus bens, a distribuição do seu patrimônio e sua atuação política.

Na trajetória investigativa, encontrei o “*Caderno de Anotações do Pe. Cícero*”, no qual constam vários apontamentos feitos pelo sacerdote em determinadas

circunstâncias da vida. O documento não tem data definida. Nele há fragmentos de ideias sobre liberdade, vontade, amizade, amor, fidelidade, ignorância, direitos civis, entendimentos sobre a oração, relatos sobre suas experiências de peregrino em cidades cearenses e o seu plano diário de vida. Nesses escritos encontram-se verdadeiras lições de vida que bem podem ser observadas no exercício do bem pensar e do bom agir.

Continuando o meu percurso nas trilhas metodológicas, mantive muitas conversas informais com vários pesquisadores que residem em Juazeiro. Eles vêm reunindo e guardando todos os tipos de documentos, como livros, revistas, jornais, coleções de cordéis, livretos avulsos, artigos, dissertações, teses, monografias e outras produções inéditas e históricas que fazem referências ao Pe. Cícero e ao Juazeiro. Esses diálogos foram relevantes e úteis para as definições do universo empírico da pesquisa. Nessas ocasiões, visitei o acervo fotográfico e a produção cinematográfica sobre o Pe. Cícero e o Juazeiro. Esse material foi disponibilizado pelos que mantêm viva a história, preservando-o em suas residências, como verdadeiros colecionadores da memória da cidade.

As referências teóricas basilares desta pesquisa são as Ciências da Complexidade, sobretudo o pensamento sistematizado por Edgar Morin. Este engendra a base epistemológica na composição da estética do viver e da ética planetária que possibilita aproximar da construção da ética do saber e do fazer do Pe. Cícero, como artifício para enfrentar a crueldade do mundo. Esse arcabouço teórico de Morin é tomado como matriz no entendimento da plenitude da condição humana no pensar o Pe. Cícero como mestre no exercício plural e múltiplo de sentido das suas relações religiosas e políticas, identificando o movimento de continuidade, descontinuidade e contradições deste personagem no nordeste brasileiro. Os grandes mestres engravidam a nossa alma. Eles habitam o nosso espaço. Assim, os princípios fundamentais sistematizados pelos interlocutores teóricos do pensamento complexo estabeleceram as fontes indispensáveis para indicar referenciais analíticos e para o entendimento da singularidade das ações e estratégias do Pe. Cícero no exercício de sua maestria e na condução do projeto social do Juazeiro.

Deste modo, busquei também as reflexões de outros intelectuais para aprofundar o campo analítico nas produções de outros “artesãos do pensamento” da complexidade, como Maria da Conceição de Almeida, Teresa Vergani, Josineide

Silveira de Oliveira, Eugênia Dantas e as produções acadêmicas de outros pesquisadores do Grupo de Estudos da Complexidade.

No horizonte de compreensão do padre Cícero como o intelectual capaz de enxergar à frente de seu tempo histórico, encontrei essa análise na abordagem de Giorgio Agamben (2009), interpretando significado do intelectual contemporâneo: aquele que é capaz de penetrar nas sombras do presente e projetar luzes para o futuro. Assim fez Cícero. Ele projetou ideias do progresso quando Juazeiro era um povoado inexpressivo, desabitado, sem sonhos, sem potencialidades. Ele enxerga as possibilidades de saídas para a sobrevivência e permanência da população na terra, promovendo o desenvolvimento do lugarejo.

No âmbito de análise da compreensão do Ser Mestre, dentro da estrutura de pensar o mundo e a vida, no terreno de fronteiras entre a imaginação e a criatividade, revisei a abordagem desenvolvida por George Steiner em *Lições dos Mestres* (2018). Nela pude perceber que, para além da nobreza madrigal de compor a formação dos discípulos, revelam-se contradições próprias das limitações humanas. Ao reconhecer Cícero Romão como mestre, posso contemplá-lo na galeria dos humanos, não obstante o reconhecimento devocional dos romeiros e devotos.

Na via de aproximação desse arcabouço teórico com o fenômeno estudado, consultei as fontes documentais, as produções acadêmicas e os registros da oralidade, que discorrem a complexidade dos processos sociais e os contextos em que esteve envolvido o Pe. Cícero. De fato, essas fontes abordadas na literatura memorialista e acadêmica são válidas e consistentes, pois versam sobre o Padre Cícero e o Juazeiro, destacando-se os pesquisadores: Ralph Della Cava, Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros, Annette Dumoulin, Ana Teresa Guimarães, Antônio Renato Soares de Casimiro, Francisco Renato Souza Dantas, Francisco Régis Lopes Ramos, Marcelo Ayres Camurça, Rosemberg Cariri e Maria de Fátima de Moraes Pinho.

Inegavelmente, a literatura popular e as produções acadêmicas compõem o arcabouço de discussões narrativas sobre a cronologia biográfica, a atuação e a importância do Pe. Cícero na formação da romaria e na estruturação da cidade de Juazeiro, assim como, os embates entre as autoridades eclesiais, o sacerdote Cícero e as manifestações populares. Nesse universo do tempo registram-se muitas opiniões, no labirinto de escritos e comentários apaixonantes, forte sentimentalismo, exaltação das virtudes, reinterpretções dos fatos vividos, destilação de ódio e

posições demonizadoras da personalidade do Pe. Cícero. Nesta direção, escolhi como marco referencial do percurso de observação do personagem Pe. Cícero, o lugar social que brotou toda a sua experiência de vida que é o Juazeiro. O sacerdote Cícero e o território do Juazeiro são duas realidades imbricadas e, portanto, inseparáveis.

Nos atos do Pe. Cícero revelam-se as habilidades de negociação e articulação para salvaguardar e defender a sua comunidade do Juazeiro. Ele tem a potencialidade de liderar a cidade de forma extraordinária. Com aguçado espírito de liderança conseguiu aproximar-se dos pobres e despossuídos sertanejos, como também dos fazendeiros, comerciantes e proprietários, que vão estruturar processos atravessados por conflitos e contradições, ocasionados pelas formas de religiosidades e sociabilidades populares e, ao mesmo tempo, por consolidação de estruturas oligárquicas e arranjos políticos de interesses econômicos. O sacerdote Cícero posiciona-se nessa arena política, estabelecendo estratégias de pacificação e conciliação desses polos sociais antagônicos, mas com disciplina rígida e referência de autoridade moral. Nesses contrastes e divergências, marcados por sofrimentos e vivências únicas e próprias do Pe. Cícero é sedimentado e engendrado o projeto de organização do território do Juazeiro. Assim, o modelo de desenvolvimento social do Juazeiro sob a égide do Pe. Cícero concebeu o projeto de potencialização criativa de força popular. Isso implica dizer que o seu propósito, no estilo de exercer a liderança, era acreditar que Juazeiro, como força potencial, era um pequeno povoado com capacidade de tornar-se polo de desenvolvimento econômico. A crença do Pe. Cícero era que a evolução constante da cidade residia no esforço de cada pessoa que se deslocava e se fixava neste lugar para fazê-lo melhor para todos. Em razão de suas ações, o padre Cícero do Juazeiro fez a imposição da sua autoridade política e religiosa, arregimentando sentimentos contraditórios de amor e ódio dos atores sociais que estavam envolvidos nos processos de construção da cidade.

Este trabalho está organizado em quatro sessões. Na primeira, apresento o **Padre Cícero: Mestre da compaixão**. O ponto de partida é a compreensão do significado do Ser Mestre e a centralidade no personagem, Pe. Cícero, como mestre revestido de sensibilidade e compaixão, demonstra em suas lições diante do enfrentamento das realidades sociais como a seca, a fome e as doenças. Essa análise é formulada restabelecendo os princípios da auto-ética e autovigilância, como também no comportamento pautado pela disciplina rígida, que marcam seus referenciais de

compreensão da condição do ser Mestre. Neste processo, analiso os diálogos do sacerdote Cícero com os sertanejos em diversas circunstâncias da vida, como também o relato da experiência comunitária do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Avançando na compreensão do Mestre que vive numa região com terras áridas, o posicionamento e ensinamentos do Pe. Cícero, através dos Preceitos Ecológicos para o sertanejo conviver no semiárido nordestino.

Na segunda sessão, intitulada **Juazeiro: uma história sem fim**, exponho sobre o Pe. Cícero e o Juazeiro do Norte/CE. Esse lugar do mito, espaço sagrado de fé e cidade do trabalho é analisado no movimento de reconstrução permanente e na formação do imaginário e criatividade que suas bases de sustentação são mantidas como o lugar em que sua história não tem fim. Reconstruímos o arcabouço da história de Juazeiro, a partir da narrativa do mito da Pedra da Batateira e tomando como referência os propósitos, os conflitos e as tensões marcantes na edificação do complexo sagrado da colina do horto.

Na terceira sessão, **As lições de persistência**, o Pe. Cícero é configurado como um ser marcado por atitude de fidelidade a sua opção de vida pelo sacerdócio. Diante dos acontecimentos que perpassaram em todo o processo de sua existência, como a suspensão de ordens e as proibições do exercício da sua função ministerial, ele mantém, com a firmeza do seu cajado, a atitude de acolhimento e a decisão de ficar perto do seu povo. As nuances dos acontecimentos e as sendas das intrincadas realidades políticas serão analisadas, perpassando pela movimentação do Pe. Cícero como um ser político sem deixar de ser Padre. No limiar de suas crenças, fortes convicções políticas e religiosas e suas limitações e contradições, ser persistente é a característica do sacerdote Cícero que oferta muitas lições de vida no seu tempo e que são válidas ainda nos dias atuais.

Na última sessão, o **Manifesto para viver bem**, enfatizo a dimensão profunda do espírito humanístico do Pe. Cícero, homem revestido de mestre com características humanísticas, que indicam princípios, como amor, amizade e justiça para os seus afilhados e admiradores viverem bem.

Portanto, nesse estudo centrado no personagem, o Pe. Cícero, que experimentou a condição real do universo sertanejo, é um mestre de múltiplas lições, grande estrategista e intelectual contemporâneo, que bem soube sentir compaixão, plantar a perseverança, irrigar a fé e ver brotar as esperanças nas glebas e corações dos nordestinos.

CAPITULO I - PADRE CICERO: MESTRE DA COMPAIXÃO



CAPÍTULO I – PADRE CÍCERO: MESTRE DA COMPAIXÃO

1.1 Traços de um Mestre

Todo ser humano está dentro de uma situação histórica determinada, inserido em processos sociais específicos e experimenta a si mesmo como tarefa permanente de construir o seu ser e a sua existência no mundo. Essa consciência está posta no contexto de relações humanas que brotam precisamente da realidade que envolve e marca o agir dos homens e o aponta no desafio de assumir as possibilidades e os riscos dos efeitos de suas ações no universo.

Essa compreensão ontológica é o fundamento racional que conduz a narrativa dos fenômenos que configuraram formas específicas de vida individual e coletiva e produziram diferentes formas de organização das estruturas sociais e políticas traduzindo em cosmovisões e símbolos culturais e religiosos que perpetuam na esfera da constituição da humanidade.

Nessa formulação teórico-conceitual está a fonte de compreensão basilar do personagem Pe. Cícero Romão Batista (1844-1934), que viveu no Cariri Cearense, no final do século XIX e início do século XX, cujos efeitos de sua ação permanecem presentes no consciente dos seus admiradores de vida humana autêntica sobre o solo nordestino. Seu comportamento é o imperativo do agir coletivo das massas sertanejas.

Na esfera das relações pessoais e comunitárias, construídas historicamente no Nordeste brasileiro, situa-se a figura do Pe. Cícero, exercendo papel fundamental nas formas de organização da vida e, conseqüentemente, na maneira de articular os bens materiais e os valores humanos e cristãos, mobilizando significativa parcela de mentes e corações de nordestinos.

Nesse horizonte interpretativo, o Mestre é entendido como indivíduo conhecedor da existência concreta do ser humano, no tocante à realidade cotidiana e imediata experiência fática da existência, no seu modo próprio de viver a intensidade e peculiaridade do realizar-se no mundo. Isto significa que o Mestre está ligado a todas as questões da vida, que o faz compreender as evidências e contradições dominantes no mundo circundante, advindas da própria experiência pessoal e comunitária.

Por essa razão, o Mestre encontra-se no contexto de sentido da real história dos seres humanos que se efetiva na busca de realização plena da sua humanidade.

A primeira preocupação do mestre encontra-se precisamente em defender e restaurar a vida das pessoas nas suas desgraças, sofrimentos e tormentos, possibilitando caminhos de recuperação da dignidade. Assim, o mundo e a história constituem o lugar da ação efetiva do Mestre que implica o processo de transformação e humanização dos indivíduos e das relações sociais, através de estratégias de promoção de valores radicados na amorosidade, na ternura e na compaixão.

Neste sentido, o Mestre notabiliza-se pelos seus feitos realizados no mundo pela mediação no campo da educação. Compreende-se a educação como processo de humanização que possibilita a emancipação vinculada à conquista da autonomia dos seres humanos, na superação de todas as formas de escravidão, discriminação e humilhação. O mestre é educador na medida em que cria experiências de aprendizagens e redes de interações que elevam os patamares da condição humana em direção ao mundo solidário. Ele é portador da sabedoria, enquanto integração das potências da existência humana. Isso constitui o imperativo ético que deve reger o mestre-educador na configuração do mundo que efetiva o respeito à vida humana e à vida dos outros seres vivos do planeta.

Nesse horizonte de entendimento, a educação da vida, em sua integridade e na condução do desenvolvimento dos sujeitos sociais, visando à construção da ética e da solidariedade, estabelece a aproximação com as ideias nucleares de EDGAR MORIN (2003) nas Ciências da Complexidade. Ele propõe a reforma da educação que circunscreve pela mudança na estrutura do pensar. Isso significa que as concepções da condição humana na terra, com suas matrizes na ideia da simbiose e indissociabilidade entre a espécie humana e o ambiente, constituem a ideia da ecologia social construída na tríade espécie-indivíduo-sociedade. Assim, os teóricos da complexidade prefiguram um novo estilo cognitivo na construção do conhecimento, da educação e da vida. Esse conjunto de experiências é responsável pela emergência dos fenômenos da solidariedade, da inventividade e amizade constituintes da condição humana. Assim, Morin afirma:

A educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional (Morin, 2003a, p. 65).

Dessa maneira, o mestre-educador assume no horizonte da complexidade o ato de esperança e exercício de paciência diante da incerteza, e da experiência dolorosa do peso insuportável do sofrimento humano. O transmitir é o exercício pedagógico de conduzir o homem em sua travessia para o mundo da cultura. De fato, o mestre-educador é desafiado a viajar, deslocar do seu lugar de pertencimento para compartilhar as múltiplas experiências e munido pela abertura ao diálogo com as novas estruturas do pensar. Esse educador é instigado permanentemente a trilhar os caminhos do exercício da religação dos saberes. Nesse panorama, a proposição essencial do pensamento complexo é a implicação do sujeito do conhecimento, construindo a ética da responsabilidade, que articula, pela narrativa da subjetividade, a promoção da ciência da inteireza. Enfim, o mestre-educador, pelo prazer de conhecer e autoestima intelectual, promove a construção de sujeitos mais vivos, autônomos, verdadeiros artesãos do pensamento, da vida e da história cotidiana.

Nesse horizonte de compreensão, adentramos nas teias da ação que configuram o padre Cícero um Mestre no Nordeste Brasileiro. Na prática do acolhimento e do aconselhamento, ele estabeleceu estratégias de permanente diálogo e espaços de desenvolvimento e conexão com as pessoas que recorriam ao Juazeiro. O sacerdote foi tecendo mecanismos de compreensão e difusão dos diversos saberes naquela realidade. De forma que, ele era encontrado no púlpito da Igreja, na sala e na porta da sua residência, pregando os ensinamentos da fé cristã, escutando os clamores, sofrimentos e dores dos pobres sertanejos e apontando caminhos práticos para as diversas situações de vida de toda a sua gente. Isso foi constituindo a força de sua personalidade e o transformou em referência no passado, chegando a perpetuar sua imagem até a contemporaneidade.

As travessias existenciais do Pe. Cícero consubstanciam o movimento circular da sua condição humana e os processos históricos da realidade. O sacerdote é entrelaçado pelo esforço constante de deslocamento do mundo da fé religiosa para outra margem do seu habitat no interior do Ceará. Essa realidade é o universo sertanejo marcado pela seca, a fome e as doenças. Ele vai encontrando a população desolada, despossuída e miserável. Esse contingente de famintos e esquecidos socialmente pelas classes economicamente dominantes e politicamente dirigentes recorre a Juazeiro na esperança de minorar o seu sofrimento. Esse vertiginoso crescimento populacional e as condições materiais pelas determinações sociais e históricas provocariam uma alteração substancial naquele sacerdote da aldeia; aquilo

que Morin chama de “ecologia da ação”. Segundo Morin, as incertezas nas ações dos seres humanos emergem da necessidade de realizar um autoexame que o conduz a descobrir as origens das suas próprias crenças, como define:

Quanto às incertezas da ação, elas surgem primeiro da ecologia da ação. A ecologia da ação ensina-nos que toda ação escapa cada vez mais à vontade de seu autor, entrando no jogo das inter-retro-ações no meio onde ela intervém. Assim, a ação arrisca-se não apenas à derrota, mas também ao desvio ou à perversão de seu sentido inicial e pode até se voltar contra seus iniciadores. Pode-se, seguramente, encarar e calcular os efeitos a curto prazo de uma ação, mas seus efeitos a longo prazo são imprevisíveis (Morin, 2013, p. 101).

De fato, a perversidade das condições econômicas e as contradições sociais existentes no interior do nordeste brasileiro, concentrando um número crescente de pessoas das mais variadas procedências em Juazeiro, exigiam uma condução e reposicionamento nas decisões do Pe. Cícero. Este vivia na angústia de escutar os dramas daqueles deserdados filhos da seca e foi, paulatinamente, buscando enfrentar essa tragédia, através da resistência às crueldades do universo sertanejo. Ele tinha consciência que as práticas de devoções religiosas eram relevantes para o “conforto da alma” e “o ânimo do espírito”, mas a realidade concreta era profundamente de exigência para assumir o enfrentamento dos antagonismos e contradições existenciais da condição humana, daqueles que fixavam ou recorriam ao Juazeiro do Pe. Cícero, atraídos por trabalho, sobrevivência, como também na busca por conselhos e orientações para suas vidas.

O contexto da experiência da realidade, nas relações do homem com a natureza e o gênero humano, constitui a raiz da atuação do mestre na sua responsabilidade de assumir as chances e os riscos dos efeitos de suas ações. Nesse sentido, os critérios que regem o comportamento do Mestre são estabelecidos pela capacidade de criar formas irremediáveis de convivências do homem com os demais seres vivos do planeta. Nas orientações do Pe. Cícero para os sertanejos produzirem os bens agrícolas, os cuidados com a terra e a proteção aos animais estavam embutidos desta visão da convivência com a natureza e com os outros seres do universo. A base desse processo é impulsionada pelo verdadeiro desenvolvimento humano que se constrói pela fraternidade e solidariedade, articulada com a situação de vida daqueles que estão jogados às margens da ordem social vigente.

Na verdade, a forma de Ser Mestre constitui-se pelas representações coletivas e pela estrutura de formação do pensar o mundo e a vida no terreno de fronteiras entre a imaginação e a criatividade. Essa noção sobre o Mestre aponta para os ensinamentos dos princípios e comportamentos deste ser que revestido da condição de condutor de determinada comunidade, consubstancia o processo de aprendizagem e de convivência, despertando o espírito de amizade, exprimindo suas vivências e abrindo possibilidades de inventar formas de diálogo entre os membros do seu grupo social. Esse imperativo de amizade alimentado cotidianamente e cultivado pelos pertencentes da comunidade desabrocha nos princípios da solidariedade, da confiança e da esperança frente à crueldade do mundo, como afirma Edgar Morin:

As únicas resistências estão nas forças de cooperação, comunicação, compreensão, amizade, comunidade e amor, como condição que sejam acompanhadas de perspicácia e de inteligência, cuja ausência pode favorecer as forças de crueldade [...] A pior crueldade do mundo e o melhor da bondade do mundo estão no homem. [...] A busca do esforço cósmico desesperado que, no ser humano, toma a forma de uma resistência à crueldade do mundo é o que eu chamaria de esperança (Morin, 2013, p.273-274).

De fato, percorrendo a trajetória do pensamento de Edgar Morin, encontramos proposições fundamentais que estão na arquitetura da constituição do ser Mestre. Este deve buscar o reconhecimento dos princípios que movem, ordenam e alimentam as decisões da sua vida e proporcionam o desabrochar de valores, como a fraternidade e a compaixão, como formas que impulsionam ações de solidariedade no enfrentamento aos antagonismos e contradições da realidade. Esse é o propósito do Mestre que aventura construir uma renovada “política de civilização” com uma força de resistência à crueldade do mundo.

Nessa direção, o Pe. Cícero viveu em um contexto social de práticas detratórias e autoritárias, hegemonicamente comandada por homens que partilhavam de padrões elevados de ignorância e mentalidades machistas de mando sobre as mulheres. Essas eram submetidas a profundos desgastes físicos e psíquicos e os espaços de realização dos seus direitos extremamente reduzidos. Há um episódio muito interessante na vida do Pe. Cícero. Certo dia, ao chegar próximo ao Pe. Cícero, o jovem caminhando de joelhos suplica a benção ao Padre. Depois de ser abençoado, prossegue um diálogo entre o padre e o devoto nestes termos:

"Meu Padim, vim aqui pedir perdão a vosmecê, porque eu vou precisar matar Rosa.

"Que história é essa?" Exclamou o Padre Cícero assustado.

"Eu até gosto de Rosa. Mas, meu Padim me deu licença pra eu ir ao Piauí. Eu fui, cheguei. Rosa está com um menino que não é meu. O jeito é matar Rosa.

"Venha cá, mais perto de mim. Quanto tempo eu disse que você podia ficar no Piauí? "

"Meu Padim disse que eu não passasse de 5 meses."

"Você passou 5 anos! Deixou Rosa com 3 crianças esperando um quarto! Se eu não acudisse Rosa, as crianças tinham morrido! Você nunca mandou um tostão para ela! Venha cá mais perto de mim, com os olhos nos meus olhos, sem bater pestana: você, no Piauí, foi fiel a Rosa?

"Ah, meu Padim, o Senhor sabe, homem é homem! "

"Não, meu filho. Homem não é aquele que grita com os outros, homem é o que domina a si mesmo! Olhe, passa pra cá sua faca! "

"Há, meu Padim! Pelo amor de Deus! Um homem sem faca é um homem nu! " – Respondeu o romeiro assustado.

Padre Cícero levantou-se, chegou bem perto do sertanejo, passou a mão no ombro e em todo o braço direito e falou taxativamente:

"Meu filho, vou dizer uma coisa a você: se você levantar um dedo contra Rosa, esse seu braço aqui, daqui a ponta dos dedos vai secar na mesma hora! Dê-me a sua faca, meu filho!"

O homem entregou a faca chorando e Padre Cícero encerrou a conversa:

"Eu sabia! Você tem coração bom! Meu filho, comece vida nova com Rosa, e daqui a um ano, passe aqui pra gente batizar mais uma criança! " (Dumoulin, 2019, p.173-174).

No diálogo entre o sertanejo e o padre Cícero estabeleceu-se uma relação de confiança mútua. A procura do devoto pela orientação do padrinho constitui ato de alívio para os infortúnios da vida e a crença nos poderes do santo. Esse comportamento do romeiro em aflição exala o substrato de pedir ajuda diante deste padecimento. O sacerdote não condena a mulher pela prática do adultério, nem a deixa desamparada ou abandonada. Ele usa da força da sua palavra para que o sertanejo enxergue sua realidade e se convença que o melhor caminho era a reconciliação e a prática do perdão. Neste exemplo, a atitude do Pe. Cícero previne e evita um crime, na época muito recorrente. Esse tipo de ação era efeito do poder patriarcal e da violência. O padre interpela o jovem a substituir as relações de dominação e morte que caracterizavam a sociedade pela convivência humana justa, pacífica e igualitária.

Esse comportamento adotado pelo sacerdote Cícero bem podia inspirar os tempos atuais a não aceitar o feminicídio e a discriminação da mulher. Também

poderia ser ampliado no combate ao machismo, à rejeição das formas de humilhação e exploração, em favor de uma sociedade que busca a convivência de respeito e a valorização entre os sujeitos. Especificamente, no caso relatado, o castigo cede espaço para a atitude do pai da compaixão que assume a condição de padrinho na tarefa inadiável de proteger e agir com misericórdia aos seus afilhados. De modo que o Pe. Cícero continua sendo compreendido como conselheiro e fonte de esperança para um futuro próspero para os seus devotos.

Desse modo, seguindo a ênfase dada por Morin, o pensamento que sobrevive na fonte do comportamento do Mestre é a capacidade dialógica que significa experimentar as marcas formativas da sociedade e conviver com as contradições da realidade, transformando-as em forças de cooperação e comunicação entre os sujeitos históricos. Essa compreensão aponta para o enfrentamento das contradições e o reconhecimento do diálogo como via de transformação da humanidade. Dessa maneira, apoiando-se nessa análise, o Mestre é capaz de estabelecer a religação dos saberes dispersos, mobilizando a construção do movimento de conjunção da tríade indivíduo, espécie e sociedade no sentido de estimular a formação de sistema de valores que está interconectado nos circuitos dos processos de conhecimento da realidade.

Podemos dizer, então, que o Ser Mestre assume um caráter de significação pela sua compreensão de mundo mais abrangente, pela leitura da realidade e a criação de estratégias de ações que desencadeiam o processo de transformação estruturante no tecido social. Essas veredas do mestre fazem emergir a autoética como reflexão crítica destinada a tematizar os critérios que permitam religar os saberes e tecer uma política de civilização. Sendo assim, a autoética é o movimento que dá sentido a nossa existência no mundo e alimenta os operadores cognitivos de valores, como a fraternidade, a esperança, a compaixão e a compreensão. Essa autoética constitui a força propulsora do ato de maestria que exige ser construída permanentemente, desenvolvendo a capacidade de perceber as próprias fragilidades e reconhecer o grau de responsabilidade das ações que estão enraizadas e metamorfoseadas dentro de si mesmo, como sujeitos inseridos em determinadas condições históricas, sociais e culturais. Isso implica dizer que a autoética exige o esforço do Mestre para manter-se no estado de autovigilância, revisitando as suas zonas de carências, limites e fragilidades e possibilitando o exercício da autorreflexão, que enxerga as nuances e contradições da realidade.

1.2 Onde o Mestre coloca a mão

Fotografia 1 – Os símbolos do Mestre Pe. Cícero: batina preta, cajado e chapéu (1928).



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

As marcas importantes da biografia do Padre Cícero estão relacionadas com os seus comportamentos e ações que são sincrônicas com as suas ideias, tecendo uma personalidade forte, das quais se reveste o mestre e intelectual contemporâneo. Nesse sentido, o mergulho analítico da trajetória de vida e dos comportamentos do Padre Cícero conduz a encontrar a faceta de um “intelectual contemporâneo” que, na perspectiva do pensamento de Giorgio Agamben (2009), significa o ser social que elabora a leitura da realidade e responde com atitudes e ação prática aos apelos provenientes desta situação concreta. Em outras palavras, o intelectual desenvolve a capacidade de olhar as configurações dos variados contextos de vida e, na compreensão dessa realidade, cria estratégias de ação que provocam transformações significativas neste universo. De forma que o contemporâneo não se situa no tempo cronológico de um passado longínquo e nostálgico, mas a compreensão do tempo no

presente em sua plenitude da vida humana em sua concretude existencial e singular relação com as circunstâncias do tempo histórico vivido coletivamente. Numa afirmação de Agamben, encontramos uma assertiva muito significativa:

[...] Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (Agamben, 2009, p. 62-63).

Nesse sentido, a complexidade do fenômeno que envolve a pessoa do Padre Cícero, o contexto em que ele vive, as suas ideias e as suas práticas constituídas nos acontecimentos da sua própria existência nas terras do Juazeiro consubstanciam as marcas gravadas de intelectual contemporâneo. Propriamente, a experiência intensa do Pe. Cícero no seu tempo implicou uma profunda e integral transformação do modo de ser e de viver de si mesmo e dos outros que estavam no seu entorno. Adentrando nos escuros do tempo dos episódios da vida do Padre Cícero e da sua formação humana e religiosa na esfera da estrutura da Igreja que era o lugar que se encontrava, ao mesmo tempo, com sua “cosmovisão católico-sertaneja”, foi capaz de enxergar a sua realidade no universo socioeconômico e estabelecer estratégias de resoluções concretas das tragédias humanas no Nordeste, como a seca, a fome e as doenças que afligiam os sertanejos.

O ato de compreender o mundo nas mais variadas circunstâncias pressupõe que o ser humano é capaz de linguagem e ação. A realidade se faz pela prática cotidiana da vida e pelos fracassos da nossa relação com o mundo. Por isso, as ações são derivadas do universo natural, da evolução do cosmos e do poder da tradição que produz visões diferentes de conceber a natureza e da amplidão do deslocamento da existência humana do seu horizonte temporal e finito.

Esse conceito teórico de pensar o mundo nos lança no horizonte da consciência do valor intrínseco do gênero humano como ser histórico e recoloca-o na direção de estar atentos aos sinais do tempo. Nessa abordagem, configura-se a vocação e missão do Pe. Cícero como mestre que endereça seus pensamentos e ações para as possibilidades de deflagração da realidade cotidiana, na condição de ser guardador do Juazeiro e protetor do seu povo.

O mestre é aquele que resiste à postura de proibir o desenvolvimento das possibilidades dos seres no mundo. Ele tematiza a compreensão do todo da realidade, estabelecendo a articulação entre vida, natureza e espécie humana, buscando a conectividade das coisas, em que a liberdade é o seu grande ideal. A obsessão do Mestre é libertar a si mesmo e os outros das fixações históricas e abrir novas perspectivas para o processo de libertação do gênero humano. Essa tarefa é inacabada e marcada pela incerteza e incompletude como forma de construir uma estrutura de pensamento rigoroso e autônomo.

Toda essa pretensão de fundamentar o sentido da ação do mestre e intelectual contemporâneo naquilo que aborda Agamben (2009) redefinimos como o ser que faz a leitura da realidade e constitui formas de convivência e normas coletivas que todos vivam bem dentro da lógica do desenvolvimento. O mestre é aquele que foi construindo estratégias de sobrevivências para a sua comunidade dentro da concepção de vida do bem viver.

A essência desse modo de viver aponta para a necessidade de valorização da coletividade em detrimento de eguidade. O mestre estabelece uma organização social do povo e exerce a edificação de uma vida ordenada que siga a lógica da fartura e da abundância. Nesse ato mobilizador, a circularidade da vida oferece longevidade e felicidade. Cada mestre é revestido do conhecimento que deve estabelecer princípios basilares como compaixão, amorosidade, dialogicidade e solidariedade, que são forças que repercutem nas entranhas da alma humana.

A trajetória do Pe. Cícero foi marcada pelo sertão aterrorizado pela seca. Os flagelos intensificaram em todos os recantos e em vários grupos de retirantes e famintos que pegaram as estradas do Nordeste, apelando pela justiça de Deus e dos homens. A situação se agravou com aglomeração de flagelados no Cariri, devido à precariedade de condições alimentares e higiênicas, provocando um surto de peste que dizimou grande contingente populacional.

As pessoas morriam de fome e doenças. Juazeiro recebia no final do século XIX e nos primórdios do século XX, inúmeros sertanejos desvalidos, que procuravam escapar daquela situação e buscavam vencer a falta de água e alimento. O desespero aumentava com as sequências de tempos de seca no Nordeste. A legião de flagelados buscava abrigo e pedia socorro ao Pe. Cícero, na esperança de alcançar o fim do tormento ou escapar da morte. As enfermidades se alastravam na região. Muitos, cansados e doentes, não conseguiram sobreviver. Muitos retirantes, chegando ao

Juazeiro, eram acolhidos pelo Padre Cícero e enviados para trabalhar na serra do Araripe ou na comunidade do Caldeirão. Outras vezes, a estratégia do padre foi utilizar recursos para realizar obras de caridade no intuito de reduzir o número de mortos. Em determinados momentos, o sacerdote tomou a iniciativa e criou frente de trabalho, remunerando com recursos públicos ou mesmo possibilitando o trabalho de construção do calçamento de Juazeiro.

Assim, por exemplo, o sacerdote Cícero, nesse tempo de pavor e tragédia social, escreveu a Dom Joaquim, Bispo do Ceará, em 1889, ano de muita seca:

[...] Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo, tendo trabalho, possa escapar. Em Constantina, na Argélia, os poços artesianos têm remediado o mesmo mal que nós sofremos, e me parece que se é verdade o resultado que dão, será um remédio mais pronto e mais eficaz. Aí está uma companhia contratada pelo Governo para este fim, nos alcance um destes poços para o nosso pobre Juazeiro, de proporções largas, que dê para irrigar as terras que eram irrigadas pela Batateira, nos anos precedentes [...] (Cícero *apud* Casimiro, 2012, p. 487).

Em determinado momento, a gravidade da situação induz o Padre Cícero a um ato de desespero com a violência do fenômeno, o despovoamento do Ceará, o sofrimento inaudito do povo e a inércia e negligência das autoridades políticas. Assim, ele não cruzava os braços e chamava o povo à ação para reagir contra as situações injustas, como nesta carta ao Pe. Climério em 04/12/1900:

[...] O nosso Ceará passa por uma crise tão medonha que está ficando despovoado [...] Morre-se de pura fome e a imigração no maior desespero de escapar ainda, atirando-se os pobres, sem nenhum recurso, aos caminhos a morrer ou escapar, é contínua. É um horror e cada dia aumenta mais. Meu amigo, cada Cearense deve ser uma trombeta na Imprensa e em toda parte, gritando com toda força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que estes governos que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas despertem este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando caprichosamente morrer milhares de vidas que podiam salvar e não querem [...] (Cícero *apud* Barros, 2012, p. 201).

Nas cartas do Pe. Cícero encontram-se elementos que implicaram uma tomada de posição a respeito da produção e reprodução dos elementos materiais da vida no sentido de abrir possibilidades humanas de sobrevivência. O flagelo da seca motivava o sertanejo a procurar água, pão e trabalho no Juazeiro. O padre Cícero

exercia o papel de conselheiro e o povo atribuía a ele a função de médico, professor, pai, orientador e ele buscava os meios de responder aos anseios populares. As palavras do sacerdote revelam profundo sentimento de compaixão frente à dramática situação como descreve desesperadamente essa situação para o bispo dom Joaquim José Vieira em 04/06/1889:

[...] Angustiado por tanta aflição, nem sei dizer o que sinto... o tremendo flagelo de fome apresenta-se diante dos meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar, não falo do resto do Cariri que eu acho pior do que em 77, porém contudo as poucas chuvas que houveram e os recursos das águas da região salvaram muita coisa. [...] Quem está sem esperança é o pobre distrito de Juazeiro, tão populoso e tão pobre, é o Jó do Cariri, planta quase exclusivamente só arroz, as chuvas não foram suficientes para esta plantação que exige mais do que as outras. [...] O que é certo é que se perdeu tudo e não vejo recurso de salvação, ou morrer ou ser retirante. Essa ideia rasga-me o coração e quase me mata não podendo dar remédio a tantos males. [...] E como posso ver este pobre povinho que amo tanto, como uma parte de minha alma, desaparecer? [...] Lembrei-me de pedir a V. Exa que sabe chorar com os que choram, para se interessar, alcançando algum recurso do Governo, por meio de algum trabalho e que seria de garantia para prevenir outros anos. (Cícero *apud* Casimiro, 2012, p. 486-487).

Nesse sentido, o Pe. Cícero tem consciência da extensão do desastre da seca. Os horrores que devastaram o Cariri cearense e todo semiárido nordestino são terríveis. O capelão experimenta a amargura de assistir o povoado ser dizimado. Movido pela compaixão da população mendiga, ele vai tentando achar saídas, colocando a mão nas feridas sociais e criando estratégias para garantir a sobrevivência e permanência daquela gente sofrida. Uma das ações é intermediando junto ao governo para a construção de açude e um ramal da rede ferroviária no Juazeiro para gerar emprego e promover o desenvolvimento para a região. Em telegrama, datado de 20/04/1932, dirigido ao presidente da república Getúlio Vargas, ele faz o apelo:

[...] Tomo liberdade insistir, perante V. Exa., serem atacados trabalhos ramal ferroviário Juazeiro-Barbalha, açude Carás, já estudado, bem como prolongamentos R.V.C. partindo Missão Velha. Estes serviços amparariam populações famintas zona Cariri, consideravelmente aumentadas flagelados Estados vizinhos, para aqui atraídos fama fertilidade desta zona [...] (Cícero *apud* Guimarães; Dumoulim, 2015, p.178-179).

Nessa direção, o Pe. Cícero convoca os nordestinos à luta em favor da vida, através do ato de plantar mandioca, cuidar e proteger a terra e retirar os frutos para garantir a sobrevivência. Ele, com inteligência aguçada, vislumbra iniciativas de ações que pudessem ser soluções mais duradouras e sustentáveis, no tocante à permanência da população no combate e enfrentamento da seca. Na base deste projeto está a convivência com a terra, através da diversificação das plantações e da expansão da mandioca como meio de salvar muitas vítimas da fome, como ficou registrado nessa correspondência, com o pedido de licença para novas plantações na serra do Araripe:

O Pe. Cícero Romão Batista, com o fim de demonstrar e ensinar aos outros rendeiros do Estado que a Chapada Araripense pode produzir outras plantas úteis que as rotineiras mandiocas e maniçobas, pede mais uma licença... de cultivar durante três anos na mesma área pedida acima para criar, 20 tarefas de cana-de-açúcar e 20 tarefas de diversos cereais e café, ao todo 40 tarefas [...] (Cícero *apud* Guimarães; Dumoulin, 2015, p. 180).

Por isso, o olhar sobre o Pe. Cícero, a partir dessas correspondências, sobretudo, nessas circunstâncias, é evidência do traço forte de sua personalidade que era a compaixão. Em diferentes momentos da sua vida de profunda crueldade e consideráveis obstáculos, especialmente o abandono do povo no estado social paupérrimo e a precariedade da estrutura socioeconômica reacende no sacerdote Cícero a força da compaixão. Essa compaixão não é entendida como o sentimento piedoso do “ter pena” ou mesmo ver o sertanejo como “coitadinho”, mas o impulso interior de aproximação e comunhão com o outro ser humano.

O sentir compaixão remete a experimentar o desejo seduzido e a inclinação fascinante de envolver-se com os outros seres humanos frágeis e limitados e nesse estado de comunhão cultivar novos valores de solidariedade. Assim, a compaixão do Pe. Cícero eclodiu com o sentido de dar forma de existência ao seu próprio ser, gerando a necessidade de estabelecer mecanismos que amenizassem e suprimissem os flagelos e aflições da gente sofrida daquele torrão Cearense.

1.3 Outras lições da compaixão

Fotografia 2 - Padre Cícero fala aos romeiros, da janela da sua residência na Rua São José, onde atualmente está instalado o Museu do Pe. Cícero (1932).



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Adentrando nas ações do mestre Padre Cícero, o acolhimento de gente de todas as classes sociais, moradores ou não da cidade, transformou-se numa prática constante aos seus devotos e admiradores que buscavam conselhos e orientações para suas vidas. O padre do Juazeiro desenvolveu a capacidade de escutar e entender a situação de cada um e encaminhava a solução prática para todos.

Nessa faceta de condutor de muita gente, o Pe. Cícero utiliza estratégias que provocam um impacto gigantesco sobre as consciências e sobre a vida de seus afilhados e devotos. O Padre Cícero persistia no caminho de lutar contra as consequências da seca, através das respostas de inúmeras perguntas ou pedidos de ajuda. Ele, em uma visão abrangente dos problemas, adotava o seu conhecimento para procurar as soluções apropriadas.

O que vai-se configurando em Padre Cícero é a compaixão e a caridade com pulsões que atraíram os pobres e o credenciaram a receber atribuições de líder e condutor do povo Nordestino. A realidade sócio-histórica era profundamente desumana, na qual um elemento sólido se constituía pela seca, esmagando os sertanejos e tornando-os escravos. Muitos viviam de forma miserável, outros perambulavam pelas ruas e um contingente significativo de gente morria de fome. Esse quadro social trágico provocou uma atitude do sacerdote Cícero que sentiu a

compaixão do sofrimento daquele povo. Ele tinha consciência que não podia ser bom cristão e bom sacerdote em um mundo de fome e miséria sem se comprometer com mudanças estruturais da sociedade, empenhando para criar fraternidade e solidariedade. Essa consciência faz emergir a compaixão do Pe. Cícero com os deserdados filhos da seca que se efetiva em criar estratégias de defender a vida humana e a natureza contra a lógica da morte.

A relação do Padre Cícero com os seus afilhados faz emergir a ética do fazer e do saber, materializada pelo movimento de diálogo entre o sacerdote e os sertanejos, tornando-os seus discípulos. Concretamente, o padre confiava e acreditava nas potencialidades das pessoas, indicava o caminho e motivava para o exercício da atividade produtiva. Essa é uma condição essencial para o mestre que, utilizando a pedagogia da conversa para promoção e valorização dos talentos, potencializa para o trabalho e garante a sustentabilidade. Outra ação está na formação de comunidades para garantir o trabalho e a convivência com o semiárido como no caso da experiência comunitária do caldeirão da Santa Cruz do Deserto¹.

¹ A experiência inicial destinada pelo Pe. Cícero ao beato José Lourenço foi conduzi-lo para morar e trabalhar no sítio Baixa Dantas (1894-1926), no município do Crato em terras arrendadas do Senhor João Brito. Nesta comunidade agrícola, os membros plantavam nas terras, produziam muitos cereais e frutas e desenvolviam a pecuária na criação de animais. O beato José Lourenço distribuía as tarefas, dava os conselhos e ensinava as práticas rudimentares da agricultura e da medicina popular. Os frutos da terra eram repartidos de forma igualitária entre os moradores da comunidade e, no período noturno, eles se reuniam para as rezas, novenas e ladainhas. Após um tempo, o sítio foi vendido pelo proprietário. O beato e os outros moradores foram obrigados a entregar a terra sem nenhuma indenização pelas benfeitorias realizadas naquela propriedade. Humildemente essa gente se retirou para Juazeiro ao encontro do Pe. Cícero. Este acolhe e faz a doação de uma terra pertencente a ele. O novo lugar chama-se Caldeirão dos Jesuítas por existir uma depressão natural de pedra composta no formato de um caldeirão e naquele lugar terem morrido dois jesuítas no tempo das perseguições pombalinas. A experiência do Caldeirão (1926-1936), aproximadamente 10 anos de existência, foi destruída, após a morte do Pe. Cícero, pelas forças militares do Estado, pelos proprietários de terra, políticos e pelo clero da região do Cariri.

Fotografia 3 - Beato José Lourenço e seguidores no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e o Jornalista Hildebrando Espínola.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Nesse horizonte de compreensão, a experiência comunitária do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, circunscrita na história do Cariri no século XX teve participação efetiva do Padre Cícero. Nesse campo de organização social imperavam formas de convivência sustentáveis regidas por normas sociais, princípios de igualdade, fraternidade e práticas de devoções religiosas populares.

O beato José Lourenço² e seus seguidores fixaram moradia nesse território agrícola, doado pelo capelão de Juazeiro, construíram pequenas casas de taipa e eram abastecidos por uma fonte de água naquele espaço geográfico. Eles organizaram as plantações e processavam as irrigações, formando uma comunidade de camponeses, constituindo a produção agrícola, baseada na distribuição igualitária dos bens produzidos socialmente. O Caldeirão prosperava e a comunidade crescia vertiginosamente.

² José Lourenço da Silva nasceu em 1870 em Pilões de Dentro, no Estado da Paraíba. Seus pais eram Lourenço Gomes da Silva e Teresa Maria da Conceição. Ele trabalhava nas fazendas de Engenho, na pecuária, amansando burros e cavalos e demonstrava, desde jovem, amor pelos animais. Ele saiu de casa para viver nas fazendas de gado na Paraíba. E, quando decidiu voltar, não encontrou mais seus parentes, pois haviam mudado para o Juazeiro. Então, viajou para esse povoado, reencontrou seus familiares e foi acolhido pelo Pe. Cícero. José Lourenço morreu em 12 de fevereiro de 1946 no sítio União, em Exu, Pernambuco. Seu corpo foi trazido em cortejo por seus admiradores, foi velado na casa de um beato de Juazeiro e sepultado no cemitério do Socorro. O fato é que o vigário da cidade, na época, negou-se a celebrar a missa das exéquias, acusando-o de “bandido”. Seu túmulo, até hoje, é visitado por muitos romeiros que, silenciosamente, fazem as suas orações. O local está bem conservado, limpo e organizado por seus parentes e devotos.

Fotografia 4 - A comunidade da Santa Cruz do Deserto – Caldeirão do Beato José Lourenço.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

A experiência do caldeirão situa-se no contexto de opressão e sofrimento dos trabalhadores do campo, acossados pelo latifúndio que negou o pedaço de terra para trabalhar, produzir e morar. O uso da terra como questão central para o homem do sertão é que fez irromper, em várias épocas históricas, reações de insubordinação do povo. No caso do Caldeirão, as populações seguiam um líder que sustentava as famílias através da produção agrícola e da criação artesanal. Caldeirão é a posse coletiva da terra para viver com decência e dignidade. A lição do Caldeirão é o contexto de luta pela terra que propiciava ganhar o pão com o trabalho e senso de justiça. Os membros da comunidade pautavam a sua vida pela oração, trabalho e penitência. Eles introjetaram os ensinamentos do Padre Cícero: rezar e trabalhar. As práticas cotidianas fundamentavam nos princípios da fraternidade e da igualdade.

Nesse sentido, a experiência do Caldeirão é consubstanciada pela atitude de acolhida do Pe. Cícero aos romeiros, os quais projetam no Juazeiro o desejo de redenção das condições materiais de vida e da salvação eterna. No caso do beato José Lourenço estabeleceu-se uma relação de amizade e confiança mútua. O sacerdote Cícero, no exercício de sua maestria, acolheu, incentivou e apontou um caminho alternativo para a formação de uma comunidade do bem viver, fundada no cultivo da terra, da produção e da distribuição igualitária dos bens e a vivência da fraternidade dentro de uma perspectiva cristã. A fé e a caridade como elementos basilares e constitutivos da convivência humana.

O Caldeirão era uma comunidade de devotos, na qual o Padre Cícero pôs as mãos e orientou para dividir o tempo entre trabalhar e rezar. O resultado do trabalho cotidiano era armazenar e distribuir conforme a necessidade de cada um. As bases da pregação do beato tinham o fundamento da verdade teológica da igualdade em todos os seres humanos porque são filhos de Deus. O caminho para o céu estava na penitência e nas obras de caridade. Assim afirma Ramos:

O Caldeirão era um dos lugares sagrados de Juazeiro. Mas era um lugar diferente. Juazeiro configurou-se não só a partir de experiências religiosas, mas, também, a partir de relações capitalistas. O Caldeirão se fez como lugar onde não havia pobres nem ricos. Para as orientações do beato José Lourenço a igualdade entre todos era um princípio inquestionável. Ele tenta construir a utopia da irmandade, já que todos eram filhos de Deus (Ramos, 2012, p. 233).

É a experiência comunitária que faz a mestiçagem entre formas de organização social, relações de trabalho, coletivização dos meios de produção, manifestações de religiosidade popular e rígida disciplina. Essa sociedade provocou um abalo sísmico nas relações políticas cearenses e redimensionou o papel da religião como forças propulsoras de sentido da convivência social. Segundo Rosemberg Cariry,

[...] Os camponeses e miseráveis nordestinos, que sob sua orientação (do Beato José Lourenço), ergueram no Caldeirão, com esforço, amor, fé e trabalho de cada um integrado no processo coletivo, uma das mais positivas experiências sociais já realizadas no Brasil [...] (Cariry; Holanda, 2007, p. 278).

Dessa maneira, compreende-se que a influência do padre Cícero foi decisiva nos princípios fundamentais da comunidade do caldeirão: oração, fraternidade e rigoroso sistema de trabalho. As relações entre as pessoas deveriam basear-se no diálogo e na amorosidade para enfrentar o contexto do silêncio imposto pela fúria insana de destruição às experiências populares. Com isso, o Pe. Cícero e o beato José Lourenço, em um passado não muito distante, deram-nos lição de organização, fé e, sobretudo coragem, resistência e decisão política.

Portanto, a experiência do Caldeirão, sob a liderança de José Lourenço, é a materialização do projeto de sociedade que espalha a semente de comunidade igualitária. O que unia tanta gente em torno do beato foi o espírito de fraternidade, o

entusiasmo de realizar algo em comum e a possibilidade de todos receberem benefícios e, juntos, lutarem contra as forças do mal. Isso produz sinais da arte do bem viver, constituída na ética da solidariedade que estava expressa na assertiva da própria comunidade: “Tudo era de todos e nada pertencia a ninguém”. Mas, bem sabemos que tais experiências guardam em si situações contraditórias e, muitas vezes, o rigor disciplinar confunde-se com fechamentos e isolamentos. É quando o discípulo, na efetividade do implante das ideias do mestre, ultrapassa limites de ensinamentos e impõe as próprias regras. De certa forma, o beato José Lourenço, por excesso de zelo pela comunidade, imprimiu o rigor de trabalho efetivo mais severo aos membros da comunidade, extrapolando os ensinamentos do próprio Pe. Cícero.

A análise da relação do Pe. Cícero com o beato José Lourenço aproxima e converge para a abordagem do pensamento de George Steiner (2018), no tocante à relação entre o mestre e o discípulo, dentro da estrutura de formação do pensar o mundo e a vida no terreno de fronteiras entre a imaginação e a criatividade. No princípio, o mestre sempre aprende com o discípulo no processo mútuo de aprendizagem e de convivência, despertando o espírito de amizade, ensinando a viver e abrindo possibilidades de inventar formas de diálogo. A amizade entre o Pe. Cícero e o Beato José Lourenço, desde a sua chegada a Juazeiro, e, sobretudo, nas experiências camponesas na Baixa Dantas e no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto foi profundamente marcada por múltiplos sentidos de confiança, obediência e disciplinamento, pela prática da oração e do trabalho. Esse conjunto de elementos significativos da amizade foi consubstanciada pela inspiração que o mestre Pe. Cícero sempre provocou no discípulo Zé Lourenço e, nessa intensidade de sentimento existencial que os envolveram, na forma de ser e viver das próprias condições humanas. Assim, afirma Steiner:

Ensinar seriamente é pôr as mãos no que há de mais vital no ser humano. É tentar ter acesso ao que há de mais sensível e de mais íntimo da integridade de uma criança ou de um adulto. Um Mestre invade, força a abertura, é capaz de devastar a fim de purificar e reconstruir” (Steiner, 2018, p. 26).

Nesse âmbito, Steiner alerta que as relações do Mestre com o discípulo são enfatizadas pela soberana generosidade, pelos poderes de sedução do mestre, pela composição na forma indefinível e espiritual e também por atos de constrangimentos e conturbações. O mestre não quer que seus discípulos presenciem a bestialidade de

seu fim, o literal dilaceramento de seu ser magistral e as suas fraquezas. Na experiência do Caldeirão apresenta elementos do modelo de vivência do radicalismo cristão, do moralismo e da defesa incondicional da sistematização do labor. O beato José Lourenço articula um projeto de dignificação e identificação de pessoas foragidas dos interiores nordestinos, formando uma comunidade de camponeses que trabalhava na agricultura, dividia os frutos da labuta, conforme a necessidade de cada família, e de perfeita fraternidade entre si. Essa comunidade entra em confronto com o modelo hegemônico da organização social e da igreja católica, gerando uma força social perigosa para a sociedade.

Nesse sentido, a comunidade se alimentava espiritualmente dos ensinamentos do seu mestre-guia, Pe. Cícero, que orientava o seguimento da doutrina da fé católica, o zelo pelas “coisas de Deus” e o cumprimento da série de obrigações, como rezar e seguir o código da boa conduta. Assim, o mestre se posiciona na sua relação com os seus discípulos, tematizando o seu conhecimento teológico refinado da sua época e, conseqüentemente, a sua imagem se perpetua na vida e no imaginário dos nordestinos.

Esse modelo de organização das experiências comunitárias incentivadas pelo Padre Cícero permite-nos encontrar as lições de um mestre que, na condução dos trabalhadores, procura garantir a existência digna, a sobrevivência dos sertanejos e a manutenção dos ensinamentos cristãos. As ações de plantar valores humanos como a perseverança, o amor ao trabalho, o respeito à natureza, associadas às virtudes da fé cristã repercutem diretamente na vida dos seus devotos. Nessa maestria estava a constituição da ética da responsabilidade solidária, que implica a cooperação mútua, o reconhecimento do espírito comunitário, os cuidados com a natureza, a dignidade e o bem estar de cada pessoa. Esse era um programa de desenvolvimento integral que, na perspectiva do padrinho Cícero, englobava a pessoa reger a vida com as possibilidades de trabalho produtivo digno e os exercícios espirituais dos princípios cristãos do catolicismo. Essa sabedoria ético-religiosa é articulada pelo sacerdote no sentido de transformar as formas de viver dos camponeses no processo de reorganização da produção agrícola, reduzindo a exploração desenfreada dos recursos naturais e conduzindo também os seus devotos a experimentarem a espiritualidade cristã.

Fotografia 5 - Pe. Cícero no encontro com os romeiros para pregação e oração no final da tarde (1932).



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Os métodos utilizados pelo mestre Padre Cícero para semear o valor do trabalho e irrigar a fé eram simples, práticos e baseados no bom senso. Os mecanismos usados eram a capacidade de escutar o devoto, o aconselhamento para mudança de vida, a orientação prática para cura de doenças, através dos remédios naturais, as respostas às cartas e correspondências que recebia com apelos para ajuda financeira, conselhos e pedidos de socorro e a prática da caridade com alimentos, recursos financeiros e encaminhamentos para os serviços no campo aos famintos, miseráveis, desempregados e deserdados filhos da seca. Esse comportamento provocava impacto gigantesco na consciência de seus romeiros e produzia a estética do pensar de um mestre multifacetário com personalidade forte e firmeza de propósito, aliada a valores de bondade, compreensão, honestidade, paciência, sabedoria, prudência, simplicidade, amor e dedicação ao seu povo.

Portanto, o Pe. Cícero cumpriu o papel de conselheiro das massas sertanejas. As qualidades de liderança do sacerdote têm as suas ressonâncias no universo do sertão, perpetuando os seus ensinamentos de um mestre que fez brotar a esperança nas glebas e corações nordestinos.

Dessa maneira, apoiando-se na análise das Ciências da complexidade, sistematizadas por pensadores do nosso século, recupera-se a dimensão essencial da vida do homem. O ser humano não é um ser estranho para o outro, nem para a natureza. Mas é uma espécie que produz sinais e comunica-se por aquilo que faz. Por

isso, o símbolo é a mediação da relação do homem com os outros seres vivos. Assim, o homem que trabalha é o ser consciente e livre. Portanto, ser de sentido que estabelece sua relação com os outros através da linguagem, compreendida como a mediação fundamental do homem consigo mesmo, com outros seres vivos e com o mundo. A rigor, a realidade histórica do homem é o espaço de sentido e da condição de possibilidade da superação do círculo da escravidão, do exercício da liberdade e da construção da fraternidade universal. O pesquisador Edgar Morin mostra que esse destino humano imerso nessas bases antropológicas nos deve lançar no caminho da aprendizagem e do impulso de compreensão do verdadeiro desenvolvimento humano:

Precisamos aprender a ser aí {dasein}, no planeta. Aprender a ser é aprender a viver, a partilhar, a comunicar, a comungar, é isso que se aprendia nas e pelas culturas fechadas. Precisamos doravante aprender a ser, viver e partilhar, comunicar e comungar enquanto humanos no planeta Terra. Não mais apenas a ser de uma cultura, mas a ser terrestre (Morin, 2003b, p. 177).

Nos labirintos desta complexidade, nas experiências existenciais emergem os fenômenos da solidariedade, da inventividade e amizade como elementos constitutivos da condição humana. Essa noção antropológica indica para a matriz da indissociabilidade do homem e o meio ambiente na constituição de uma ecologia social que integra a tríade da espécie-indivíduo-sociedade. Essa visão nuclear e inovadora provoca mudança na estrutura do pensar e abre novo horizonte no fazer da ciência na contemporaneidade. Como afirmam Ceiza Almeida e Mônica Reis:

Qualquer aposta no sentido de abrir o pensamento para vivenciar e dialogar com a complexidade do mundo deve partir do sujeito onde ele se encontra. Isso porque não há um lugar, um sujeito nem uma instituição que seja, em si, o ponto de mutação ou de emergência de novos acontecimentos (Almeida; Reis, 2019, p. 34).

A história e vida do Padre Cícero abordadas revelam os traços da sua personalidade, compreendendo como intelectual contemporâneo por suas atitudes, crenças e opções de vida, desencadeadas no contexto histórico da região sul cearense em determinado tempo histórico, permitindo identificar e tecer as redes de um mestre com múltiplas lições perpetuadas no horizonte do mundo dos nordestinos. O ambiente socioeconômico dominante no período de secas, agudização da miséria e assolamentos de diversas doenças que afetam a camada pobre da sociedade

despertaram a consciência do sacerdote Cícero para o engajamento e enfrentamento da realidade. Isso encetou a estratégia de construção de novo modelo de organização social fundamentada na oração, no trabalho e na caridade. Esse projeto se materializa nos episódios da história de Juazeiro que se encontra imbricada na personalidade do Pe. Cícero. Ele foi envolvido com as populações nordestinas e imerso na cultura sertaneja de enxergar a realidade. Buscou estabelecer mecanismos de manutenção da agricultura de subsistência, diversificação da produção agrícola, criação de formas de garantir a permanência dos sertanejos nos pedaços de terra. E também contribuiu para a formação de comunidades nos princípios da distribuição igualitária e da convivência com o semiárido, respeitando a Mãe natureza, expressa nos preceitos ecológicos.

No tocante à relação do Pe. Cícero com o meio ambiente, há os ensinamentos aos romeiros para o cuidado com a terra. Ele difundiu os preceitos ecológicos como diretrizes de convivência dos sertanejos com a natureza. No contexto de secas periódicas, falta de estrutura hídrica e ameaças de desertificação, o Pe. Cícero defendeu a preservação ambiental na relação homem e natureza como ferramenta de convivência saudável do bem viver. De fato, a sabedoria do sacerdote Cícero era aplicada pelo aconselhamento a todos sobre a necessidade de preservação da fauna e da flora, da orientação aos agricultores de como manejar corretamente o solo para torná-lo mais produtivo e eficaz. Os mandamentos ecológicos amplamente difundidos foram apresentados da seguinte forma:

Não derrube o mato, nem mesmo um só pé de pau.
Não toque fogo no roçado nem na Caatinga.
Não cace mais e deixe os bichos viverem.
Não crie o boi nem os bodes soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer.
Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza.
Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva.
Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta.
Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só.
Aprenda a tirar proveito das plantas da Caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca.
Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer
Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só (Walker, 2009, p. 47-48).

Essas lições eram transmitidas em linguagem simples e direta pelo Pe. Cícero nas suas conversas e pregações diárias com os sertanejos. É importante salientar que os preceitos foram organizados pelo ecologista brasileiro, engenheiro agrônomo e professor da UFRPE, José Vasconcelos Sobrinho. De fato, os preceitos ecológicos foram largamente disseminados pelo Nordeste, que no artigo publicado no jornal O Globo em 19 de janeiro de 1994, denominado “O sermão da Caatinga”, o ex-ministro Dr. Rubens Ricúpero afirmou:

[...] Padre Cícero antecipou em 70 anos, e em pleno coração do subdesenvolvimento e da pobreza, ensinamentos que hoje constituem conceitos básicos do desenvolvimento sustentável e da convivência harmoniosa do homem com o meio ambiente... Ele pregou em pleno sertão nordestino a palavra que hoje a consciência ambiental a duras penas começa a inscrever na nossa visão de mundo. Muito antes de que se realizasse a I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, ele teve essa percepção aguda de algo que constitui antes de tudo um interesse legítimo, identificado por quem está próximo da realidade [...] (Ricupero *apud* Barbosa; Casimiro; Marques, 1994, p. 52-53).

Nesse sentido, o Pe. Cícero recebeu em 2010 o título de “Padroeiro das Florestas”, denominação atribuída pelos ecologistas do Greenpeace, Organização Não Governamental (ONG) de caráter internacional. Adentrando nesse universo da imagem do Pe. Cícero ambientalista evidencia-se que ele ensinava a perfuração de poços profundos, a diversificar as plantações e a expansão da mandioca para suprir a fome e o flagelo das secas aos nordestinos. Portanto, esse conjunto de ações e atitudes do Padre Cícero coloca-o como pioneiro da ecologia na região do Cariri e precursor da agroecologia sustentável.

Pode-se ainda sublinhar o papel desempenhado de mestre que está representado como protetor dos desvalidos, condutor e líder carismático dos pobres sertanejos. Esse reconhecimento pelos seus afilhados é oriundo da sua pregação, do seu acolhimento e aconselhamento que provocavam mudanças nas condições sociais e repercutiam na realidade concreta dos seus devotos. É um mestre que assume a radicalidade do cuidado, do afeto, da compaixão, da pacificação e da proteção que o consagra no imaginário popular como patriarca do Nordeste e autêntico apóstolo do sertão. Esse mesmo personagem que tem uma imagem impoluta conforme os valores humanos e vai tecendo na sua maestria o mentor da disciplina, exercendo o poder de

mando e o controle dos comportamentos das pessoas da urbe. Em suma, o Pe. Cícero configura um misto de reprovação e medo. Pela admiração, ele continua representando na sua integridade um mestre de grande esperança e irradiador do sentido de vida para os seus romeiros diante das iniquidades sociais e, ao mesmo tempo, dos sonhos acalentados de prosperidade e felicidade.

As lições do Padre Cícero eram simples, práticas e de bom senso. A um homem que lhe perguntou como fazer para escapar da seca, ele respondeu:

Eu canso de mandar vocês plantar mandioca e fazer açúcar e vocês não ligam... quantas vacas você tem? Eu só tenho 5. Venda 3 e faça um açúcar que no tempo da seca você fica sem elas, que morrem da peste e a água fica pra você fazer vazante para o seu bem e para os outros. Você tem grota no seu terreno? Tenho, sim, Senhor! Pois meça 10 braças da grota e cave um buraco, e vá levando a terra e tapando a grota com 10 braças de distância do buraco, e tape a grota bem tapada, deixando a grota umas vinte braças entupida de terra, para ficar bem forte. a parede e o buraco mais tarde vão tirando a terra e fica sendo o porão do açúcar. Mas faça logo o sangrador fundo e largo se não a grota enche de água e carrega o seu trabalho.... É possível que o dinheiro de 3 vacas não dê para você fazer isto? (Cícero *apud* Walter, 2009, p. 72-73)

Em outra carta ao afilhado, O Pe. Cícero ensinava os remédios com os bens da natureza para a cura das doenças:

Meu afilhado Salviano. Deus o guarde. Você vai bem em seu lugar. Faça cozimento de velame, puninha e batata de purga; tome uma xícara pela manhã e outra à noite. A Santa Virgem lhe abençoe e nosso Deus. Seu padrinho” (Cícero *apud* Guimarães; Dumoulin, 2015, p. 113).

As carências de políticas públicas no sertão nordestino obrigavam as pessoas famintas recorrerem ao Juazeiro em busca de socorro. As cartas são reveladoras da maneira de aconselhar, julgar e exercer o poder de mando do sacerdote Cícero nas diversas situações para responder os desafios oriundos dos anseios populares. Ele era detentor de conhecimento das doenças e suas causas, sobretudo, em que suas respostas são compatíveis com os bens naturais disponíveis para a população pobre.

A prática de acolher as pessoas na sua casa era algo constante no cotidiano da vida do Pe. Cícero. Os romeiros e visitantes compartilhavam as diversas situações e buscavam um aconselhamento do seu padrinho. Na teia das relações atritos e conflitos humanos são permanentes e o perdão é a condição indispensável para a

liberdade. A iniciativa do perdão é do ser humano que se reconcilia com o amor e se traduz no respeito e na tolerância ao outro.

As cartas do Padre Cícero são marcadas pelo conselheiro prudente, cheio de compaixão e exigências da obediência às ordens de não ceder ao pecado e não se render aos prazeres do que acreditava ser sedução satânica. Certa vez, uma adolescente chamada Maria, sua afilhada, escreveu uma carta relatando que estava numa fase difícil e desesperadora e estava planejando suicidar-se. O sacerdote leu a carta e decidiu responder, enviando uma carta ao Pai da jovem e outra para a própria Maria com os seguintes dizeres:

Amigo João Batista, Deus e Nosso Senhor o abençoe. Recebi uma carta de sua filha Maria, na qual ela me relata o sofrimento em que se encontra, motivado por um desgosto de família... O caso pode dar lugar a consequências desastrosas. Nestas condições, resolvi fazer-lhe este pedido encarecidamente, que o Senhor consinta na vinda dessa sua filha para aqui, onde ficará na companhia da Avó e do Tio, sob a minha direção. Espero que o Senhor não faltará a este meu pedido e, portanto, fico esperando pela moça, a fim de ouvi-la e orientá-la, de acordo com o que me parece justo e concorde com a vontade de Deus. De seu amigo. Padre Cícero (Cícero *apud* Guimarães; Dumoulin, 2015, p. 118-119).

[..] Maria, Deus a abençoe. Nesta data, escrevo a seu pai, pedindo para ele consentir na sua vinda aqui. Espero que ele me atenderá. Enquanto não vier, tenha paciência, reze todos os dias, pela manhã e à noite, o seu rosário, retirando do seu espírito todas as ideias más, principalmente a de beber veneno, porque isto são coisas ensinadas pelo demônio, para perder as criaturas. De seu Padrinho e amigo. Padre Cícero [...] (Cícero *apud* Guimarães; Dumoulin, 2015, p. 119).

Na análise dessa atitude do Padre Cícero percebe-se que Maria estava em estado de depressão e que o clima da família não a ajudava, pelo contrário, aprofundava o sofrimento com estresse e ansiedade. Curiosamente, a jovem nos seus conflitos familiares e atormentada mentalmente, recorre ao padrinho, porque tem consciência que será acolhida no seu sofrimento existencial e poderá ser ajudada a viver com dignidade no momento de desesperança e abandono. Assim, as respostas do Pe. Cícero manifestam uma prática pedagógica: acolhe, sensibiliza-se com a dor da jovem e adota um jeito de orientar para o enfrentamento daquela situação. Nessas condições, a solução é que Maria se distanciasse da família por um tempo, viesse a Juazeiro a fim que ele pudesse ajudá-la. Na verdade, o padrinho não só aconselhou, mas propôs avocar, ele mesmo, colocando-se à disposição para acompanhar e

assumir a responsabilidade de orientar de perto a jovem Maria. Portanto, o relato mostra os traços de ação pedagógica do Pe. Cícero no que tange o reconhecimento da dignidade humana e a valorização da vida como princípios fundamentais da vida societária.

A vida do Pe. Cícero era constituída também de firmeza, determinação e exigência no exercício da missão de ensinar os valores humanos e as virtudes cristãs. Ele adotava um tipo de estrutura nas relações, permeadas por fidelidade, respeito e reciprocidade entre ele e seus devotos. Ele não admitia comportamentos desonestos dos seus seguidores e era severo na orientação e punição aos que praticavam atos contra as leis sociais e os mandamentos cristãos. Ele vincula a sua ação pela possibilidade de aplicar o castigo, causa assombro e pode tornar-se o “padrinho da punição”. Na sua orientação, ele abre a porta do arrependimento para o pecador. Ele escreveu uma carta à Beata Luzia, que, sem a sua permissão pedia dinheiro em seu nome, mas no final invoca a bênção de Deus, agindo como pastor paciente que busca formar e educar a sua gente, transformando-se no pai da compaixão:

[...] Eu tenho estranhado muito e, sobretudo, quando andando debaixo do meu nome, sem ter nenhum documento assinado por mim, lhe autorizando esmolar como anda, e conduzindo a imagem do Menino Deus daqui por esses lugares sem licença minha... Pois bem, ao receber esta, não admito desculpas, venha e traga a imagem, que você bem pode considerar que isto não é correto e nem convém... A Santíssima Virgem a abençoe e guarde [...] (Cícero *apud* Guimarães; Dumoulin, p. 4-5).

Podemos dizer, então que nas diferentes circunstâncias da vida do Pe. Cícero, o sentir compaixão é a matriz que desabrocha da sua condição humana. Ele se relaciona com os sertanejos como alguém que está sempre pronto para protegê-los, socorrê-los e atendê-los em suas necessidades. Na mesma medida, é também o sacerdote que pune o afilhado quando este rompe os laços de confiança e se entrega às malhas do erro e do pecado. Na sua dinâmica viva e profunda de adentrar no universo do sertanejo e colocar-se no lugar do outro com humildade, um dos atributos do princípio da misericórdia, o capelão do Juazeiro descobriu a presença amorosa e solidária que abraçou os desvalidos, os flagelados e vítimas da seca, da fome e da miséria quando acolheu e amou o ser humano ferido na sua sublime dignidade.

A experiência do mestre Pe. Cícero emerge em situações de tensões e conflitos das realidades sociais de sujeitos historicamente situados. Em outras

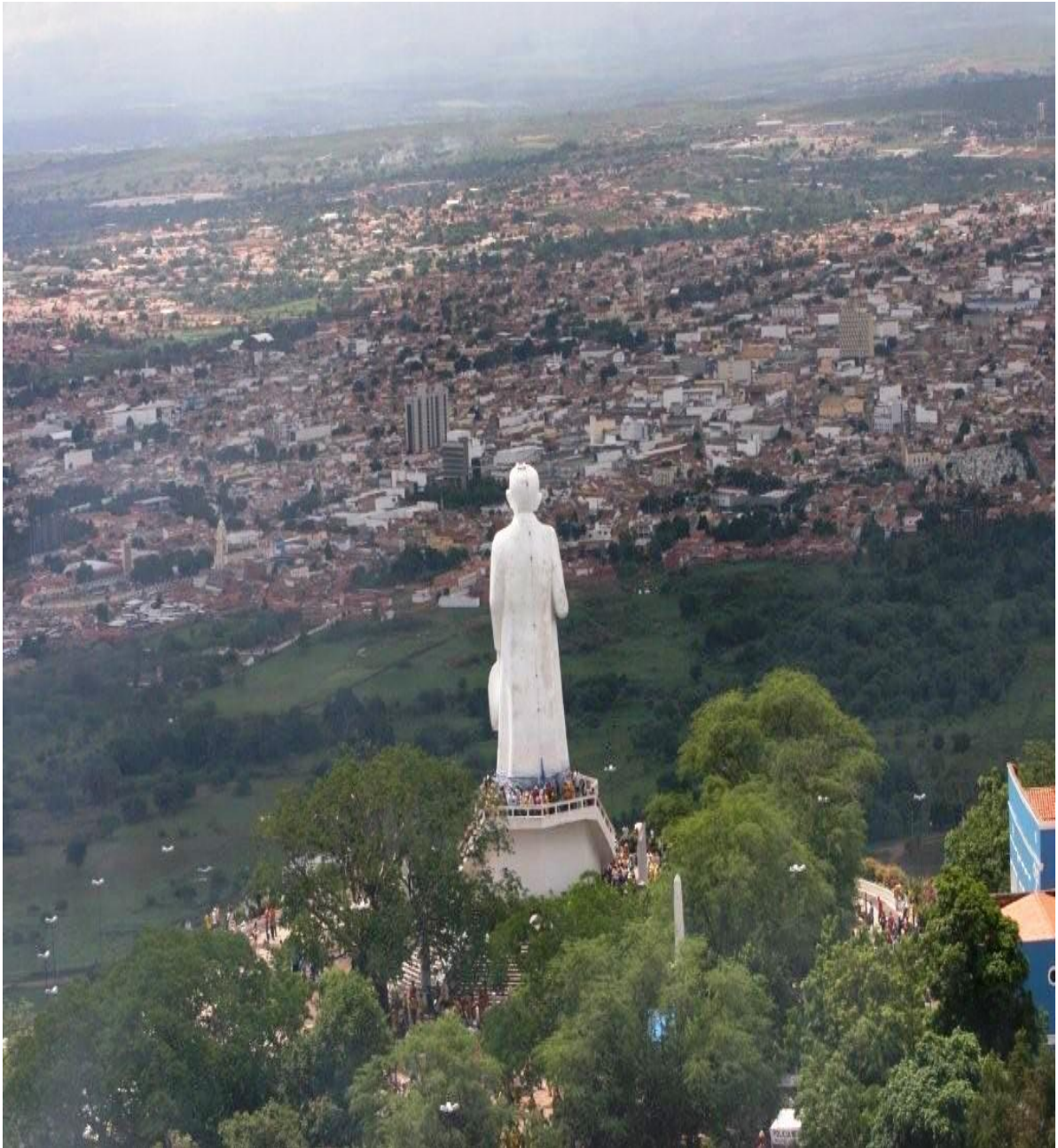
palavras, o Padre Cícero foi se constituindo na sua maestria por experimentar o mundo de sofrimento e aflição cotidiana dos sertanejos e criando estratégias de laços de proteção para enfrentar as secas, as doenças, a violência e a privação das condições basilares de sobrevivência do povo. A rigor, ter compaixão significa colocar-se no lugar do que está precisando, agora, do gesto generoso e amoroso. Nesse momento, se temos algo a oferecer, temos também algo a receber daquele “moribundo”. Instala-se o processo de humanismo de forma dinâmica e dialógica, que se integra, se entrelaça e se complementa em uma evolução e crescimento recíprocos e em forma do espiral.

Nesse sentido, Edgar Morin instiga para o viver plenamente e intensamente a condição humana com a força do amor:

A fé ética é o amor. Mas é um dever ético proteger a racionalidade no coração do amor. [...]. Esse amor nos ensina a resistir à crueldade do mundo, a aceitar/recusar esse mundo. Amor é também coragem. Ele nos permite viver na incerteza e na inquietude. É remédio para a angústia, resposta para a morte é o consolo. [...]. Ame o frágil e o perecível, pois o mais precioso, o melhor, inclusive a consciência, a beleza, a alma, são frágeis e perecíveis (Morin, 2017, p. 202-203).

Nessa direção que podemos entender a cultura do encontro e da política de civilização, em que a missão do mestre que tem compaixão significa a atitude de acolhimento e amor com os outros que vivem abandonados nas periferias do mundo. Esse encontro nasce e desenvolve no diálogo permanente de sentimentos e emoções, de alma a alma. Assim, o tipo de encontro é o lugar hermenêutico, onde o rosto do mestre Pe. Cícero aparece suavemente nos contornos da vida dos nordestinos. Nesse encontro, o padrinho e os seus admiradores e afilhados tornam-se protagonistas do processo de humanização e de regeneração da sociedade, favorecendo reservas humanas do bem viver que concentram suas forças na solidariedade, amorosidade e gratuidade.

CAPITULO II – JUAZEIRO: UMA HISTÓRIA SEM FIM



CAPÍTULO II – JUAZEIRO: UMA HISTÓRIA SEM FIM!

2.1 O Mito fundador: a pedra não vai rolar

No processo histórico de constituição de determinada comunidade, o saber mitológico é a primeira forma de conhecimento e tentativa do homem explicar a natureza da realidade e de sua vida. Esse corpo narrativo baseado na imaginação apela para as múltiplas forças sobrenaturais para compreender o mundo. O mito é sempre uma construção coletiva e uma primeira forma de elaboração do dado da experiência. As entidades transcendentais controlam os impulsos pessoais e a moral social. As narrativas do sentido da vida desde de sempre são expressas pela voz e o suor do tempo, nas quais as histórias desprendem em acontecimentos originários. Os relatos mitológicos são operadores humanos, estabelecendo uma mediação entre o mundo físico e o metafísico. Esses mitos são formas de ordenar o mundo e são reservatórios simbólicos que alimentam a religião entre o divino e o humano. O homem buscava o sentido para a dor, o sofrimento e a guerra. Tudo é explicado como o círculo da vida e da morte, estabelecendo também uma moral. Como nos lembra Morin: “O mito nasce de alguma coisa mais profunda no espírito humano. É inflamado pelo mistério da existência e pelo abismo da morte” (Morin, 2012, p. 42). O mito permite o revigoramento da cultura, o ressignificado das relações sociais e guarda a codificação através da sensibilidade, memória e intuição dos remanescentes de determinada comunidade.

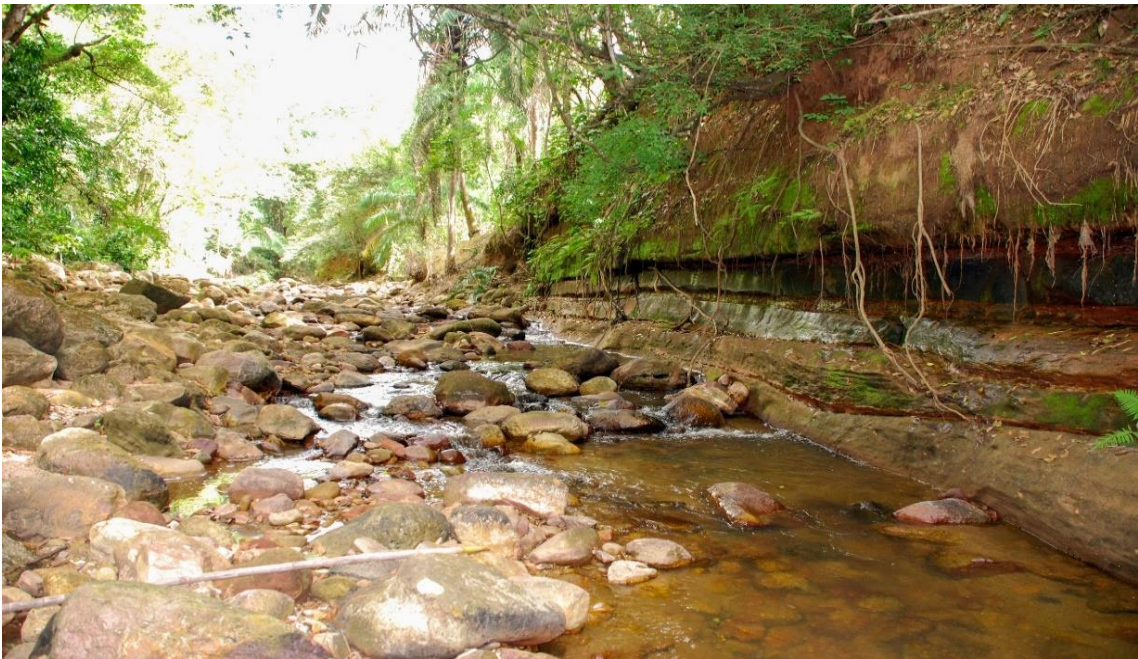
No ponto de vista cognitivo, os mitos são produções do homem em si mesmo. Eles escancaram a própria humanidade e desvendam a necessidade de respeito ao outro que se funda pela razão e a dialogicidade. Esse dispositivo mítico-racional configura-se em uma importante matriz no desenvolvimento do pensamento humano e na construção da cultura, como expressa Conceição Almeida:

Cabe ao mito e às mitologias o papel de repor o estoque estético e poético da compreensão do universo, leituras mais imaginativas e abertas capazes de alimentar uma ciência da ousadia e da incerteza como querem Bruno Latour e Edgar Morin. Como arte e a música, o mito pode ser concebido como uma reserva poético-estética da condição humana” (Almeida, 2017, p. 141).

Nesse sentido, toda cultura cria uma narrativa mitológica, possibilitando o sentido de uma racionalidade que vincula a humanidade na plenitude dos seus aspectos biológicos e na formulação de sua unidade espiritual. Assim, o sagrado é a dimensão compreensível do significado de todas as coisas e os fatos narrados são nutridos pela profunda reprodução e constante renovação dos apelos da vida cotidiana. Portanto, do ponto de vista cognitivo, os mitos desvendam a necessidade de respeito ao outro.

Essa compreensão mitológica é a matriz originária da construção das tribos Cariris que será o lugar mítico da formação histórica desta região e, conseqüentemente, o mito fundador da narrativa do território sagrado do Juazeiro, personificada na pessoa e na obra do Pe. Cícero Romão Batista.

Fotografia 6 - Fonte de água rio da Batateira.



Fonte: Acervo do Geopark Araripe.

A narrativa do mito original da construção da civilização do Cariri é o “mito da pedra da Batateira” que se reporta aos remanescentes das tribos Cariris. Estes acreditavam que todo o vale do Cariri era um mar subterrâneo. Debaxo da terra, dormia a serpente D’água, cuja a enchente era retida pela “Pedra da Batateira”, na encosta da chapada do Araripe no território da cidade do Crato. Nas entranhas da serra do Araripe brota a fonte da vida que é água, espalhando-se pelo vale do Cariri, formando a floresta e projetando a tão sonhada Terra sem Males. Nesse ambiente

natural instala-se e forma a Nação Cariri como um reino encantado que está identificado na natureza, na terra, no céu, no sol, nas estrelas, nas plantas, nos animais e com os seres humanos. Assim, a Pedra da Batateira, que posta pelos indígenas, agora sustenta um mar de água. Caso os homens não sejam bons, não cumpram a lei de Deus, ela suspende o pé, a pedra rola, liberta a baleia e o vale é inundado.

Essa pedra enorme, os pajés profetizaram que um dia ela iria rolar, provocando uma grande inundação no Vale do Cariri e as águas em fúria, destruiriam a cidade e exterminariam todos os habitantes maus que haviam roubado a terra e escravizado os índios. Em determinado momento, as águas baixariam, a terra voltaria a ser fértil e livre e apenas os seus habitantes originários se salvariam daquela terrível inundação, voltando a ser donos e repovoando o paraíso, ocupando a região e vivendo em paz.

Essa lenda, transmitida de geração em geração, inquietava e angustiava os habitantes da região pela possibilidade de destruição, não só da cidade do Crato, pois se esta fosse inundada, Juazeiro também seria lugar onde morava a maioria dos devotos do Padre Cícero. Assim, deu-se uma ressignificação à lenda por esses devotos: Pe. Cícero teria ordenado a colocação de grossas correntes de ferro para amarrar as pedras, evitando, desse modo, que elas rolassem.

No entanto, os romeiros acreditam até hoje que, nos fins dos tempos, a pedra vai rolar. Juazeiro será suspenso e seguro pelas mãos de Nossa Senhora das Dores para que as águas passem, levando as iniquidades e maldades do mundo. Depois, Juazeiro será recolocado no seu lugar, os pobres e deserdados da terra herdarão o paraíso e esse território será sagrado. Nos fundamentos dessa profecia emerge a riqueza cultural do mito das origens da nação Cariri cearense e das representações de Juazeiro para o universo nordestino, como afirma Rosemberg Cariry³:

[...] Juazeiro é um rio que flui das profundidades da alma coletiva, um mundo que se inventa a si mesmo. Não importa que novas lendas surjam a cada dia e que antigos mitos, indígenas, afro-brasileiros e bíblicos sejam sempre recriados – tudo gira em torno do padre Cícero. Se, em vida, ele já era o “Padim”, ao morrer, livrou-se das suas

³ O Filósofo, escritor, pesquisador e cineasta Rosemberg Cariry tem produzido livros, filmes e documentários sobre os fenômenos sociais e religiosos do Nordeste Brasileiro, enfocando o Cariri cearense. Destacam na sua produção filmes de longa metragem como “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto”, “Juazeiro: a nova Jerusalém”; “Corisco e Dadá”

contradições históricas e das limitações humanas e passou a habitar o território do mítico e do sagrado no coração do povo. É inútil buscar, nas ações históricas e contraditórias do padre Cícero homem, todas as motivações para a fé do povo. O mito do “Padim Ciço” tomou o lugar do homem concreto e histórico (...). O “Padim Ciço” é água caririzeira que brota do mar do inconsciente coletivo e universal para desaguar e fertilizar as securas dos sertões (Cariry, 2001, p. 12).

O mito da pedra da Batateira está presente na memória da população caririense e dos peregrinos que visitam a cidade de Juazeiro. A riqueza cultural do mito originário da região do Cariri está na compreensão do espaço mítico, mágico, sagrado, encantado, cheio de mistérios e profecias que processou a construção desse território cearense. Essas narrativas mitológicas ainda perduram, sustentam-se e ressoam profundamente na alma dos pobres sertanejos, possibilitando a criação de uma mística natural e espiritual que produz a fertilidade da terra, a fundação do mundo e dirige os seres humanos, dando existência à nação Cariri.

Na formação histórica do território cearense o aldeamento e povoamento constituíram-se pela busca de pacificação dos indígenas, pela ação missionária e a imposição do projeto de colonização que mobilizava as forças hegemônicas do Estado Português, estabelecendo a mediação entre as forças da burguesia, representada pelos colonos senhores da terra e a Igreja pelos missionários franciscanos. O projeto de ocupação do Cariri Cearense pelo estabelecimento dos colonizadores era composto por fazendeiros, criadores de gado e agricultores que, utilizando a estratégia do uso de armas e armadilhas, minaram a resistência indígena e assentaram o homem branco à terra, instalando, em primeiro lugar, as atividades econômicas na pecuária, e posteriormente a agricultura, sobretudo o cultivo da cana de açúcar, que conseqüentemente deu origem aos primeiros engenhos de rapadura na região do Cariri.

No processo econômico estava a instituição de um sistema de produção predominantemente pela atividade pecuária e as relações de produção semi-servis. Essas novas relações sociais serão impregnadas pelo sistema de submissão e violência, em que camadas de senhores de terra se apropriaram dos processos de produção e as classes dominadas não teriam acesso aos bens produzidos. Nesse contexto, os religiosos e missionários legitimaram esse sistema de submissão violenta com mensagens e rituais, como instrumentos de conformismo dos subalternos da

sociedade aos ditames da ideologia produzida pelos detentores do capital econômico e mando político.

Por conseguinte, a tentativa de aniquilamento da comunidade indígena no Cariri ocorreu pela associação do trabalho dos padres capuchinhos italianos, sob a liderança de Frei Carlos Maria de Ferrara, através da Missão do Miranda que consolidou o aldeamento dos indígenas. Essa dispersão e mesclagem dos indígenas com outras etnias formaram a mistura que resultou no caboclo-cariri.

Nesse íterim, o processo de colonização do Cariri cearense, associado ao conjunto de fatores econômicos com base na pecuária e nas novas relações sociais de produção, somado à violência na organização dos grupos nativos e a ruptura do sistema simbólico do universo das crenças das populações indígenas propiciaram as origens do movimento de independência e criação do Estado do Ceará⁴.

A região do Cariri emergiu, com sua exuberância natural no processo de formação do Ceará, como centro de referência econômica, política e cultural. Os acontecimentos históricos dos séculos XVIII e XIX irradiaram um processo civilizatório, consubstanciado pelas heranças culturais e pela capacidade de se reinventar dos marginalizados e espoliados da sociedade, que estiveram presentes nas camadas formadas pelos indígenas, negros e os mestiços. Os senhores brancos e colonizadores, possuidores das leis e das terras, estabeleceram vínculos com os centros urbanos do Brasil e de outros países da Europa. Notam-se também os laços comerciais e culturais do Cariri cearense com Pernambuco e demais Estados do Nordeste, fortemente influenciado pela localização geográfica equidistante aproximadamente 600 km das capitais nordestinas, e de situar-se no “verde coração do semiárido nordestino”. Desse modo descreve o pesquisador e cineasta Rosemberg Cariry:

O Cariri cearense é um dos berços do processo civilizatório sertanejo; é o grande caldeirão das culturas e etnias do Nordeste. Esse processo civilizatório, que se moveu sobre destroços e ossadas gerou uma cultura original que deita raízes nas principais vertentes das culturas ocidentais[...]A grande riqueza e a grande contribuição do Cariri ao Brasil e ao mundo, não acontece através da cultura letrada e erudita, nem mesmo através do vigor de sua economia ou da sua importância

⁴ Há um vasto acervo de obras clássicas que relatam as origens do Cariri, que podemos destacar, como o livro Efemérides do Cariri, escrita por Irineu Pinheiro como também Engenhos e rapadura do Cariri de José Figueredo Filho. Numa abordagem sobre a descoberta do Cariri, um escritor relevante é João Brígido no seu livro “Ceará, homens e fatos”. Os referidos autores registram apontamentos históricos importantes do processo de povoamento e aldeamento do Cariri Cearense.

política regional. O ouro dessa região é a cultura popular[...], as culturas populares que possibilitaram um verdadeiro renascimento artístico – síntese e ensaio de uma brasilidade herdeira do mundo. (Cariry, 2001, p. 15).

Neste vale do Cariri cearense, região considerada um oásis verde, coração do semiárido nordestino, formando rica biodiversidade caracterizada pela fertilidade do solo e abundância de fontes naturais de águas doces e cristalinas, região do Ceará também marcada pela forte e perversa concentração de renda e pela prevalência de oligarquias políticas, viveu o Padre Cícero Romão Batista (1844-1934). Nesse cenário, Cícero viveu 90 anos, 62 dos quais, na cidade de Juazeiro do Norte, lugar que escolheu para viver, construir um projeto e realizar um sonho de edificar uma cidade alicerçada nos pilares da fé e do trabalho.

Nesse universo mítico encontra-se o vínculo do Padre Cícero com uma verdadeira e genuína preocupação com o seu povo. Este povo reconhece no sacerdote um líder espiritual e estabelece uma relação de confiança que a pedra da batateira não vai rolar, porque o seu padrinho é enviado pela divindade para proteger e defender os habitantes do cariri e seus romeiros que visitam o Juazeiro. Essa emblemática e contínua relação, entre o padre e seus devotos, faz parte de uma cadeia de intimidade e confiança que envolve, condiciona e protege o espaço da construção social da cidade de Juazeiro. Essa estruturação e organização do mito abrigam na sua dimensão social e religiosa a crença que jamais a pedra vai rolar, porque, no imaginário popular, o padre Cícero mantém firme, pois as suas mãos estão escavadas nas barreiras contra os inimigos do Juazeiro e carrega no seu ventre a força protetora dos filhos da “terra da Mãe de Deus”.

2.2 JUAZEIRO: a missão e a utopia

Fotografia 7 - Vista do Juazeiro do Norte.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

O ponto básico do entendimento da história do Pe. Cícero é que sua existência humana brota de determinado lugar, sendo esse lugar a cidade de Juazeiro. O processo de construção desse território é marcado profundamente por uma multiplicidade de fatores circunscritos pela capacidade de mobilização, superação de conflitos, enfrentamento de tensões, resistência às ameaças de destruição e permanente reconstrução.

Pode-se afirmar que Juazeiro é o lugar do mito, o espaço da vivência da fé, da espacialidade mística, acompanhada do desenvolvimento do trabalho, da potencialização das capacidades humanas, da garantia de sobrevivência, do crescimento das atividades produtivas e da referência de liderança política e religiosa do Nordeste Brasileiro, encarnada na figura do Pe. Cícero Romão Batista.

Desse modo, a experiência do Padre Cícero e sua ação transformadora da aldeia têm potencializado uma dimensão fundamental no processo de construção da cidade. De fato, a presença real do Pe. Cícero assumiu uma peculiaridade nas conquistas históricas da cidade e na constituição de espaço político e religioso brasileiro. Isso significa que na experiência concreta dos movimentos sociais e das

romarias que emergiu uma noção de religiosidade popular e ampliou o exercício de uma cultura política centrada no personagem Pe. Cícero, que articulou o espaço para a manifestação da fé e o significado do lugar de construção da cidadania.

“Juazeiro é uma terra de pouca geografia e muita história”, (Murilo *apud* Cava, 2014, p. 9) disse numa de suas homilias, o Pe. Murilo de Sá Barreto. Essa assertiva evoca para o procedimento narrativo de um lugar e tempo histórico que na sua travessia nutre de profunda reprodução, permanente construção e constante renovação. Essa é a vocação existencial de aproximações de fatos e pessoas no decorrer de quase dois séculos que transitam no território de Juazeiro.

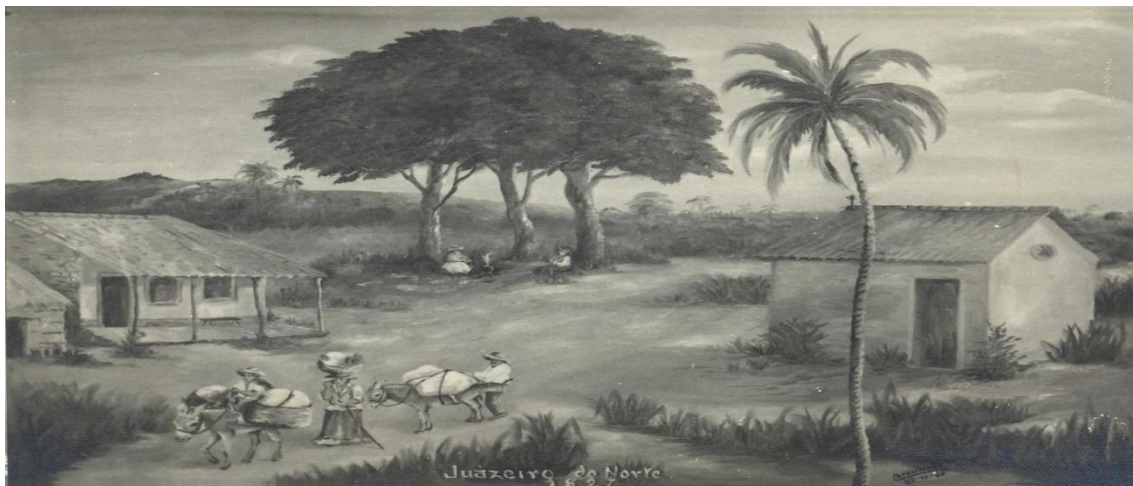
No princípio era um sítio com árvores frondosas que enfeitavam a planície bonita e fértil de uma enorme pastagem e que produziam abundantemente frutos para alimentar o gado. Nesse panorama deslumbrante ao sopé da serra do Catolé, existe uma árvore alta e copada, da família das ramnáceas, característica da caatinga do Nordeste, de folhas trinérveas, flores pequeninas, frutos amarelos e cuja casca é rica em saponina. Ela é a única árvore que, mesmo durante as secas, permanece verde e frondosa, fornecendo uma imensa sombra. O interessante dessa árvore denominada de Juá consiste em fornecer sombra e alimentos para os animais e os seres humanos, originando o nome da cidade de Juazeiro⁵.

⁵ Deve-se a nomenclatura contemporânea, Juazeiro, ao cientista Carl Friedrich Philipp von Martius (Erlanger, Alemanha, 1794 – Munique, Alemanha, 1868), renomado naturalista do século XIX, docente de botânica na Universidade de Berlim e diretor do Jardim Botânico de Munique. Ele veio ao Brasil como um dos integrantes da Missão Austríaca, que acompanhou a imperatriz Leopoldina, na ocasião de seu casamento com D. Pedro I. Martius permaneceu no país entre 1817 e 1820. Tendo como companheiro de viagem o zoólogo Johann Baptist von Spix. Realizou expedições pelas regiões Norte, Nordeste e Sudeste, onde colheu e catalogou vasta quantidade de espécies vegetais. Dentre elas, o Joazeiro (*Ziziphus joazeiro*). A divulgação desta nomenclatura original, que hoje abriga uma centena de espécies de juás, somente se verificou com a publicação da extraordinária obra, em 15 volumes, denominada “Flora Brasiliensis”. Ela começou a ser conhecida pelo mundo em 1840, pelos editores C.F.P von Martius, August Wilhelm Eichler e Ignatz Urban, com a participação de 65 especialistas de vários países. Portanto, antes dessa data – 1840, é pouco provável que a designação tenha sido aplicada entre nós. O povoado, nascido no ambiente agrícola, inicialmente privado, e a partir de uma capelania, em 15.09.1827. Era conhecido antes pelo nome de Taboleiro Grande. O nome Joazeiro só aparece em mapas do Estado do Ceará a partir de 1861. Especificamente, pela ocorrência botânica em áreas de tabuleiros, na região do Cariri, o nome foi associado ao sítio de passagem de tropeiros e viajantes que transitavam pela área, de aprazíveis condições climáticas. “Vamos repousar nos Joazeiros”, diziam. E assim permaneceu. O nome Joazeiro, originalmente, sofreu algumas alterações gráficas. Mesmo como designação botânica, latina, alterou-se de *Zizyphus* para *Ziziphus*. No vernáculo, as alterações foram de Joaseiro, para Joazeiro, Juàzeiro, Juazeiro. Nos escritos originais consta “seiro” (depois, zeiro) como sufixo, característico da unidade geradora das regras da nomenclatura botânica. A denominação Joaseiro, erroneamente, remonta ao povoado no seu primeiro núcleo de habitantes, em 1827, até sua independência, em 1911, emanando depois como Juazeiro. A partir de 1943, mediante consulta pública no município, passou a se chamar Juazeiro do Norte, através do Decreto Estadual nº 1114, de 30.12.1943, ratificado pelo Parecer 14.06.1946, do Conselho Nacional de Geografia (IBGE), instrumento legal válido até os dias atuais.

Nas proximidades havia o rio Salgadinho, onde eram visíveis três grandes pés de Juazeiros, formando um triângulo grande e frondejante pela beleza do verde. A rotina da população do Juazeiro era determinada por ser um lugar de passagem para transportar os alimentos e animais entre as regiões do Pernambuco, Piauí, Paraíba e Ceará, devido estar localizado geograficamente nas fronteiras desses estados nordestinos. Nesta sombra do juá, os viajantes programavam o repouso, baixavam as cargas dos animais, alimentavam-nos e aproveitavam a abundante pastagem.

Nos primórdios, era a fazenda Tabuleiro Grande com a gleba de terras pertencente ao Brigadeiro Leandro Bezerra de Monteiro que fez sua moradia, seguindo com a construção de uma casa de farinha de mandioca.

Fotografia 8 - Pintura da artista Maria Assunção Gonçalves retratando o Juazeiro Primitivo (1827).



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Esse lugarejo de Passagem era constituído de poucos habitantes em que algumas famílias eram proprietárias das terras e os outros eram trabalhadores que desenvolviam a plantação de mandioca e ligados à cana de açúcar. Muitos deles eram escravos de origens mestiças que, sem recursos financeiros, vinham trabalhar nos engenhos de cana de açúcar.

Segundo a literatura da maioria dos memorialistas e acadêmicos, o contexto social, econômico e religioso do Juazeiro, antes da chegada do Pe. Cícero, era do povoado com características de desordem, ignorância, insignificante, desprezível e que carregava as marcas de um arraial “sem Deus, sem lei e sem instrução”. Em recente pesquisa, novas narrativas surgem, referindo o povoado como lugar que

detém uma estrutura de organização no período de 1850, sendo contemplado com educação através da instalação de cadeira de ensino público na modalidade do curso primário e com a criação de distrito policial para garantir a segurança diante da prática de desordem e violência. No campo religioso, em 1870 registra-se na imprensa da região, a realização da festa da padroeira no povoado do Joaseiro com a participação dos moradores e a coordenação da festa pelas famílias, com a participação da banda de música da cidade do Crato.

Nesse cenário de várias narrativas sobre as origens do povoado do Juazeiro, pode-se atestar que o seu nascimento e a forma de desenvolvimento nos primórdios da sua história foram desfrutados por um contexto singular pela convergência de aspectos que envolvem o modo de viver, trabalhar e produzir pelo cultivo da terra e criação de animais pelos seus habitantes, a sua privilegiada localização geográfica, as bases da religião católica criando uma atmosfera de paz e tranquilidade. Ao mesmo tempo, as representações diversas acerca da vida do Nordeste estavam presentes como escravidão, violência, vícios, como o consumo de cachaças, e terreiros de samba, como o “forrobodó”. Todos esses aspectos se entrelaçam na formação do lugarejo que o diferencia das origens de outros lugares da própria região do cariri.

Um acontecimento fundante ocorreu em 11 de abril de 1872, chegava para fixar residência definitivamente no povoado do Joaseiro, o sacerdote Pe. Cícero Romão Batista. Ele vinha da cidade do Crato na companhia de sua mãe, Joaquina Vicência Romana (Dona Quinô), suas irmãs Angélica Romana Batista e Maria Angélica Batista (Mariquinha) e a senhora Tereza Maria de Jesus (Terezinha ou Teresa do Padre). A primeira casa que foi morar localizava-se na Rua do Arame, depois chamada Rua Grande e, atualmente, rua Pe. Cícero, número 130. A vila do Joaseiro continha aproximadamente 32 casas e um pequeno contingente populacional.

A atitude de estabelecer morada no pequeno povoado significou abandonar o desejo de ser missionário na China ou mesmo o projeto de ser professor no Seminário da Prainha em Fortaleza. Outro importante aspecto dessa história é que o Pe. Cícero não veio sozinho, mas trouxe consigo a mãe viúva, as irmãs órfãs e uma senhora que vivia com a sua família. Para muitos, esse gesto revelou o cuidado, o amor e o senso de responsabilidade com sua família.

Em 1889, os fenômenos do derramamento da hóstia sagrada ocorreram. Nasceram nessa época as romarias e se introduziram os fatos religiosos do Juazeiro.

É nesse ambiente que o fato extraordinário e misterioso provocou uma reviravolta dramática na vida do capelão amado e foi um divisor de águas na construção do território sagrado do Juazeiro.

Com efeito, a estrutura eclesial constituída pela hierarquia eclesiástica e as elites econômicas e políticas propagavam a ideia dos contravalores que sedimentavam a cidade e os romeiros como fanáticos, idolatras, ignorantes e desobedientes. Em resposta, os romeiros foram desenvolvendo economicamente a cidade e edificando a espacialidade sagrada com muita criatividade, originalidade e persistência com inovação na arte de reinventar as expressões originais e autênticas da sua religiosidade com resistência e fidelidade ao padre Cícero. Muitos decidiram morar na cidade e foram estabelecendo mecanismos de sobrevivência de vida através do desenvolvimento das suas potencialidades e capacidades para o trabalho

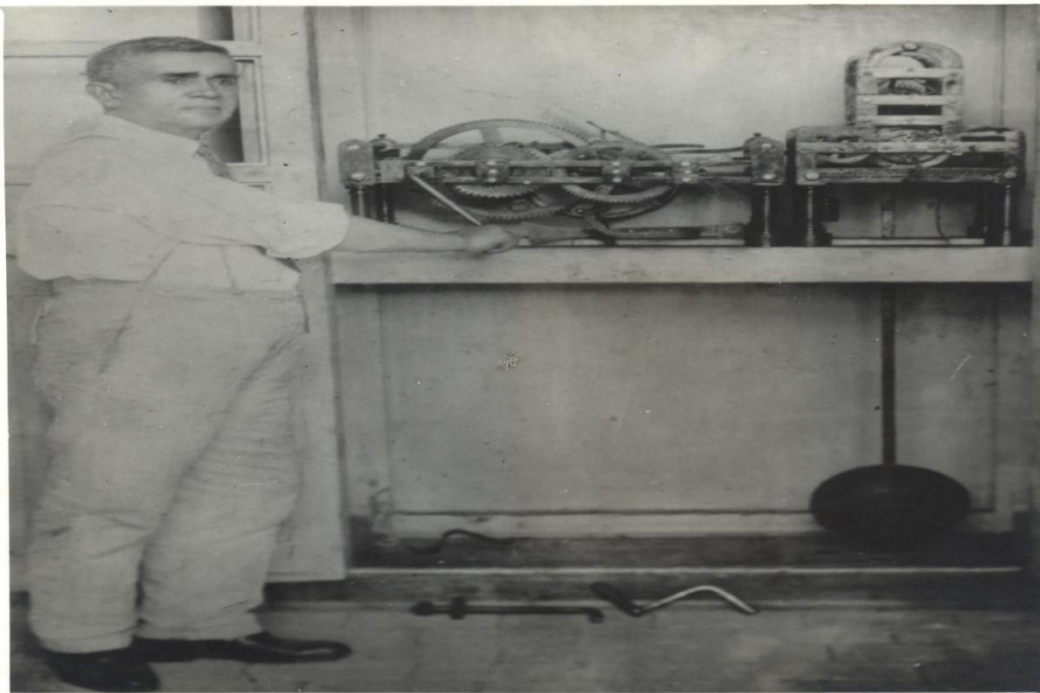
De modo que os predicados atribuídos pelos peregrinos ao Padrinho Cícero revestem de significação para o legado daqueles que continuam ocorrendo ao Juazeiro para realizar o sonho de edificação da cidade e sentem a proteção e o cuidado do seu guia espiritual. Sobre essa ótica, escreve Rosemberg Cariry:

[...] Em Juazeiro, as pedras se transformarão em pão e, nos rios, correrão o leite e o mel. Enquanto o “Paraíso” não se desencanta e o sonho da *Nova Jerusalém* não se realiza, o povo resiste e encontra, na sua própria história e cultura (em construção), as formas de luta e da necessária resistência. A cultura cabocla-cariri não é a cultura da miséria, é antes a cultura que à miséria resiste e que afirma a vida no ritual da beleza possível. Em Juazeiro, o sonho [...] não acabou e a história não tem fim. Em Juazeiro, a utopia ainda é uma força que transforma corações e mentes (Cariry, 2001, p. 12).

É esta perspectiva que instaura uma nova verdade da experiência do Juazeiro como novo centro de convergência religiosa do Nordeste e lugar de refúgio e salvação, nutrida pela esperança de uma vida melhor e alimentada pela reconstrução permanente da utopia de que todos são filhos de Deus. Esse valor de cidade que tem força de reconstruir diante das permanentes ameaças, sejam econômicas ou políticas, guarda íntima relação com a temporalidade e as crenças religiosas. Em outras palavras, a história de Juazeiro circunscreve por um determinado horizonte de possibilidade de valiosa reconstrução e recriação perene que efetiva, através do processo de rompimento das barreiras opressoras, estabelecendo uma conjugação de forças fundamentadas na harmonia, na paz e na justiça social.

Na compreensão deste complexo fenômeno Pe. Cícero na sedimentação da utopia sertaneja que Juazeiro representa para os romeiros, a noção de trabalho, enquanto atividade vital, criadora, fonte de sentido para a vida, meio de garantir a felicidade e forma de sobrevivência humana está enraizada como pilar da construção da identidade da cidade. Situando a dimensão do trabalho como fonte integradora do desenvolvimento social, a estratégia do Pe. Cícero de estabelecer uma rede de produção agrícola, comercial e artesanal com ênfase na fabricação de artigos religiosos que impulsiona a consolidação de Juazeiro como centro econômico de referência no interior do Nordeste.

Fotografia 9 - Mestre Pelúcio Correia de Macedo na fábrica de relógio (1949).



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/ Daniel Walker.

Um caso emblemático e de relevância é o diálogo do sacerdote com um filho da terra. O mestre Pelúcio Correia de Macedo (1867-1955), juazeirense, que, segundo relatos, tinha uma admirável inteligência, fundou a primeira escola de música e o primeiro grande cinema da cidade. Ele era telegrafista, sineiro e relojoeiro. A sua família desfrutava de forte amizade com o Pe. Cícero, que conhecia o talento e a capacidade criativa do senhor Pelúcio.

Certa ocasião, o Pe. Cícero percebendo a necessidade de desenvolver a cidade pelo trabalho e a comercialização de produtos que naquela época

transformavam Juazeiro num polo de atração de muita gente, estabeleceu o diálogo com o mestre Pelúcio nestes termos:

Pe. CÍCERO: Olha, Pelúcio, fico triste quando vejo essa criançada crescendo, sem ter um ofício. Já estou encaminhando uns para aprenderem a arte de sapateiro, pois é uma arte que sempre dá, todo mundo precisa andar calçado; outros encaminhei para a ourivesaria, a fim de se tornarem bons artífices, e agora, desejo montar uma fábrica de relógio

PELÚSIO: Meu padrinho, e onde vai ser essa fábrica?

Pe. CÍCERO: Aqui em Juazeiro.

PELÚSIO: E onde o senhor vai mandar buscar os engenheiros para fazê-la funcionar?

Pe. CÍCERO: Aqui em Juazeiro.

PELÚSIO: Em Juazeiro?

Pe. CÍCERO: Sim, homem de Deus. O engenheiro que escolhi foi você. A fábrica vai ser dirigida pelo meu bom amigo e afilhado.

PELÚSIO: Mas, meu padrinho, eu nunca tive a menor noção de tal coisa.

Pe. CÍCERO: Pelúcio, para você não há problema. Temos que montar essa fábrica de relógios monumentais, a fim de servir de escola para uma parte dessa rapaziada.

PELÚSIO: Mas, meu padrinho, como é que eu posso fazer uma coisa que eu nunca fiz?

Pe. CÍCERO: Fazendo a primeira vez! Vou mandar comprar um despertador. Quando chegar, você desmonta, veja como funcionam suas peças, estude-as. Depois você montará. Quando isso acontecer, já tem meio caminho andado para implantar a fábrica em Juazeiro.

PELÚSIO: Meu padrinho, como vou fabricar essas peças?

Pe. CÍCERO: Meu camarada, você usa o mesmo processo dos ourives. Faz fundição em areia. Quando às ligas dos metais, essas, os livros ensinam (Dumoulin, 2019, p. 59-60).

Em nossa percepção esse diálogo revela a crença e confiança do Pe. Cícero na potencialidade da pessoa quando indicava o caminho a seguir e motivava para o exercício da profissão, mostrando as consequências positivas de esforço da aprendizagem pela ação prática. Nesse sentido, o sacerdote enxerga em meio àqueles tempos sombrios possibilidades que somente um homem à frente de seu tempo pode enxergar, um exemplo de “intelectual contemporâneo” nos moldes do que anuncia o filósofo Giorgio Aganbem (2009). O método de educação adotado pelo Pe. Cícero consistia no saber/fazendo como mecanismo de aprendizagem, propiciava os meios e orientava para o trabalho como forma de sobrevivência.

Na verdade, a proposição do Pe. Cícero com o projeto de construção do relógio provocou um relevante impacto na subjetividade do sineiro. O sacerdote reconheceu a capacidade do oficineiro de construir um equipamento relevante para a

cidade.⁶ Na aceitação e o consentimento do telegrafista reside o zelo pelo trabalho e a plena confiança no seu padrinho. O trabalhador nunca ousaria desobedecer, nem transgredir a determinação oriunda daquele sacerdote.

Esse episódio notabiliza a aproximação com o estilo do pensamento complexo na medida em que apresenta o caminho dialógico consubstanciado na relação entre o sacerdote Cícero e Mestre Pelúcio como ferramenta geradora de valorização da arte, de promoção da dignidade do trabalho pela fabricação de um produto, na identificação das necessidades da sociedade e, portanto, como criador de suporte no comportamento e fortalecimento dos laços de sociabilidade da comunidade pertencente à cidade de Juazeiro.

Em suma, Juazeiro é uma terra de intensos acontecimentos históricos frutos do sonho e da missão do Mestre Pe. Cícero. Essa realidade conectada com o movimento dos romeiros que vêm edificando a cidade mística de Juazeiro de forma singular, contribuindo para o seu desenvolvimento econômico, social e multicultural, no processo de hibridação entre a fé e o trabalho. Esse caminho da cidade, que permanece continuamente em reconstrução, tem as suas bases de sustentação nos ensinamentos e na força transformadora da ação do Pe. Cícero que, com sua obstinação, seu sonho e seu carisma de padrinho e patriarca bem soube plantar a perseverança, irrigar a fé, semear a paz, irradiar luzes e ver brotar a esperança nas glebas e corações dos nordestinos.

Há um relato que a memória popular guarda até hoje. O seu Antônio, romeiro alagoano chegou ao Juazeiro e dirigiu-se à casa do Pe. Cícero para pedir uma orientação para sua vida. Esse era um hábito do romeiro que procura o sacerdote para a permissão de morada e conselhos para o encaminhamento profissional. Ele estava sem trabalho e queria morar no “santo Joazeiro”. Em uma atitude costumeira, o padrinho perguntou o que ele sabia fazer. Imediatamente, o devoto respondeu: “sou funileiro e sei fabricar lamparinas”. Então, o Pe. Cícero orientou a arranjar uma casa e fazer a maior quantidade de candeeiros. Alguns dias passam e o artesão fabrica os candeeiros. O seu Antônio volta à casa do Padre queixando-se que produziu muitas lamparinas, mas não estava vendendo. A resposta do padre foi: continue fazendo as

⁶ Um relógio construído por Mestre Pelúcio encontra-se até hoje na Coluna da hora na Praça Pe. Cícero, funcionando normalmente e merece destaque por marcar o horário e as fases da lua. A fábrica de relógios, que supriu a necessidade de vários lugares do Nordeste, continua funcionando até hoje. Muitas gerações foram formadas nessa fábrica e aprenderam o ofício de relojoeiro.

lâmpadas. Oromeiro, obediente ao seu padrinho, voltou a fazer mais lâmpadas. Neste ínterim, certo dia, no final da tarde, no encontro de oração com osromeiros, o Pe. Cícero convocou todos os habitantes do povoado e visitantes para a procissão noturna em comemoração ao dia de Nossa Senhora das Candeias, que a tradição cristã católica celebra no dia 02 de fevereiro, na festa da apresentação de Jesus no templo e a Virgem da Purificação. O Pe. Cícero convidou cada devoto, no dia da procissão, a adquirir um candeieiro na oficina doromeiro Antônio para iluminar as ruas da cidade. Osromeiros, obedientes ao seu padrinho, compraram os candeieiros, houve a procissão e a partir daquele dia nasceu a festa e romaria de Nossa Senhora das Candeias, mantida até os dias atuais como uma expressiva manifestação de fé. Essa tradição continua sendo alimentada com tanta sabedoria e criatividade que oromeiro fez a composição de bendito que expressava os símbolos da fé e da beleza autêntica da almaromeira que canta para iluminar o seu caminho: “No caminho de Juazeiro, nunca ninguém se perdeu! Por causa da “iluminura” da Mãe de Deus das Candeias!”

Fotografia 10 - Procissão de Nossa Senhora das Candeias.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/ Daniel Walker.

O momento tornou-se especial pelo fato de ser um dos meios de contestação popular, face às rígidas sanções da hierarquia da Igreja contra o Padre Cícero. Esse episódio revela a aproximação e a capacidade de ouvir e aconselhar do Pe. Cícero, possibilitando encaminhar uma solução para o problema do devoto. Este sacerdote é muito prático e adota a estratégia do mediador de situações conflituosas, reconhecendo a legitimidade da vontade do romeiro em fixar moradia em Juazeiro. O peregrino sente a possibilidade de construir sua vida na plena, total e absoluta confiança no seu patriarca. O devoto sente o prazer de colaborar para o desenvolvimento do Juazeiro.

Neste panorama, a experiência de fé e trabalho na relação do padre Cícero e o romeiro Antônio é a manifestação do encontro autêntico, o abraço acolhedor ao outro, infundindo a esperança na convivência humana. O padre e o romeiro juntos procuram tecer e estruturar a realidade, operando o ideário de redenção material e espiritual para os sofredores e injustiçados dos sertões nordestinos.

No Juazeiro, as sociabilidades cotidianas e coletivas são produzidas na perspectiva mística que consubstancia o lugar da resistência e da esperança que repousa a alma sertaneja. Assim, a potência da cidade é a certeza que ela nunca termina, nem será extinta. Ela foi fundada pelo Pe. Cícero que ensinou e trabalhou com os seus habitantes e visitantes a transformação da situação de caos, abandono e miséria em solo de fertilidade e abundância.

A convicção do sacerdote é que essa terra é sustentada na fé e no trabalho, que exprimiu nesse pensamento: “Aqui (Juazeiro) tem sido um refúgio dos náufragos da vida. Tem gente de toda parte que, modestamente, vem abrigar-se debaixo da proteção da Santíssima Virgem” (Cícero *apud* Walker, 2009, p. 3). Portanto, no imaginário do devoto, a cidade é símbolo da construção sempre renovada da redenção da vida aniquilada socialmente e porta do paraíso da esperança para abrigar os aflitos e pobres sertanejos.

2.3 O Horto: o juízo final, história sem fim

Fotografia 11 - A Colina do Horto em Juazeiro do Norte – 1969.



Fonte: Acervo de Demontier Tenório.

No período de 1877-1890, a seca continuava afligindo as pessoas do vale do Cariri. Os flagelos e sofrimentos campeavam por todos os lugares destas terras áridas do interior cearense. O povo, abandonado pela ausência de políticas públicas, era explorado pelos proprietários de terra. Há uma grande mobilização do clero, reunindo o Pe. Cícero, no Juazeiro, o Pe. Félix Arnaud, em Missão Velha e Pe. Fernandes Távora, no Crato, “Faziam romarias de penitência de uma cidade a outra; levavam as imagens aos campos suplicando que fizesse cair do céu a chuva” (Oliveira, 1969, p. 61). Em 1890, os padres juntos fizeram uma súplica pelo bom inverno e prometeram que no fim da seca construiriam uma Igreja gigantesca no alto do sitio Catolé em honra ao Sagrado Coração de Jesus. Em poucos dias, as chuvas começaram a cair em abundância na região. Espalhou-se a notícia de que “O Coração de Jesus atendeu as orações de seu Padre”. O sacerdote Cícero começou a trabalhar em mutirão para cumprir o pagamento da promessa. Esse acontecimento foi peculiar para os sertanejos engradeceram e reconheceram a “santidade” do Pe. Cícero como sacerdote místico e virtuoso.

Fotografia 12 - Serra do Catolé/Colina do Horto com o cruzeiro, o pé de tambor e a presença dos devotos (1942).



Fonte: Arquivo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

No intuito de cumprimento da promessa, no tocante à construção da capela no alto do horto, houve um processo de mobilização pelo Pe. Cícero, no sentido de conseguir a doação ou mesmo comprar o terreno. O vigário do Crato articulou a licença do bispo. E o povo atribuindo o inverno mais a um “milagre do Pe. Cícero” estava extremamente motivado para o trabalho de construção desse templo. As mulheres, homens e crianças estavam agradecidos pela graça alcançada e trabalhavam em mutirão, carregando cal, pedra, água, areia e todo o material necessário para a construção da igreja. As bases dos alicerces para a edificação da capela são iniciadas com intensidade pelos trabalhadores e dirigidas pelo capelão do Juazeiro. Este designou alguns homens simples que acreditavam participar de um projeto divino que era a construção de uma igreja numa montanha sagrada e tornaram-se os mestres de obra.

Nos momentos de conflitos entre a hierarquia da Igreja e o Pe. Cícero emergiram decisões que afetaram o plano da edificação da capela do horto. Uma das medidas do bispo dom Joaquim Vieira foi a suspensão da construção da Igreja na serra do Catolé. A ordem da suspensão foi obedecida pelo capelão e seu povo. Contudo, na consciência, Pe. Cícero guardou sempre a crença na natureza sagrada do templo:

[...] É preciso continuarmos com os trabalhos da Igreja do Horto. Nossa Mãe das Dores assim o quer, e assim, por mais de uma vez, mo tem revelado. À obra, pois, à obra de Deus, meus amiguinhos! Quem sabe si não havemos de nos escapar ali de um enorme aguaceiro semelhante ao dilúvio?! Ah! Quem sabe? À obra de Deus, ainda uma vez, pois, meus amiguinhos! (Cícero *apud* Peixoto, 2011, p. 36).

Essa narrativa da obra como revelação divina alimentava a realização do sonho do pagamento da promessa. Isso era profundamente introjetado na mentalidade do povo, que o trabalho não era mera atividade, mas um ritual sagrado e uma celebração religiosa e mística que envolvia e conduzia a todos na crença de sua contribuição para obter o estado de graça no intuito de alcançar a salvação eterna. A convicção era forte na mente do povo que também acreditava que os materiais da obra eram sagrados e o carregamento para o espaço de construção da Igreja era realizado em um ambiente místico e de devoção, transcorrendo em forma de uma procissão, tendo à frente um beato carregando uma bandeira do Divino e cantando os benditos.

Neste processo, o bispo D. Joaquim Vieira em 1896 impõe a primeira interdição das obras da Igreja do horto que já tinha sido edificada aproximadamente 10 metros de altura. O documento é entregue ao Pe. Cícero que entrou numa profunda tristeza e indignação, mas submeteu-se às ordens oriundas das autoridades eclesiais. Ele continuava acalentando o sonho de construção da capela do horto por dever de consciência do cumprimento da promessa ao Sagrado Coração de Jesus.

Em 1898, o retorno do Pe. Cícero de Roma significou a retomada do projeto de construção da capela do horto. Ele mandou o Senhor Pedro Coutinho executar a maquete de folhas de flandres, sendo um suntuoso monumento que proporcionasse o deslumbramento das populações. Sob a direção do sacerdote Cícero, a obra é continuada no cumprimento da promessa com o trabalho de cooperação e mutirão pelos devotos.

Nessa trajetória, a construção da Igreja continuava a todo vapor. No entanto, em 1903, houve uma nova interdição do bispo do Ceará, enviando um novo ofício proibitivo de suspensão da obra e, imediatamente, foi obedecido pelo Pe. Cícero. O documento de proibição do bispo do Ceará contém informações distorcidas que não teria autorizado a construção da Capela e ressalta a influência do sacerdote ao povo

que o bispo diocesano considera ignorante, fanático e supersticioso. Por outro lado, os romeiros, observando as paredes levantadas da capela, interpretavam como símbolo de fé e devoção. Todo aquele lugar representava o Horto das Oliveiras que identificava, do mesmo modo do martírio de Jesus, agora era o Pe. Cícero perseguido, humilhado e condenado injustamente pelas autoridades eclesiásticas. No sentimento do Pe. Cícero era o cumprimento do calvário, pois o sofrimento infringido o fez suar sangue. Ele estava suspenso das suas ordens sacerdotais, o povo, desassistido nos sacramentos da Igreja, sequer podia cumprir a promessa ao Sagrado Coração de Jesus.

Desse modo, as sanções da hierarquia da Igreja Cearense e Romana, grande parte do clero da região afastou-se do Juazeiro com medo das represálias do bispo diocesano. Ao Pe. Cícero e aos devotos do Juazeiro restava sustentar e propagar a sacralidade do horto por todo o Nordeste. Os primeiros beatos, em sua maioria oriunda das casas de caridade do Padre Ibiapina, decidiram morar na “Terra da Mãe de Deus”. Eles ocupavam o território do Juazeiro e se assenhoravam das coisas sagradas do povoado, construindo o imaginário do Horto das Oliveiras e do Santo Sepulcro, além de formarem comunidades para viver da oração e do trabalho.

Exemplificando, os beatos Manoel João e Manoel Palmeira denominam o serrote do Catolé como Horto das Oliveiras e Santo Sepulcro. No imaginário do caminho do Horto se encontravam o rio Jordão, o Monte Sinai, a Pedra do Joelho de Nossa Senhora. No Santo Sepulcro encontraram a gruta do nascimento de Jesus e seu sepulcro, o Gólgota, as pedras do pecado e as catorze capelas da Via Sacra. Estava constituída a Nova Jerusalém sertaneja. Essa construção do território sagrado é uma fonte inesgotável de energia mágica e misticismo. Essa realidade não é apenas guardada na memória mítica de um povo. Ela dinamiza esperanças, certezas e realizações e solidifica uma memória sagrada, fazendo os romeiros lembrar frequentemente as palavras do Padrinho Cícero:

Vocês podem percorrer o mundo inteiro, como uma mãe de família com seu filho nos braços, sem encontrar uma colherada de farinha para alimentá-lo: venham a Juazeiro e aqui encontrarão o que comer. Vocês podem percorrer o mundo inteiro, tendo-se evaporando as águas do mundo, sem encontrar um copo d’água para matar a sede. Venham a Juazeiro e aqui encontrarão o que beber (Cícero *apud* Guimarães, 2011, p. 41).

Esse conselho do Pe. Cícero é compreendido pelos devotos, caracterizando a singularidade desse território sagrado que alimentou e continuava mantendo a esperança viva de muitos romeiros se fixarem em Juazeiro. Essa decisão de morar propiciou a efetivação dos fundamentos da Nova Jerusalém, possibilitando a vivência na peregrinação aos lugares santos. O pensador Antônio Braga afirma:

Quando o sertanejo pobre ia para Juazeiro, fugindo da fome, injustiça e sofrimento, ele não era “retirante” porque neste caso a viagem ganhava um destino e um sentido religioso, caracterizando-se como romaria. O destino era o Juazeiro sagrado do Padrinho Cícero. O sentido estava dado no ser um afilhado, um romeiro ‘do meu Padrinho’ (Braga, 2008, p. 243).

A rigor, o Juazeiro assume essa dimensão de encantamento e sacralidade, ao tempo que se transformou em centro de salvação material para muitos peregrinos que reconheciam como o maior “milagre” do Pe. Cícero pelo vigor do seu desenvolvimento econômico e as possibilidades reais de recuperar da saúde, comprar uma casa, abandonar os vícios, montar o comércio, adquirir o emprego e viver sua religiosidade. Segundo os romeiros, Juazeiro é a prova inconteste que a união fé e trabalho como plataforma de vida no seguimento aos conselhos do Pe. Cícero alcança um desenvolvimento sustentável e progressista.

Nesta compreensão dos caminhos de tentativa de destruição e força de reconstrução representada pela Igreja do horto, ressalta-se que o Pe. Cícero morreu em 1934 sem o pagamento da promessa, em virtude das determinações da hierarquia eclesiástica. Em diversos momentos de retomada da obra da capela do horto, emerge uma forte tensão entre o padre e o bispo diocesano preocupado em julgar o comportamento do sacerdote e condenar o movimento das romarias.

Nesta trajetória pós-morte do Pe. Cícero, os seguidores continuam visitando a serra do horto com o sentimento de tristeza, consternação e permanente observação do inacabamento e das ruínas da igreja. O sacerdote Cícero viveu uma atmosfera marcada pelo sentimento antagônico de aceitação e rejeição, conagração e tensão, esperança e revolta diante da atitude de suspender a edificação do templo na serra do Catolé, imposta pelo bispo e suas atribuições aos romeiros como fanáticos, ignorantes e supersticiosos.

No olhar dos devotos para a Igreja do horto estava o símbolo de religiosidade e conservava a devoção ao patriarca do Nordeste. Mas um fato nessa história ocorre

em 1944, que é demolição das paredes da capela por ordem da congregação salesiana, adotando como justificativa daquela trágica destruição, a preparação do ambiente para as comemorações no centenário de nascimento do Pe. Cícero⁷. Na memória dos devotos são guardados o ressentimento, a traição e infidelidade pelo não cumprimento da promessa do Pe. Cícero pelos herdeiros dos bens do sacerdote. No testamento, escrito e registrado em cartório em 1923, Pe. Cícero fez um pedido aos padres salesianos para concluir a obra da construção da capela ao Sagrado Coração de Jesus no horto:

Suplico aos mesmos padres Salesianos que terminem a construção da capela do Horto[...] que comecei a construí-la para cumprir meu voto que eu e os meus falecidos colegas e amigos [...] fizemos. E como, muito a contragosto, não pude terminar essa obra, é verdade tão-somente para não desobedecer às ordens proibitórias do meu Diocesano, o então bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, peço aos Beneméritos Padres Salesianos que concluam esse templo de acordo com a planta que eu trouxe de Roma e a miniatura em folha-de-flandres que deixo em lugar seguro. (Cícero *apud* Sobreira, 2011, p. 413-414).

Na memória do povo romeiro emana um mosaico de recordações diversas das orientações transmitidas pelo Pe. Cícero. Este desempenha uma função concreta e existencial na vida dos seus devotos que repousa em suas almas a projeção da salvação eterna. Assim, Juazeiro como espaço encantado, transforma-se em centro de fé e esperança para o nordestino. Nesse âmbito, a doutrina do fim do mundo e do juízo final ocupa um lugar importante nas pregações e nas práticas do sacerdote Cícero.

O Padre Cícero, como visionário do acontecimento do fim do mundo, está inserido no rol de uma visão escatológica, fundamentada em uma teologia dogmática que está enraizada na busca pela conversão dos pecadores. Essa referência remonta a Noé, construída a Arca, chamava o povo à conversão. Padre Cícero é comparado à machadinha de Noé que, com o barulho do corte da madeira, repete a quem quiser

⁷ Na década de 1960, a saga de construção da Igreja do Horto chega ao teatro brasileiro através das peças "A Construção" do teatrólogo Altamar de Alencar Pimentel e o espetáculo foi apresentado no Rio de Janeiro. Em 1975, a peça teatral foi encenada em Brasília. Nas suas apresentações, a peça teve grande repercussão na imprensa e no meio cultural. Essa informação consta no livro Horto do meu padim da professora Maria de Fátima Pinho, páginas 59 a 61.

ouvir: “Te arrepende, pecador! Que nosso velho mundo já está no fim... não é de hoje que eu aviso”!

Esse esquema histórico da profecia apocalítica do Pe. Cícero era fundamentado na doutrina cristã católica e tinha fonte de materialização na construção dos espaços sagrados do Juazeiro. A rigor, a serra do horto era o centro da “Nova Jerusalém”, onde residia a vitalidade da experiência religiosa e era o lugar propício para a multiplicação das crenças e rituais de sacrifício que assumem as variadas tonalidades na vivência dos romeiros nessa montanha sagrada. Esses processos de criação de devoções através das tradições estão conectados com a visão dos mistérios do fim do mundo e do juízo final. Na construção imaginária popular, o horto é o lugar onde tudo vai acontecer, desde o desencanto até o fim do mundo⁸. Toda essa criação imaginária constituiu diferentes formas de descrever as vivências dos romeiros nas suas variadas dimensões da vida, na busca de sobrevivência material e na incorporação de elementos de crença na salvação eterna, reafirmando a dicotomia entre corpo-alma. Essa condição de acreditar na eternidade assume uma matriz estimulante na devoção da legião dos devotos que percebe a necessidade da conversão e arrependimentos dos pecados.

O ambiente da colina do horto vislumbra as várias camadas de tempo e espaço que se cruzam na construção da sacralidade do romeiro que acredita na efemeridade da vida terrena e projeta a redenção na eternidade. Assim, o peregrino cria rituais de devoção como o cerimonial da gratidão, através do ato de depositar os ex-votos na capela do horto, como forma de agradecer ao Pe. Cícero pela graça alcançada e o cumprimento da sua promessa. Essa manifestação da religiosidade popular assume um contorno de significação que transcende o aspecto material e potencializa a dimensão simbólica pelo gesto concreto de obter a promessa da salvação eterna. Esse espaço de compartilhamento dos ex-votos forma um labirinto repleto de indícios dos problemas resolvidos pela força poderosa do Pe. Cícero. Concretamente, os pedaços do corpo humano esculpido na madeira, cartas, bilhetes, roupas, fotografias e muletas formam a “casa dos milagres”, revelando a condição do mundo real e as vivências cotidianas das táticas de sobrevivência e dores do corpo e

⁸ Os poetas da literatura de cordel narraram com muita precisão a sacralidade do Juazeiro, a visão apocalítica e as profecias do Pe. Cícero em vários folhetos como a Machadinha de Noé, o homem que falou com o Diabo em Juazeiro, Profecia de padrinho Cícero sobre os 3 estrondos, o desencanto do Horto e o rio Jordão de João de Cristo Rei. O Almanaque Juízo do Ano por Manoel Caboclo.

transportando, de forma inspiradora, a esperança da vida eterna, permeada pela intercessão para obter as graças pelo poder do Padre Cícero.

Fotografia 13 - Os romeiros na Colina do Horto – 1942.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/ Daniel Walker.

Esse é universo místico e religioso do Juazeiro, no qual circulavam os admiradores e seguidores do Pe. Cícero no alto da Colina do Horto. O Sítio Encantado, lugar de pão e mel, é uma possibilidade de ser encontrado pelos devotos que acreditavam nos mistérios de Juazeiro, por isso transformaram as ruínas, na igreja inacabada, a igreja do fim do mundo, local do julgamento final. Essa imagem é transmitida pelos romeiros quando até hoje afirmam a profecia de que o templo só será concluído depois do fim do mundo e que no horto, Jesus Cristo se colocará no dia do juízo para efetuar o julgamento dos vivos e dos mortos. Nessa construção imagética, os antigos moradores e devotos acreditavam que todo poder e direção do mundo sairão de Juazeiro. O futuro do Juazeiro é ser a Galileia que reunirá toda a humanidade como sede principal de toda a terra.

Esse misticismo presente na memória popular do sertanejo atravessa o muro da fatalidade e se reveste de sentido pelo grito de esperança que Juazeiro é terra de salvação na busca de aliviar os sofrimentos e a vida dolorosa. Nessa cidade existe uma fonte inexaurível de crenças e sentimentos de natureza mística que os devotos projetam através da linguagem, valores, maneira de viver e exprimir a fé que transcendem a realidade material e revelam uma existência de caráter simbólico e representativo de uma Parusia, isto é, a antecâmara do céu como o último degrau da

escada que termina na porta do paraíso. Em outras palavras, os afilhados do Pe. Cícero desejam viver, morrer e ser sepultado no Juazeiro, porque no inconsciente coletivo esse lugar é o centro do mundo e o Horto é o campo santo do juízo final e o espaço de plenitude da ressurreição dos mortos. Na reprodução do fim do mundo na peça teatral a “Construção” foi transmitida essa mensagem do Pe. Cícero:

[...] O fim está próximo. É necessário, portanto, construir a Igreja do Horto para o Juízo Final. Deus virá com toda a Corte Celeste e daqui julgará vivos e mortos. A Igreja do Horto será a última a ser construída na face da terra. Os que a ajudarem a construir e seguirem os meus conselhos terão a salvação eterna! [...] O Bispo não permitiu que fosse construída por nosso Padrinho, mas, nós vamos construir a Igreja do Horto. [...] só nós, os romeiros, vamos atender ao pedido do Padrinho e construir a sua Igreja! (Pimentel, 1960 Apud Pinho, 2023, p. 59).

Neste horizonte de pensamento, a natureza mística do Juazeiro desenrola a história de futuro escatológico, que termina na porta do céu. Essa aventura do povo configura-se pelas crenças utilizadas nas armas de sustentação da própria cidade de Juazeiro que é uma história sem fim. É uma gente mística por natureza que combate no cotidiano a fome e a miséria, conjugada à salvação espiritual que faz a ligação da terra com os céus, do pão com a fé, do trabalho com a oração. Esse movimento do Juazeiro é compreendido no contexto dessa mobilização de corpos e mentes enraizada nas crenças do ser e da história desse povo que reconhece no padre Cícero o protetor e patriarca do sertão.

Nesse panorama, os padres salesianos, como herdeiros dos bens do sacerdote Cícero, decidiram, a partir dos anos 2000, retomar o projeto de construção da nova Igreja do horto. Essa questão voltou à tona com todo vigor dentro de nova denominação de “Santuário do Bom Jesus do Horto”. As pretensões iniciais eram estabelecer um processo de mobilização das populações nordestinas, os juazeirenses, o clero e a classe política para a construção do empreendimento. A rigor, o “projeto de revitalização do horto” reveste-se de novas adequações e agregações com a transformação do horto do Pe. Cícero como Centro de Romaria, que favorecesse o crescimento do fulcro do turismo religioso em Juazeiro para ser referência do Geopark Araripe. Quanto à construção da capela, o novo projeto não seria no mesmo lugar iniciado pelo Pe. Cícero. A elaboração do projeto arquitetônico ficaria a cargo de profissionais italianos contratados pela Inspeção Salesiana do Nordeste.

As estratégias para a modernização desse espaço de tradição mística e ascética para transformá-lo em potencial turístico, representa uma violação ao espaço sagrado que consistiram na reorganização do comércio, a contratação de marqueteiro católico de renome nacional, a criação da associação “afilhados do Pe. Cícero” para fomentar uma campanha de arrecadação de recursos financeiros, denominada “Um milhão de amigos”, sensibilizando, assim, cada devoto a contribuir com valores para a implementação do projeto e a elaboração de panfletos, além da campanha e publicação de jornalzinho com fotos e conteúdo da construção da Igreja do horto.

Para complementar essa estratégia, outra ação consistiu em trazer bispos e cardeais brasileiros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para participar das romarias, celebrando missas e confessando os romeiros, chancelando e aprovando o projeto de construção da Igreja.

Na atualidade, a edificação da Igreja continua em execução com a transformação radical da capela sonhada e projetada pelo Pe. Cícero. Embora não se saiba em que sentido o romeiro gostou ou não dessas mudanças, podemos apreender isso, pelos manifestos de respeito aos padres salesianos, por serem esses os herdeiros do padre Cícero. Por outro lado, uma parcela significativa dos peregrinos e da população juazeirense ressentem-se do não cumprimento da promessa do sacerdote Cícero, da ausência de diálogo com a comunidade sobre as principais reformas implementadas e dos impactos ambientais e religiosos no território de caráter sagrado do Juazeiro.

Nessa circunstância, o peregrino empreende sua visita permanente ao Juazeiro. Subir a colina do horto faz parte da continuidade da história sagrada nordestina marcada por uma experiência intensa e privilegiada de caminhar pelo sertão, obstinado em reconhecer a “santidade” do seu padrinho protetor e protagonizar a reconstrução da cidade constituída da espacialidade sagrada de uma história que não tem fim.

O imaginário da construção do Juazeiro realiza-se pela subjetividade do romeiro como objetivo de vida. A colina do horto, com a sua complexidade de espaço sagrado, é o lugar de restauração escatológica. Nela está conectado o fio condutor da cultura bíblico-católica dos peregrinos do sertão nordestino. O caminho do horto é aberto pela vida e morte como processo contínuo e constante de renascimento.

Nessa abordagem interpretativa do território do horto, podemos nos aproximar dos pensadores das ciências da complexidade que apontam na estrutura do pensar o

princípio que tudo no mundo é munido de sentido. Há uma conexão entre o movimento do corpo, do espírito e do conhecimento de forma espacial, temporal e descontínua na complexidade da experiência humana. O pensamento complexo reconhece o homem como o centro da gravidade e aponta para a alma como espaço de constituição e grandeza da própria condição humana. Nesse lugar da alma mora o absoluto e o infinito que é o ser universal denominado Deus. Assim, as relações humanas são múltiplas e se formam pelas cadeias cruzadas de relações amorosas. Nessa teia de relação, o princípio da renovação suscita a combustão de prazer e reconciliação com o amor. Nesse ínterim, a experiência no universo cultural e religioso é marcada pelo sistema de regeneração do homem que tem sua construção no processo aberto de inacabamento, incerteza e ambiguidades entre o real e o imaginário. Nas ideias de Morin, que comportam uma ecologia da ação do homem, possibilitando a abertura das fronteiras entre vivo e não vivo constitui a concepção de homem correspondente ao sapiens-demens, ou seja, o ser racional constituído pelo imaginário, poético, literativo e criativo. Portanto, a alma emerge na fonte da intuição inesgotável do saber e na possibilidade incessante do aprender. Enfim, as experiências de busca do sagrado ensinam também a vivência de uma prática do silêncio que significa o recolhimento diante das vozes exaltadas do mundo para reaprender a estabelecer uma leitura silenciosa que nos afaste do barulho e provoque no ser humano um estado de sedução, bifurcação e desbravamento na aventura de deslocamento para a montanha e plena efetivação da condição essencial de viver a intensidade da existência, estabelecendo uma compreensão do mundo. Assim, afirma MORIN:

Somos portadores como um microcosmo, do universo e da vida. [...]. Somos portadores da cultura na sua universalidade humana e nas suas características singulares. Somos os criadores e as criaturas da esfera do espírito e da consciência. [...]. Estamos enraizados em nosso universo e em nossa vida, mas nos desenvolvemos para além disso. É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e da desumanidade da humanidade (Morin, 2012, p. 50).

Desse modo, a narrativa sobre espaço de criação e organização do horto, que trafega pela construção, repetição, destruição, mudanças e perene recriação dos elementos constitutivos do gênero humano, produz naquela paisagem geográfica a

experimentação que conserva e provoca encantamento e conjugações místicas de regeneração do peregrino com a natureza e o seu santo protetor.

A serra do horto enseja um lugar privilegiado das formas populares de expressões religiosas e de viver fraternalmente a fé na sua forma mais autêntica e estruturante da cultura brasileira. Nesse espaço, os devotos reconhecem a dignidade de serem criadores do seu próprio mundo simbólico e buscam viver as expressões religiosas de devoções. No entanto, essas formas de manifestações não são desencarnadas da realidade e do cotidiano de suas vidas e sim imbricadas na experiência da sua própria existência.

As histórias da construção do horto continuam presentes na memória coletiva do povo que silenciou seu discurso sobre o milagre da hóstia em obediência ao Padre Cícero, contudo, jamais vem silenciando os passos de peregrinos que na sua crença, a terra do Juazeiro está molhada pelo sofrimento, as dores e o sangue de seu “santo protetor” e líder espiritual, o sacerdote Cícero.

Portanto, no contexto de compreensão dessas narrativas mitológicas, os romeiros e os moradores vão forjando sua resistência em continuar sua aventura de reconstrução permanente da cidade. Assim, as romarias carregam fortemente o vigor de implantação e sustentação do empreendedorismo na dimensão da fé e da economia de Juazeiro. O sacerdote Cícero ensinou a suportar o sofrimento diante das tramas do movimento histórico que organiza e rege a vida cotidiana dessa urbe e a tenacidade das pessoas para continuar existindo e reconstruindo as teias de relações sociais e econômicas desse lugar. A lição é que cada festa de romaria é a renovação da esperança de reconstrução da própria cidade e cada romeiro que experimenta a espacialidade do lugar transforma-se em um mestre de obra do próprio Pe. Cícero, na edificação do Juazeiro, na certeza de que sua história é sem fim.

CAPÍTULO III – AS LIÇÕES DE PERSISTÊNCIA



CAPÍTULO III – AS LIÇÕES DE PERSISTÊNCIA

3.1 “E Você CÍCERO, toma conta desse povo”

Certo dia, residindo na cidade de Crato com seus familiares, o Pe. Cícero recebeu a visita do professor Simeão Correia de Macedo, que o convidou para celebrar uma Missa na capelinha de Nossa Senhora das Dores, no povoado do Joaseiro, que estava sem capelão. O padre aceitou prontamente o convite.

Naquela noite, os moradores do povoado e dos sítios das redondezas, participaram dessa celebração. Nos domingos seguintes, virou costume o deslocamento do Padre Cícero do Crato ao Joaseiro para ouvir confissões e celebrar a missa. Em uma tarde, após o cumprimento das atividades religiosas, ele vai descansar e dormir na escolinha daquele lugarejo. Na ocasião, tem um sonho⁹, que assim pode ser narrado:

Um dia, fui chamado para celebrar mais uma missa na capelinha dedicada à Nossa Senhora das Dores, no lugarejo de Juazeiro, há 12 km de minha casa. No momento do descanso, me recolhi como de costume, na escola do lugar. Ali tive um sonho que me valeu como um programa para a vida toda: No sonho, eu me achava sentado à cabeça de uma grande mesa de escola antiga do povoado de Juazeiro. Vi no mesmo sonho que entravam na sala os doze Apóstolos de Jesus Cristo, tendo à frente o próprio Coração de Jesus. Todos tinham grande estatura e se puseram em pé nos lados da mesa, enquanto o Coração de Jesus, colocando-se por detrás de mim, disse com voz forte:

“Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me têm feito e me fazem diariamente. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir, acabarei com o mundo”.

Neste mesmo instante, eu vi entrar na sala muitos sertanejos pobres e famintos

Depois, Jesus olhou para mim e disse: **“E quanto a ti, Cícero, tome conta deles”**.

Então, eu me acordei e fiquei impressionado. Esse sonho me fez compreender a minha missão. Vim morar definitivamente no Juazeiro, com minha mãe, minhas duas irmãs, e Terezinha, no dia 11 de abril de 1872, para obedecer a Jesus e tomar conta dos pobres nordestinos.” (Dumoulin, 2011, p. 01).

⁹ A narrativa do sonho do Pe. Cícero é registrada por vários estudiosos e amigos da convivência dele. Nenhum documento registra que o próprio sacerdote fez essa narrativa. A primeira vez que se encontra esse relato é em 1935 por Manoel Diniz e outros amigos que confirmam terem ouvido essa narrativa; como Amália Xavier e o Padre Azarias Sobreira. Essa transcrição que apresentamos foi elaborada pela Irmã Annette no livrinho para romeiro intitulado: “Uma boa conversa com Padre Cícero”

O sonho é interpretado pelo Pe. Cícero como um recado divino, isso o faz levá-lo a sério e a obedecer ao chamado divino e mudar o rumo de sua vida. A partir daí teria tomado consciência da sua missão: acolher e amar esse povo, conforme os versos de Geraldo Amâncio:

Se acordou na certeza de que o Senhor,
Lhe botava para ser nesse caminho,
o padrinho do povo sem padrinho
e o pastor das ovelhas sem pastor. (Amâncio, 2001¹⁰)

O início do apostolado do Padre Cícero no lugarejo, marcado por rodas de samba, consumo de álcool e prostituição, consistiu no trabalho árduo e firme e na forte atuação moralizadora de fazer as pessoas abandonarem os antigos vícios e pecados, e ficarem próximos à religião cristã. Com os ensinamentos e conselhos do Pe. Cícero, Juazeiro reencontrou o caminho da concórdia, da paz e da ordem, pautando a vila pela oração e pelo trabalho.

O fenômeno da seca afetava os habitantes das redondezas e tornava-se um problema estruturante que exigia ações concretas para combater e vencer os flagelos. O vilarejo começa a receber centenas de pessoas, tornando-se o lugar mais populoso dos sertões. Há uma multiplicação de famílias que, provenientes de outros estados nordestinos, vieram residir no povoado, desenvolvendo as atividades do comércio, da agricultura e do artesanato. A casa do padre era o abrigo dos pobres necessitados que para ali vinham em busca de alimento, ajuda financeira e trabalho para fixar moradia em Juazeiro. Este crescimento da população, aliado à produção de bens e à criação do comércio artesanal, estimulado pelo Padre Cícero, transformou a cidade em um lugar de atração econômica de muitos que recorriam a Juazeiro, alimentando a esperança de encontrar a redenção e sustentabilidade de suas vidas. Além do mais, os admiradores e devotos do padrinho Cícero atribuíam e reconheciam esse território como sagrado, projetando o sonho e desejo da salvação eterna.

¹⁰ Documento eletrônico e não paginado.

3.2 Lições para o exercício da Fidelidade

Foto 14 – Os moradores e os romeiros em Juazeiro (1942).



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

O princípio norteador da vida humana é a consciência da sua tarefa de construtor de si mesmo e a configuração no mundo das relações que o constituem com os outros seres. Assim, a gênese do homem como ser livre está no horizonte do seu trabalho como momento de gestação de sistema de valores, como a cooperação, a partilha, a complementariedade e solidariedade que efetiva a mediação pelo grau de motivação pessoal e a causa última do desenvolvimento que é produzir integração social e o bem-estar das coletividades humanas.

Nesse contexto, a esfera das condições existenciais humanas é caracterizada pelo empenho de assumir com fidelidade os princípios universais da fraternidade e pela efetivação de diferentes formas de interconexão, integração e comunhão consigo mesmo, com a natureza e com os outros seres humanos em uma rede de sociabilidade radicada na solidariedade.

Nessa perspectiva de entendimento dos princípios fundamentais do mestre no seu contexto e tempo histórico e na sua capacidade de reunir e estabelecer as conexões com a realidade faz aguçar o polimento do espírito humano para o exercício da racionalidade como resposta de compreensão do mundo. Uma das características do mestre que mobiliza sua ação é a persistência, enquanto princípio norteador do

enfrentamento das contradições e antagonismos da realidade. Pela persistência, o mestre desenvolve a capacidade de compreender as cadeias de relações que determinam o viver, enxerga os limites, assume as determinações do ser no processo de incompletude da realidade e faz emergir novas possibilidades de crenças e conhecimentos da construção da cultura e da vida social.

Essa visão do ser mestre aqui explicitada possibilita voltar o nosso olhar para dimensões fundamentais do comportamento e das ações do Pe. Cícero. O nosso pensar está essencialmente conectado ao processo histórico do seu lugar e da sua personalidade marcada pela construção do seu projeto de vida sacerdotal e sua fidelidade e persistência de manter-se padre até o final da sua existência humana.

A infância de Cícero caracterizou-se pelas brincadeiras de fazer a arte de casinhas de barro, bancos e por ser apaixonado por aves. Quando criança tinha a prática diária de rezar na igreja e, no período noturno, escutar as histórias dos homens que se reuniam em uma roda de conversa na porta da farmácia vizinha a sua residência. Aos seis anos de idade, Cícero é matriculado na escola do Professor Rufino de Alcântara Montezuma, proprietário do educandário. Ele estudou também na escola de João Marrocos, na cidade do Crato. Aos 12 anos de idade, inspirado na leitura do livro *Filoteia ou introdução à vida devota* de São Francisco de Sales, realizou o voto de castidade.

Em seguida, desfrutou da convivência do Padre Inácio Rolim quando foi estudar no seu colégio, no município de Cajazeiras, na Paraíba. Um fato interrompeu os seus estudos: a morte de seu pai, vítima de uma epidemia de cólera-morbo, que dizimou enorme contingente populacional da região do Cariri. Esse triste acontecimento fez Cícero abandonar os estudos para acudir a mãe e as irmãs, retornou ao Crato e assumiu as responsabilidades da família nas atividades comerciais e resolvendo algumas dívidas deixadas pelo pai.

No dia 07 de março de 1865, Cícero ingressou no Seminário Episcopal do Ceará, em Fortaleza. Este centro de formação foi criado no contexto do processo de romanização da Igreja Católica e ficou sob a direção dos Padres Lazaristas. Cícero pertenceu à segunda turma do Seminário de Fortaleza, recém criado, e todos os professores eram de nacionalidade francesa. Os religiosos Lazaristas influenciaram enormemente na formação do clero brasileiro, na segunda metade do século XIX, contribuindo com a reforma eclesial no Brasil. A consequência desse processo de romanização foi o dualismo entre o catolicismo popular tradicional e o emergente

catolicismo romanizado clerical. Evidencia-se uma forte divisão entre a imposição teológica dogmática, fundamentada na catequese e rígida disciplina moral e combate violento à cultura e as práticas da religiosidade popular. Concretamente, as elites e os membros da hierarquia da Igreja católica discriminavam e desprezavam as tradições como rezas, orações e festas organizadas pelos pobres, interpretando como manifestações supersticiosas, fanáticas e ignorantes.

Nesse contexto de conflitos nas concepções de mundo e visão religiosa, destaca-se uma matriz fundante que influenciou o jovem Cícero na sua trajetória de formação e na sua atuação futura como sacerdote: a vida, a pregação e ação missionária do Padre e Mestre Ibiapina. No Cariri cearense, o Padre Ibiapina desenvolveu o trabalho missionário na década de 1860, quando construiu e inaugurou a Casa de Caridade da vila de Missão Velha. Nesse ato de inauguração, o jovem Cícero Romão Batista participou e, na ocasião, já foi tocado pelo exemplo do mestre padre Ibiapina.

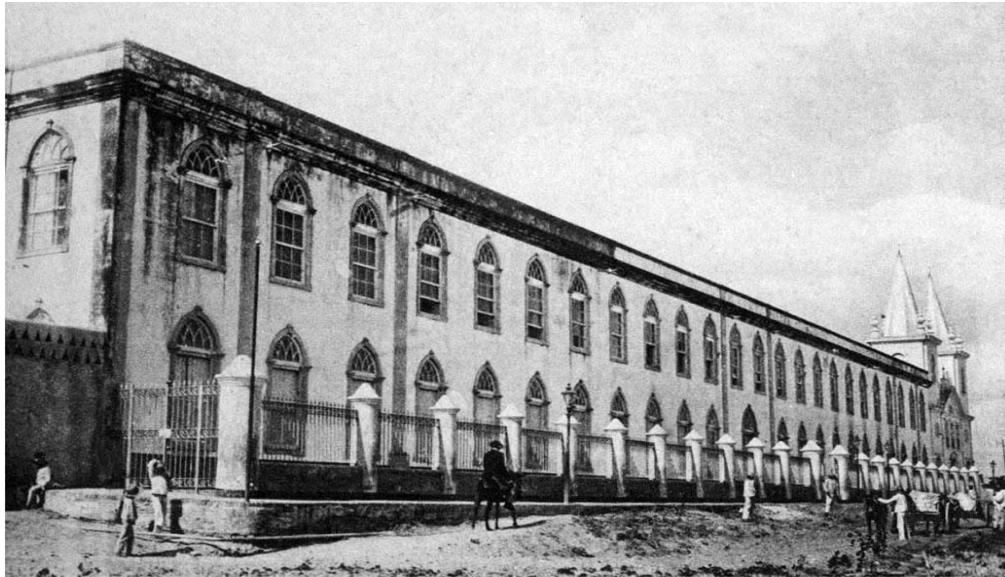
Nesse panorama da ação missionária do Pe. Ibiapina registra-se a amizade com a família de Cícero Romão Batista. O jovem Cícero foi profundamente tocado pelo testemunho do Pe. Ibiapina e pelo fervor religioso do mundo sertanejo. O Pe. Ibiapina provocou transformações importantes nas estruturas religiosas do Cariri. Destacam-se nestas ações, a criação das Casas de Caridade e a difusão das irmandades dos beatos e beatas do Nordeste, que faziam votos de castidade e pobreza, renunciavam aos “prazeres do mundo” e se dedicavam ao serviço de Deus, através dos cuidados com os enfermos e órfãos, além do culto e as práticas de devoções religiosas. Assim, afirma Luitigarde Oliveira Barros sobre o Pe. Ibiapina:

Sua ação evangelizadora era ao mesmo tempo civilizadora [...] Foi um trabalho incansável de soerguimento das camadas populares, pela valorização dos hábitos mais salutarés da cultura sertaneja. A cavalo, a pé, e já no fim – doente, transportado em rede pelos seus seguidores – Ibiapina, pela palavra e principalmente pelo exemplo, mostrava a força da utopia cristã na transformação social de seu mundo (Barros, 2014, p. 121).

Nesse universo religioso das missões populares e de respeito familiar ao Pe. Ibiapina, a leitura de vida dos santos, a frequência assídua à Igreja e o clima de religiosidade foram determinantes para o despertar da vocação do jovem Cícero Romão Batista.

A sua vida de estudante nas ciências filosófico-teológicas foi realizada no Seminário da Prainha, em Fortaleza. No contexto eclesial da formação dos novos padres estava a condenação da liberdade de culto, da maçonaria e dos avanços da modernidade, consideradas como “manifestações monstruosas do espírito de Satanás”.

Fotografia 15 - Seminário da Prainha em Fortaleza (1910).



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

O cotidiano da vida do seminário era seguido pelo jovem Cícero. O contato com o mundo exterior era restrito, limitado às missas dominicais celebradas na capela do seminário, frequentemente, com a presença de pescadores que viviam nas proximidades. Quanto ao desempenho escolar do seminarista, era de nível mediano, obtendo conceitos de “bom” e “ótimo” e apresentava dificuldades na aprendizagem de disciplinas fundamentais como teologia dogmática e história eclesiástica. Notabiliza-se no percurso de estudos de Cícero o desempenho com a função de monitor. Ele exercia o ofício de ensinar aos seminaristas novatos.

Ser sacerdote é o projeto de vida do Cícero. Para alcançar a realização desse sonho e ideal foi necessário enfrentar os desafios e ser persistente nesse propósito. O conselho dos professores realizou o escrutínio de avaliação dos seminaristas e desaconselhou a ordenação sacerdotal do seminarista Cícero, por não aceitar passivamente os moldes rígidos do sistema de disciplina do processo de romanização. Diante desse parecer, o Conselho dirigido pelo Reitor do Seminário, Padre Pierre-Auguste Chevalier, propôs ao bispo Dom Luís Antônio dos Santos, a

retirada e o desligamento de Cícero do seminário. O bispo não aceitou a proposta, porque conhecia o Cícero e era seu confessor. Ele conhecia o temperamento forte, o ideal missionário e seu espírito de defesa das suas próprias ideias, então, resolveu ordená-lo sacerdote.

Na idade de 26 anos, em 30 de novembro de 1870, ocorreu a Ordenação Presbiteral, na Sé Catedral de Fortaleza, de Cícero Romão Batista. Em seguida, retornou a sua cidade natal, onde celebrou a sua primeira missa, em 08 de janeiro de 1871, na Igreja de Nossa Senhora da Penha. O perfil desse neo-sacerdote já demonstrava uma forte sensibilidade ao sofrimento dos pobres e deserdados filhos da seca do seu tempo histórico, a influência dos ensinamentos das práticas de devoções tradicionais populares, tecidas pela ação social do Pe. Ibiapina, em consoante com a formação espiritual e teológica recebidas sob a orientação dos padres lazaristas. A princípio, os traços desse personagem Cícero apresentavam características de obstinação, rigurosidade e teimosia, de ser carismático e visionário, com tendências a crenças em forças misteriosas, derivadas do além. Ele acreditava que sua vida era instrumento da ação divina.

Fotografia 16 - Ordenação Sacerdotal em Fortaleza: Pe. José Carlos Peixoto e Pe. Cícero Romão Batista – 1870.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Pe. Cícero, após ser ungido com o óleo sagrado para ser sacerdote para sempre, enquanto aguardava ser designado para uma missão pastoral, permaneceu na sua cidade do Crato. Em seguida, foi designado para exercer o ministério sacerdotal na cidade de Trairi para regularização dos sacramentos naquela cidade. O Pe. Cícero retornou ao Crato e trabalhou como professor de Latim, no Colégio Pe. Ibiapina, fundado e dirigido pelo seu primo e grande amigo José Joaquim Teles Marrocos.

Após fixar moradia no povoado do Joaseiro, o Pe. Cícero foi provisionado como sexto capelão da Igreja de Nossa Senhora das Dores. O Juazeiro era um lugar pobre e insignificante e sua nomeação estava no horizonte da estrutura de Igreja que instituía uma teologia dogmática, uma catequese tridentina e atribuía prioritariamente à função do sacerdote a forte inclinação das práticas sacramentais.

O início do apostolado teve como meta moralizar o lugarejo através do enfrentamento das pessoas desordeiras, valentões e as práticas de roda de samba, bebedeiras e prostituição. O propósito do seu trabalho árduo era provocar a mudança de vida nas pessoas, fazendo-as abandonarem os antigos vícios e pecados e se aproximarem da religião cristã.

Nesse contexto, a tarefa do capelão do povoado consistia na reconstrução da capela do lugarejo que se encontrava em ruínas. Pe. Cícero inicia a obra em 1875, em mutirão com o povo. Esse trabalho foi gradual. Construído durante 10 anos, edificou uma Igreja maior e segura. Em alguns momentos, a construção exigiu muito sacrifício e paciência, em razão de secas periódicas. Foi um momento de exercício da persistência, a edificação desse templo.

Fotografia 17 - Capela de Nossa Senhora das Dores -1875-1884.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Nessa trajetória do Pe. Cícero, a persistência está atrelada pela sua capacidade de tomar decisões importantes na vida. Entre elas, destacam-se: a decisão de fixar moradia na vila do Juazeiro, acreditar no milagre que o sangue aparecido em hóstias consagradas na capela de Nossa Senhora das Dores em 1889 era o sangue de Jesus Cristo e lutar em defesa da cidade de Juazeiro. De fato, o sonho em 1872 e a ordem divina: “E, você Cícero, toma conta desse povo” moveu o seu projeto de vida. Ele decidiu permanecer no Juazeiro. A convicção de que o milagre era de origem sobrenatural contribuiu para a decisão de crer na manifestação divina dos fatos e a defesa irrevogável da sua crença, mesmo diante das imposições dos superiores eclesiásticos. Nas circunstâncias do contexto histórico e frente às encruzilhadas políticas e religiosas, decidiu lutar pela autonomia de Juazeiro e enfrentar as forças militares na Guerra de 1914. Ficar, Crer e Lutar são atributos reveladores da atitude decidida do Pe. Cícero, que coadunam com o conceito de Liberdade de Edgar Morin, que a conceitua como “conjunto de possibilidades de invenção, de escolha, de decisão, de apropriação de riscos e determinismos” (Morin *apud* Almeida; França, 2019, p. 70). Por isso, o sacerdote Cícero é consumido pela sede de regeneração material e espiritual dos pobres sertanejos e realizava suas batalhas deslocando-se desde o campo religioso até a esfera política. Essa sua capacidade de transitar entre o mundo da religião e da política provoca em si um estado de sedução, bifurcação e desbravamento na forma de tomar as decisões no exercício da sua liberdade e no processo de reconhecimento dos seus seguidores que, incontestavelmente, atribuem-lhe o valor de líder religioso e político no Nordeste Brasileiro.

Alguns fatos decorrentes da situação da vida sacerdotal do Pe. Cícero, cheia de conflitos em relação às autoridades eclesiásticas e ao trabalho apostólico com o povo do Juazeiro, estão no horizonte fundante de todo seu existir como referencial último de toda a sua vida histórica. A razão que unifica a sua experiência humana está na fidelidade e persistência como valores que descortinam as novas possibilidades de encontrar o rumo e o sentido último para o seu próprio existir. O sacerdote Cícero viveu mergulhado na intensidade de suas ações e ameaçado permanentemente pelo resultado do trabalho de suas próprias mãos, exigiu enormemente de si mesmo a capacidade humana de responder as consequências das suas ações com ternura, persistência e determinação.

3.3. Padre Cícero e as fronteiras entre a política e a religião

A questão política de Juazeiro transcorrida no século XX é constituída pelas posições e produções históricas do Pe. Cícero. Ele assumiu o poder e tornou-se uma destacada personalidade nacional. Ele ingressou no mundo da política em um contexto social conflituoso e foi percorrendo o caminho tortuoso na história. Ele possuía uma personalidade forte e convicções profundas do seu papel de promover o equilíbrio e a pacificação na busca de responder os desejos da coletividade. Ele justificou sua entrada na política para salvar o povo das tragédias econômicas e sociais e defender a religião. Em momento algum, ele abandonou a batina. Ele nunca abriu mão de sua identidade sacerdotal, de líder e guia religioso. Ele não desprezou a beata Maria de Araújo, nem rejeitou os romeiros. Ao contrário, com maestria, ele manteve o poder simbólico no imaginário popular, agregando os elementos constitutivos do campo político para estabelecer valores, definir normas, costumes e práticas de convivência em Juazeiro.

Nessa direção, a atuação do Pe. Cícero na política abriu novas perspectivas de inserção da província do Juazeiro na conjuntura nacional e produziu momentos magníficos, mudando substancialmente a conduta do olhar sobre o fenômeno do “milagre” e da formação da aldeia do Juazeiro. Os fatos históricos foram palcos de enorme expressividade e assumiram contornos na construção do personagem Cícero na mais profunda e vasta tipologia de organizador da cidade. Na esteira desse movimento, o sacerdote Cícero primou sua conduta pela reafirmação do seu compromisso de ficar ao lado dos pobres sertanejos e, conseqüentemente, a defesa do Juazeiro. Sem sombra de dúvida, esse momento é constituído de acontecimentos que evidenciam o espírito humano e o novo estilo de ação, vinculado ao deslocamento da inserção e atuação do sacerdote cearense, Cícero Romão, no processo de articulação e diálogo entre a política e a religião.

Nos primórdios do século XX, os contextos socioeconômicos do povoado do Juazeiro com o acelerado crescimento econômico e a densidade populacional transformaram o ardente desejo de emancipação política. Do ponto de vista religioso, permanecia a proibição ao Pe. Cícero de rezar missa na capela do lugarejo, deixando-o sem capelão e o povo desassistido dos sacramentos da Igreja. Por outro lado, o sacerdote Cícero continuava morando no Juazeiro e mantinha sua preocupação principal para restaurar suas ordens sacerdotais. Sua presença atraía muita gente que

o venerava como santo e era admirado pelo povo simples do Nordeste, exercendo a função de conselheiro, orientador espiritual e condutor da vida dos que fixavam residências no território de Juazeiro.

O ambiente na região era muito conflituoso e de enorme acirramento, sobretudo, entre o município do Crato e a vila do Juazeiro. Havia também um forte atrito entre os comerciantes e as lideranças políticas de ambos os lugares. O Pe. Cícero entra em cena com extrema preocupação diante da situação e visivelmente temeroso com as consequências desse conflito. Estava demarcado o ingresso do sacerdote Cícero na política. Ele, até então, mantinha a posição de neutralidade, porque guardava dentro de si a esperança de ser reintegrado ao sacerdócio. Outro motivo dessa distância da política era a informação de que nas instâncias da Cúria Romana tramitavam o processo de criação do bispado no interior do Ceará e, pretensiosamente, o Pe. Cícero sonhava com a sede da diocese em Juazeiro. Outro fator desse distanciamento era a condição de ser natural do Crato, manter o sentimento de gratidão e relação afetiva com a família do Prefeito da época. Esses fatores tornavam o Pe. Cícero receoso de se introduzir no mundo da política.

Essas conjeturas geradas pelos movimentos de cisões e tensões entre o Crato e a população de Juazeiro foram elevando a temperatura, quando determinado acontecimento provocativo foi registrado pelo Pe. Antônio Tabosa Braga. Este subiu ao palanque montado na praça pública em Crato, diante de uma multidão de pessoas, e fez a seguinte declaração: “Povo nobre e altivo do Crato. Peço permissão para falar sobre o povo imundo de Juazeiro, que vive guiado por Satanás” (Dumoulin, 2019, p. 175). Essa pregação proferida pelo sacerdote de Fortaleza provocou a imediata reação do povoado de Juazeiro. Uma revolta generalizada que teve efeito na atitude de boicote econômico dos habitantes do já expressivo povoado. O Pe. Cícero, utilizando-se de sua influência e credibilidade junto aos comerciantes e a população, interveio com habilidade para aniquilar a vigorosa rede de intrigas. Assim, os populares retornam à feira do Crato e restabeleceu-se a paz nas relações entre a sede do município e o distrito de Juazeiro, cessando a greve e boicote ao Crato.

As estratégias políticas do Pe. Cícero e seus aliados para a consolidação do processo emancipatório de Juazeiro consistiram na criação do Jornal O Rebate. Quanto ao conteúdo, prioritariamente, eram artigos firmes pela defesa da campanha de independência. Pautava-se também por assuntos internacionais, políticos, sociais e obtinha uma seção de classificados e publicidades dos empreendimentos

comerciais do lugarejo. Outra seção era dedicada à cultura, com a publicação de cordéis, humor e contação de estórias.

Fotografia 18 - Jornal O Rebate – 1ª edição em 18 de julho de 1909.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Outro acontecimento estratégico na luta pela autonomia do Juazeiro realizou-se no final da tarde do dia 07 de setembro de 1910. A multidão, de aproximadamente 15 mil pessoas, reuniu-se na Praça da Liberdade, marchando em passeata pela capela de Nossa Senhora das Dores, onde rezou e suplicou pela vitória, passando pela sede do jornal o Rebate e pela casa do Pe. Cícero. Este, na porta da sua casa, acena para o povo e faz um pequeno discurso, afirmando: “Tinha fé em Deus e na Virgem Mãe das Dores que ninguém mataria um povo porque defendia a sua liberdade” (Walker, 2010 p. 111). Na praça, o Dr. Floro e o Pe. Alencar Peixoto proferiram vibrantes discursos e deram o grito de liberdade. No momento de empolgação, ergueram uma madeira com uma bandeira feita de pano pelos moradores e proclamaram a independência de Juazeiro. A multidão aplaudiu ardorosamente. A banda do Mestre Pelúcio entoou o hino da independência e os foguetes explodiram no lugarejo, anunciando um novo tempo para o Juazeiro.

Fotografia 19 – Movimento popular pela independência de Juazeiro, 1910.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Legenda: Reprodução fotográfica da tela do artista plástico juazeirense Francisco Matos, retratando a grande concentração pública em 1910, oportunidade em que o Pe. Alencar Peixoto pronunciou vibrante discurso e marcou a data que o Pe. Cícero assumiu a liderança do movimento pela emancipação política de Juazeiro

O Pe. Cícero, no exercício da sua maestria, defendia o diálogo permanente com as lideranças governamentais do Estado e articulava com as lideranças regionais, no sentido de propor a elevação do Juazeiro a município. A estratégia do Pe. Cícero era a mediação pela linguagem, através do envio de documentos que legitimassem e validassem as aspirações coletivas dos habitantes do povoado de transformar em cidade.

No itinerário histórico da vida do Pe. Cícero, as questões religiosas e políticas assumiram contornos e mexeram no tabuleiro no cenário cearense e brasileiro, enfocando, particularmente, os fatos e personagens dessa história imbuída de conturbação, incertezas, dilemas, tensões e perspectivas na construção da cidade e no papel desempenhado pelo seu fundador, o Pe. Cícero Romão Batista.

A consagração histórica da criação do município foi registrada com o decreto de emancipação em 22 de julho de 1911, seguido depois do dia 04 de outubro de 1911, na realização de grande evento político. Nesse dia, inaugurou-se oficialmente a sede do município de Juazeiro. Pe. Cícero tomou posse como primeiro prefeito. O coroamento da solenidade de posse do prefeito do novo município de Juazeiro foi a

proclamação do “Pacto dos Coronéis”. Na ocasião, a cidade acolheu os coronéis e seus representantes de dezessete cidades do Cariri. O acordo formal consistia na ação coletiva de regras de convivência entre os sertanejos. Todos se comprometiam a renovar e fortalecer os laços pessoais e políticos e garantir a participação da região no espólio do poder estadual com o apoio incondicional ao grupo político liderado pelo então presidente do Estado do Ceará, Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly. A sessão do pacto foi dirigida pelo anfitrião, Pe. Cícero, que inicialmente fez o discurso de acolhida, evocando a todos a racionalidade no tocante a romper as hostilidades entre os chefes políticos, estabelecer definitivamente a solidariedade, a paz e a concórdia entre todos na região do Cariri. Ele propõe lavrar um documento com aprovação e assinatura de todos os participantes da assembleia no sentido de alcançar a harmonia política.

Nessa conjuntura, o Padre Cícero é revestido de liderança política regional, estadual e até nacional e baluarte na promoção do clima de paz, que assegurava a tranquilidade das populações caririenses que viviam em pânico permanentes por conflitos armados e ódios entre grupos e famílias. Ele era o líder político da região do Cariri, reconhecido pelos habitantes da cidade e pelas forças conservadoras que tinham o domínio oligárquico nos municípios vizinhos e no poder governamental do estado do Ceará.

Fotografia 20 - Juazeiro em 1911.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

Na trajetória histórica da política de Juazeiro transcorreu a “Sedição” ou “Guerra de 14”. A guerra consistiu basicamente no conflito entre o governador Franco Rabelo e a cidade de Juazeiro. O governador do Ceará elaborou um plano de ataque mortal e fulminante que provocasse a destruição de Juazeiro e aniquilasse a liderança de Padre Cícero. Os boatos das ameaças de invasão a Juazeiro correm pelos sertões nordestinos. O Pe. Cícero, com a obsessão de defender o povo, enviou Dr. Floro para conseguir garantias de segurança para si e os seus devotos. Enquanto isso, a população da cidade, juntando-se a outros sertanejos, iniciava a construção dos “valados”¹¹, ou seja, trincheiras que cercaram Juazeiro, numa extensão de nove quilômetros, alguns metros de profundidade e de largura, rodeando todo o âmbito da cidade. Essa obra foi construída no espaço de quatro dias, arregimentando centenas de homens, mulheres e crianças que levantaram paredes para evitar a invasão dos soldados e destinados a defender o lugarejo das tropas do inimigo, sendo chamada de “Círculo da Mãe de Deus”.

O padre Cícero no seu estado de angústia e sofrimento acompanhava atentamente todos os movimentos da cidade e mandava o povo rezar, apegar-se com a mãe de Deus e não soltar o rosário. As recomendações eram sempre de um comportamento pautado para não beber cachaça, não desperdiçar cartuchos, deixar o caminho livre para quem quisesse fugir, não agredir o Monsenhor Quintino, não saquear as residências e respeitar as famílias, principalmente, as crianças e os idosos.

O comandante das forças estaduais transmitiu confiança na vitória e prometeu aos cratenses trazer, em uma bandeja, a cabeça do Pe. Cícero, como prova do sucesso da operação. O chefe das tropas fracassou, cometeu erros estratégicos e o seu excesso de confiança atrapalhou o êxito da sua operação de guerra. Surpreendentemente, ele não esperava encontrar o enorme valado e seus soldados foram amargurando uma derrocada. Por outro lado, no combate, as tropas encontraram o povo de Juazeiro com um número de jagunços e munições preparados e obstinados na defesa da cidade. Os defensores de Juazeiro procuraram obedecer às orientações dos líderes e estavam convictos que o poder divino e as preces do Pe. Cícero livravam de todo mal e protegiam das balas dos inimigos. Nesse combate,

¹¹ Os valados foram construídos pela ideia de Honório Vilanova, o cabo de guerra de Antônio Conselheiro e famoso remanescente de Canudos que vivia no município de Assaré, no estado do Ceará. Ele aconselhou a cavação do valado em torno da cidade.

Juazeiro é vitorioso, vencendo as tropas rabelistas que se dispersaram e seu comandante fugiu para Fortaleza.

Na carta do Pe. Cícero ao seu amigo, o Cel. José Lobo, ele revela os seus sentimentos e análise dos acontecimentos da sedição de Juazeiro, em 1914, que transcrevemos na sua forma completa:

Juazeiro, 25 de março 1914

Meu caro e bom amigo Cel. José Lobo.

Aproveito ocasião da carta a Mariana de sua casa para escrever-lhe e a D. Maninha.

Nunca pensei que o Demônio mandasse e conseguisse que o Governo Franco Rabello e sequazes declarasse guerra civil ao Ceará e declarasse exterminar o Juazeiro e ameaçar-me, cortando-me a cabeça, e fazer um massacre completo e geral no Juazeiro. Houve verdadeiros martírios nos arredores do Crato, do Juazeiro, Barbalha e por todo Cariri. Oficiais soldados tinham satisfação de se gabarem dos pobrezinhos inermes romeiros que sangraram barbaramente. Eram verdadeiros luscos pagãos. Eram horrores!

Deus armou os braços dos romeiros, os fez leões, submeteram todo Estado e obrigaram o Rabello retirar-se de deixar o Ceará. A Fortaleza aterrada, com o Juazeiro cercado a Cidade, exigiu que deixasse o Governo.

Foi Deus e Nossa Senhora das Dores quem tudo fizeram. Que barbaria, meu velho amigo, decretar degolar-me e reduzir o Juazeiro a cinzas.

Está restabelecida a paz. Quando você e Maninha quiserem, podem voltar para o nosso Juazeiro que está voltando à vida passada, de romeiros, de trabalho e de oração. O Juazeiro é de Nossa Senhora das Dores e de Deus. No futuro dos tempos o Juazeiro, Deus o quer, será uma Cidade santa e uma grande Cidade, porque Deus, que é o Dono de tudo, assim fará para a salvação das almas. Aqui está sempre o seu amigo velho e parente.

A Santíssima Virgem lhe abençoe, como a Maninha, a Raimunda e Maria e todos os seus.

De seu amigo velho e parente.

Padre Cícero Romão Batista.

(Dumoulin, 2019, p. 186-187).

Essa correspondência, escrita após o fim da guerra, é um desabafo da tristeza e angústia do sacerdote Cícero, diante dos acontecimentos políticos que desencadearam as relações com os poderes constituídos do Estado e as tensões polarizadas com os grupos sociais da região do Cariri. Nessa carta, o Pe. Cícero faz uma profissão de fé na divindade e expõe uma visão profética do futuro da cidade de Juazeiro, apontando para as dimensões do trabalho, da fé e da presença dos romeiros como alicerces para a edificação desse território cearense.

Essa longa, continua e dolorosa narrativa dos acontecimentos vividos no processo de emancipação política e a atuação do Pe. Cícero na estruturação da cidade de Juazeiro revelam as duas forças motrizes complementares de sustentação desse território: a sensibilidade e a compaixão do Pe. Cícero. Este fazia a defesa dos injustiçados e desvalidos e a resistência de um povo, manifestada pela vontade coletiva de romper com os laços de submissão e opressão política. Isso comprova que a ação pacificadora do Pe. Cícero, aliada à luta do povo, fez de Juazeiro uma terra de promessa. A multidão de peregrinos mantém viva a crença na santidade da terra da Mãe de Deus e de seu padrinho, na confiança e esperança de solução para os seus problemas.

Nessa perspectiva, a atuação política do Pe. Cícero efetiva-se como sujeito histórico, que foi assumindo posições e produzindo história com erros e acertos. Ele despertou o amor, a inveja e deu visibilidade às questões religiosas de Juazeiro e suas repercussões no século XX. Ele exerceu o poder político e tornou-se uma personalidade de referência na sociedade brasileira. No seu testamento está escrito essa assertiva: “Nunca desejei ser político”. A justificativa para o ingresso na política eram o contexto e as circunstâncias que conduziam um nome de equilíbrio e reconciliação. Ele carregou dentro de si esse viés no campo político. Ele tomou posições e militou em um partido. Ele guardava, nos seus arquivos, acervo com um conjunto de recortes de jornais, telegramas e outras correspondências de tratativas políticas. Ele influenciava, era reconhecido, ouvido e dava conselhos antes de efetivar ou deslanchar uma ação política. O ponto de partida do comportamento definitivamente político procedeu quando escreveu para o prefeito do Crato, Antônio Alves Pequeno, para pedir o reconhecimento de Juazeiro como cidade.

Os desdobramentos das ações do Pe. Cícero foram constituindo uma participação efetiva, como na campanha das eleições presidenciais, em 1910, quando escreveu para o presidente da província do Ceará e pediu o apoio para o candidato Rui Barbosa. Ele trabalhou e enviou telegramas para votar em seu candidato e obtendo visibilidade em âmbito nacional. Outro acontecimento marcante foi o pacto pela paz, em 1911, conhecido também como “pacto dos coronéis” que estabeleceu, entre outros compromissos, a prática da não-violência. Ele adotou a fidelidade partidária, pertencendo ao Partido Republicano Conservador (PCR-C). Ele é uma personalidade forte e convicta da lealdade e disciplina da época, tornando-se o maior influente político brasileiro da república velha.

Nesse sentido, notabiliza-se que a relação política e religião, no processo histórico do Pe. Cícero, teria livrado Juazeiro da destruição. A cidade angaria um capital político e uma força religiosa que foram implementando valores, definindo normas, estabelecendo costumes e, conseqüentemente, hegemonia de poder. O coração da política é a relação de poder. O grande poder do Pe. Cícero reside na religião, sedimentada na tradição que atribui os acontecimentos humanos à vontade de Deus. O sacerdote tem o poder simbólico que vai agregando muita gente, sejam os sertanejos, os proprietários de terra e os líderes políticos. Assim, o discurso religioso vai arregimentando multidões de sertanejos que compreendem a atuação do padre para salvar o povo e defender a religião. Ele responde o desejo da coletividade e representante das relações sociais, por isso, no imaginário popular, é santo e coronel, político e partidário. O sacerdote reveste-se de uma figura de resistência às mazelas do mundo. Ele carrega uma potência utópica, porque a utopia também serve para alimentar a política. Ele acolhe os desprovidos dos bens materiais e gera empoderamento aos famintos, aos beatos e aos abandonados, que repercute fortemente no Nordeste. Portanto, no personagem Pe. Cícero, revestido de mestre do Juazeiro, configura-se um movimento circular, que guarda permanentemente a possibilidade de empoderamento pelo acolhimento e aconselhamento dos pobres e a fragilidade pelo poder de mando e práticas de arbitrariedades que desprezam os sertanejos e legitimam as relações de poder através de práticas coronelísticas.

Neste sentido, o relevo do Pe. Cícero consiste na relevância em lidar com instrumento analítico da realidade que possibilita o crescimento da cidade de Juazeiro. Indubitavelmente, a atuação política do sacerdote trouxe perspectiva da conjuntura nacional para a província. Ele apontou momentos magníficos da cidade no sentido de projetar o progresso e desenvolvimento para o futuro. O padre indicou os caminhos novos diante de erros e acertos da cidade. Esta obteve uma força pulsante que se ergue como monumento que mudou substancialmente a conduta sobre o fenômeno do Pe. Cícero.

Nessa direção, a construção do personagem Pe. Cícero, na sua atuação política e religiosa, é vasta, profunda e produziu uma reflexão para a sociedade que se organizou com a grandeza do Juazeiro, como uma civilização romeira. O sacerdote Cícero, na edificação da obra da cidade, pensou no espaço aberto do Juazeiro, que se constitui pela ideia: "Aqui entra e sai sem pedir licença". Por isso que o Juazeiro recebeu os praticantes do bem, portadores de valores humanos e motivados por

práticas cristã, guiados pelos caminhos da fé e da “santidade” e os homens classificados por práticas do mal, como bandidos, criminosos e cangaceiros. Pe. Cícero avalizava e abria o coração para receber todas as pessoas, sem distinção de etnia e classe social. Por isso que o Juazeiro faz lembrar marcas da identidade étnica do Nordeste e a nação romeira tem o entrelaçamento com a cidade.

Dessa maneira, os fatos históricos do Cariri provocaram o desfalecimento e a fragmentação da própria região. Os comandos do líder político na Sedição de Juazeiro, em 1914, com os saques, depredações, violências e mortes semearam a discórdia para o desenvolvimento regional sustentável. As truculências do Dr. Floro Bartolomeu, com atitudes de intolerância, indiferenças e a utilização de instrumentos de mortes de inimigos políticos. O Dr. Floro encontrou uma forma peculiar de varrer do cariri a pecha de cangaceirismo. Passou a patrocinar violentos grupos de extermínios e a rodagem com fuzilamento transformou-se no destino final dos que ousaram sair da linha no Juazeiro e, conseqüentemente, o fuzilamento promovia tragédias e destruição de vidas humanas. O Pe. Cícero, acuado e fragilizado diante dos fatos, não obtinha força para conter o ímpeto vingativo do Dr. Floro. O comportamento do sacerdote, em meio a essa rotina de violência, consistia em abrir a alternativa para o perdão e o arrependimento. Ele pautava sua atitude pela conciliação e pacificação dentro do código da doutrina cristã.

Na compreensão das fronteiras da política e religião, no processo histórico do Pe. Cícero, é importante destacar que ele nasceu e viveu sua formação no Brasil Império e os anos seguintes foram a República. Ele pautava o seu comportamento de cidadão ajustado e aliado no dever de cumprir as leis do seu país. Não há registro do seu pronunciamento, nem declaração sobre a escravidão como lei vigente no Brasil. Os inimigos do Padre acusam-no de não fazer referência à abolição da escravatura, nem defendia, nem se opunha. No entanto, o primo e amigo do Pe. Cícero, o José Marrocos era erudito, intelectual e abolicionista. Ele foi acusado de ser “homem astucioso e perturbador da ordem religiosa”. Ele é influenciador no pensamento e na amplitude da visão do Pe. Cícero. A história do Pe. Cícero é marcada por personagens que estão ao lado dele na construção do Juazeiro.

Nesta esfera de demarcação das fronteiras entre a religião e a política, a religiosidade adquire densidade, pujança e está presente de forma diferente no catolicismo popular no Nordeste, com grande índice de aprovação no meio das classes sociais. Assim, é ancorado no milagre da hóstia como acontecimento

fundante, que se pode entender o movimento popular de Juazeiro dentro das estruturas que permanecem na sociedade brasileira. Os responsáveis para não ocorrer o cisma na igreja são a obediência e a confiança do povo ao Pe. Cícero. Isso revela sua liderança. Ele não é personalista no sentido de dizer “Eu fiz o milagre”, pois, sendo assim, seu projeto teria fracassado e derrotado.

O panorama das religiões aponta para a dinâmica no Brasil e implica a situação social, política e cultural. Pe. Cícero está na associação entre a política e a religião. Ele restaura a atuação de setores sociais que reivindicam espaços na política. As dinâmicas históricas e culturais estão conectadas e o Pe. Cícero é híbrido. As conexões provocam uma circularidade simbólica com diversas apropriações do sacerdote no grande mosaico de articulações e hibridações no campo político e religioso da sociedade brasileira.

Dessa maneira, ancorado na abordagem da ética no pensamento complexo por Edgar Morin, na sua obra Método 6 - Ética nos conduz a analisar os fundamentos e princípios das ações implementadas pelo Patriarca que transforma o Juazeiro no centro de atração, de decisão e construção permanente para as classes sociais do Nordeste. Essa dinâmica da perenidade de Juazeiro é nutrida por uma autoética da amorosidade e solidariedade, exposta pelos laços jamais rompidos ou esquecidos entre o padrinho e seus afilhados. Essa correspondência estabelece a religião cognitiva e afetiva que se transforma em arma poderosa, ao mesmo tempo em que se fortalece e renova continuamente, como afirma Morin:

A autoética religa-nos à nossa humanidade: incita-nos a assumir a identidade humana no seu nível complexo e convida-nos para a dialógica razão/paixão, sabedoria/loucura. Reclama a nossa compreensão da condição humana, com seus desvios, ilusões, delírios. Estimula-nos à reforma, a que reformemos nossas vidas. Entrega-se ao amor, à compaixão, à fraternidade, ao perdão e à redenção” (Morin, 2017, p. 143).

Nesse imperativo de ética da compreensão que podemos interpretar o percurso da atividade política do sacerdote e do movimento político de Juazeiro, como celeiro de religiosidade e formas de sociabilidades cotidianas, que sedimentam uma força de resistência no enfrentamento das brutalidades e desmandos planejados e praticados pelas lideranças políticas oposicionistas. Nessa configuração, Morin aponta a diretriz para compreender a experiência fática da sociedade, no campo da

consciência da barbárie da civilização, articulada com um autêntico poder de resistência, como ele sentencia:

A barbárie humana está instalada no próprio coração das nossas civilizações pelas relações de dominação e exploração, de humilhação e desprezo. [...] A resistência à crueldade do mundo e a resistência à barbárie humana são as duas faces da ética, cuja primeira exigência é de não ser cruel e não ser bárbaro. A ética remete-se para a tolerância, a compaixão, a mansidão e a misericórdia (Morin, 2017, p. 200)

Portanto, nesse mundo de barbaridades e resistência dos tempos históricos de construção do Juazeiro, engendrado pela atitude de compaixão e persistência do sacerdote Cícero que se potencializa de forma criativa os arranjos transformadores do pequeno povoado em polo dinâmico de desenvolvimento urbano. O acolhimento aos miseráveis desvalidos do nordeste brasileiro, a abertura da porta da cidade para receber a todos sem distinção, no acometimento de erros, arbitrariedades e controle dos seus habitantes pelo seu líder Padre Cícero, na força do trabalho, como meio de sobrevivência e vivência da honestidade e na crença dos prodígios do padrinho que a cidade permanece coberta pelo manto sagrado da fé, sendo ele o guardião máximo da justiça.

Nessa realidade histórica da cidade de Juazeiro, os emaranhados conflitos nas esferas políticas e religiosas configuram as lições de persistência do Pe. Cícero. Este ensina as pessoas a não desistirem facilmente, enfrentando os riscos permanentes de destruição e mantendo a resistência, como potência emancipatória da própria vida humana. Aqui brota uma autoética como fonte de resignação frente à realidade da vida, na conquista da liberdade e na promoção da justiça. Essa autoética faz-se desabrochar pelo cultivo da persistência e pelo exercício da fidelidade aos princípios éticos da solidariedade e da fraternidade. Esses são os fundamentos dos ensinamentos do Pe. Cícero para os romeiros e os filhos de Juazeiro. Praticar o bem, ser tolerante e persistente tornam possíveis a coexistência pacífica. O caminho desse processo efetiva-se por práticas libertadoras no campo da educação, na medida em que humaniza e possibilita a emancipação dos atores sociais, baseada na ética da civilização e na construção de um mundo mais tolerante e solidário.

CAPITULO IV – MANIFESTO PARA VIVER BEM



CAPITULO IV – MANIFESTO PARA VIVER BEM

4.1 Entre sonhos, alegrias e decepções

Na manhã do dia 1º de março de 1889, a primeira sexta-feira do mês no tempo da quaresma, um fato extraordinário modifica, essencialmente, os destinos do lugarejo Juazeiro. Na noite, um grupo de mulheres ficou em oração numa vigília reparatória ao Sagrado Coração de Jesus, na pequena capela de Nossa Senhora das Dores. O Padre Cícero deixou de atender confissões e foi dar comunhão às mulheres que haviam passado em vigília. No momento que o padre distribui a comunhão, colocando a hóstia na boca da Beata Maria de Araújo, ela caiu por terra, em êxtase. A hóstia transformara-se em sangue com tanta abundância que derramou nos seus braços e caiu no chão. Essa foi a primeira vez que houve o derramamento de sangue na capela do Juazeiro. O povo e muitos padres, inclusive o Pe. Cícero, acreditaram que se tratava do sangue de Jesus Cristo e, portanto, era um milagre.

No amanhecer do primeiro domingo de julho de 1889, aconteceu a primeira romaria ao pequeno lugarejo do Joazeiro. Uma multidão de três mil pessoas caminhou nas veredas rumo ao vilarejo. A peregrinação foi organizada pelo Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, reitor do Seminário de Crato. Pe. Cícero acolheu o seu irmão no sacerdócio e seus contemporâneos cratenses. Inesperadamente, o reitor do seminário do alto do púlpito, no meio daquela multidão, em voz alta no seu sermão explicou minuciosamente os acontecimentos do pretense milagre do derramamento de sangue na boca da beata Maria de Araújo. Na firmeza de sua convicção dos fatos ocorridos na capelinha da Mãe das Dores, ele tirou uma das toalhas manchadas de sangue e apresentou ao povo. Não titubeou em afirmar que era o sangue de Jesus Cristo, promovendo momento de júbilo, exaltação e lágrimas nos rostos dos presentes naquela celebração. O fato gerou preocupação, contrariedade e angústia no padre Cícero.

A romaria é um fenômeno universal e presente em todas as religiões. É a experiência de deixar sua terra em busca do “lugar santo”. Os devotos que vieram testemunhar os fatos miraculosos de Juazeiro realizaram um ato de ascese, purificação e penitência. A experiência original da romaria de Juazeiro constituiu o início de um novo tempo na vila, que começa a receber centenas de pessoas, tornando o lugar mais populoso dos sertões nordestinos.

O fenômeno extraordinário da transformação da hóstia sagrada em sangue inaugurou o período denominado de "Questão religiosa de Juazeiro". (1889-1898). Durante 10 anos, transcorreram vários episódios: a constituição de duas comissões de inquérito para analisar os fatos ocorridos; a suspensão das ordens sacerdotais do Pe. Cícero; a formação e mobilização crescente do movimento popular das visitas e romarias a Juazeiro; a repressão da hierarquia da igreja Católica aos peregrinos; a viagem do Pe. Cícero a Roma e a desassistência religiosa ao povo.

Nessas circunstâncias, as posições diferentes e as tensões basilares são evidenciadas pela personalidade e comportamento de Dom Joaquim e o Padre Cícero. No primeiro, a preocupação com a ortodoxia da religião, a defesa das leis canônicas e a manutenção da sua autoridade eclesiástica. Uma das medidas do bispo diocesano foi a interdição da capela do povoado de Juazeiro, sendo proibida a realização de atos religiosos. Por outro lado, o Pe. Cícero, suspenso das ordens sacerdotais, sente-se um desnordeado e com indignação pelas sanções impostas. Está desconsolado com a injustiça, com o próprio sofrimento e o drama da vida do povo e das pessoas mais próximas da sua convivência, no caso os seus familiares, os beatos e as beatas do Juazeiro.

Nesse contexto tenebroso e doloroso, o Juazeiro estava no final do século XIX. De um lado, a cruel realidade social da fome e da seca assolando a população. Por outro lado, a tensão religiosa com a decisão do bispo de expulsar em definitivo, o sacerdote Cícero de Juazeiro. Há um processo de desgaste e animosidade na relação do bispo diocesano, Dom Joaquim, e o Pe. Cícero. Na população de Juazeiro crescia enormemente o ressentimento contra o bispo e seus aliados sacerdotes da cidade do Crato.

O agravamento da situação ocorreu quando o bispo da diocese do Ceará irredutivelmente mantém a decisão do Pe. Cícero deixar o Juazeiro. Na tentativa de amenizar a situação, o vigário de Crato, Monsenhor Alexandrino reconhece que a presença do Pe. Cícero no povoado do Juazeiro aliviava o drama da fome daquela gente sofrida. Ele pediu clemência e compreensão ao bispo pela permanência do sacerdote Cícero em Juazeiro por razões humanitárias. Novamente, o bispo estava determinado a eliminar as manifestações de fé do povo e convicto que "se o padre Cícero deixar o Juazeiro, tudo estará terminado", fez essa anotação na carta dirigida ao cardeal Parocchi em 10 de março de 1899. Por isso, ele não atendeu os clamores

populares e a solicitação do vigário do Crato, obrigando o Pe. Cícero a sair de Juazeiro, suspenso das ordens sacerdotais. Ele foi residir na cidade de Crato.

O estado do Pe. Cícero era de profunda aflição e angústia com a situação do flagelo da seca, a penúria da população e as condições de saúde da sua mãe, que padecia de doença grave e se encontrava prostrada em uma cama em Juazeiro. Na consciência do sacerdote Cícero, havia a convicção de que obteve a autorização do Santo Ofício para a faculdade de celebrar missa e residir em Juazeiro. No entanto, essa não era a interpretação do bispo do Ceará, que enquadrava os fatos do Juazeiro na ortodoxia dogmática e conduziu o processo preponderantemente na imposição da sua autoridade eclesiástica. Esse embate entre a posição de Dom Joaquim e do Pe. Cícero configura visões de mundo, concepção de Igreja e comportamentos e atitudes antagônicas, criando um muro de separação, desentendimentos, indisposição e comprometendo a convivência humana pelas diferenças entre o padre do Juazeiro e o bispo diocesano cearense.

Nesse ambiente de conflito e hostilidade, o movimento das romarias é crescente. No Juazeiro, arregimenta-se uma forte mobilização popular em defesa do Pe. Cícero. Este, obedecendo as determinações de Dom Joaquim, vai morar no Crato, enquanto aguardava a confirmação dos direitos concedidos pelas instâncias superiores da Cúria Romana.

Nesse contexto, a situação da seca que assola a região é terrível e dramática para as condições dos sertanejos. Nos arquivos da época, encontramos inúmeras correspondências que revelam o quadro triste dessa realidade da vila do Juazeiro:

[...] Felizmente, cheguei em nossa casa. [...] Mas o Ceará e os Estados vizinhos estão passando pelos horrores do flagelo da fome, e não obstante já ter começado o inverno, não cessam ainda de morrerem muitas pessoas de pura inanição. [...] (Carta do Pe. Cícero ao Dr. João Carlos Azevedo) (Cícero *apud* Guimarães; Dumoulin, 2015, p. 178).

Há uma carta do Pe. Alexandrino, destinada ao Dom Joaquim, que descreve a situação do Juazeiro:

A seca nesta Freguesia e vizinhas está fazendo estragos horrorosos principalmente no Joaseiro, cuja população faminta e maltrapilha em sua maioria, sai todos os dias a mendigar o pão em todas as direções (Alexandrino *apud* Casimiro, 2012, p. 767).

Na estada em Roma, Pe. Cícero recebeu a sentença do Santo Ofício¹², em que a ata de execução foi lida para o Pe. Cícero, que aceitou plenamente as decisões e prometeu cumprir as determinações. Na ocasião, ele foi absolvido no ritual costumeiro da Igreja e foi imposto como penitência rezar trinta vezes o rosário a Nossa Senhora. Com o compromisso assumido pelo Pe. Cícero dava-se por encerrado o julgamento do processo nas instâncias da cúria romana.

Desse modo, o Pe. Cícero, absolvido e com o sentimento de alívio, escreve uma longa e emocionante carta a sua mãe Dona Quinô. Na correspondência, ele fala do fim do exílio, da conquista do direito de voltar a celebrar e retornar para casa. Ele revelou o seu plano de viagem com a saída de Roma para Nápoles, com destino ao Recife. Depois, viajaria para Fortaleza para estabelecer entendimentos com o seu bispo, Dom Joaquim, e chegaria a Juazeiro, como ele revela e dá instruções na carta de 18 de setembro de 1898:

[...] O meu desejo é voltar e chegar em casa na hora que menos me esperem. E como desejo viver uma vida retirada, depois de tanta luta e tanta angústia, intenciono ir fazer a minha morada quase toda no Horto e lá mesmo celebrando quase a maior parte dos dias [...] Diga a mestre José que não deixe que carreguem o cal que estava no Horto, que pode acontecer que, quando eu chegar, se precisa dele. [...] Ele prepare aquela salinha menor da casa do Horto, faça um altar como o da Igreja, forre para cima com um assoalho de tábuas, [de modo] que fique uma capelinha suficiente para celebrar o Santo Sacrifício da missa (Cícero *apud* Dumoulin, 2019, p. 150-151).

Na permanência do sacerdote Cícero, os últimos dias foram marcados por momentos maravilhosos em Roma. Ele recebeu a licença do Santo Ofício e do cardeal Lucido Maria Parocchi para celebrar missa na Igreja de San Carlo al Corso. Na consciência do Padre Cícero essa autorização demonstrava a confiança dos juizes canônicos na sua pessoa e nos seus bons propósitos de vida. O bispo de Fortaleza não aceitou as decisões de Roma e manteve os decretos de suspensão do sacerdote.

A obsessão que moveu o Pe. Cícero em quase toda a sua vida foi o desejo de reaver o exercício do seu ministério sacerdotal. Agregando essa sua vontade,

¹² No documento enviado de Roma a Dom Joaquim em 07 de setembro de 1898, determinava” [...] seja absolvido o Revmo. Sr. Cícero das censuras em que de qualquer modo tenha incorrido, e seja despedido com grave advertência e com proibição de falar ou escrever sob as coisas do Juazeiro[...] Que o Revmo. Sr. Cícero não seja admitido à pregação da Palavra de Deus, a ouvir confissão e à direção das almas, sem especial licença do Santo Ofício, e se for possível, vá para outra diocese. [...] Que se já exortado o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Fortaleza a enviar o mais cedo possível, missionários ao Juazeiro [...] Esse documento está transcrito em Casimiro, 2012, p. 763-764.

envidou esforços e apelou com suas relações políticas na tentativa de estabelecer a sede do bispado do Cariri no Juazeiro. Com esse projeto em mente, o patriarca do Juazeiro trabalhou com afinco para conseguir recursos financeiros suficientes para construir um patrimônio que atenderia as exigências da Santa Sé para a fundação de uma diocese. No fundo, o Pe. Cícero lutava para trazer a sede do bispado para o Juazeiro e recuperar a sua plena condição de sacerdote católico.

Em 1914, o Papa Bento XV criou a nova Diocese no Cariri, com sede do episcopado em Crato e nomeou Dom Quintino como primeiro bispo. Uma decepção para o Pe. Cícero, que continuava suspenso das suas ordens sacerdotais e permanecia no exercício do cargo de prefeito da cidade.

Nessa nova configuração eclesial na região do Cariri, a expectativa girava em torno da possibilidade de visita do novo bispo ao município do Juazeiro. Essa situação residia que o bispo nomeado, antes como jovem padre tinha escolhido como confessor o Pe. Cícero, mas com as questões religiosas do Juazeiro transformou-se num “baluarte da ortodoxia” e no porta-voz do bispo do Ceará na aplicação de várias restrições ao Pe. Cícero, como proibição de receber romeiros em sua casa, dar a bênção, benzer artigos religiosos e batizar crianças em caso de morte.

Dom Quintino começa sua primeira visita pastoral na Cidade de Juazeiro em 28 de dezembro de 1916. O Bispo estava ansioso porque fofoqueiros e gente de má fé lançavam em jornais e nas ruas das cidades vizinhas que ele ia ser muito mal recebido no Juazeiro. Ele foi acolhido com entusiasmo pelo povo e por Padre Cícero, que fez um discurso de respeito, admiração, amizade e ofereceu um suntuoso banquete:

[...] Sinto-me plenamente satisfeito com a visita de V. Exa. a esta terra, por que assim, em uma demonstração pública e sincera, por intermédio desta população que me ouve, poderia eu testemunhar a V. Exa. que os laços de estima que nos uniam, quando aqui chegou, como simples Padre, ainda permanecem em toda sua integridade. [...] E eu querendo ainda mais confirmar pessoalmente os sentimentos de amizade, de consideração, e de respeito, que de modo público já dei por intermédio do povo, ofereço a V. Exa. este almoço íntimo no meu humilde lar [...] (Cícero *apud* Casimiro, 2012, p. 799).

Nesse clima de cordialidade, respeito mútuo, superação da hostilidade e a reaproximação do novo bispo com Juazeiro, Dom Quintino Rodrigues surpreendentemente, toma a decisão de criar a primeira Paróquia de Juazeiro, com o

título de Nossa Senhora das Dores e autorizou o Pe. Cícero a voltar a celebrar missa, mantendo a proibição de confessar e pregar.

No entanto, a alegria do Pe. Cícero e do povo durou por pouco tempo. O bispo Quintino recebeu da nunciatura apostólica o decreto de excomunhão do Padre Cícero, em 17 de abril de 1917. Ele engavetou e nunca aplicou a penalidade descrita no documento. Imediatamente, o bispo revogou a decisão que outorgava o direito do Pe. Cícero de celebrar missa e renovou as suspensões das ordens sacerdotais.

Em 1921, o bispo tomou a iniciativa de escrever ao Papa Bento XV, apresentando as razões da não aplicação da sentença de excomunhão ao sacerdote Cícero. O motivo principal que levou à não aplicação da ordem de Roma foi o temor do bispo de surgir uma explosão de revolta popular contra a Igreja, como também o medo de agravar o estado de saúde do Pe. Cícero, que poderia levá-lo à morte. No documento do bispo, dirigido ao Papa, ele fez o pedido para a reabilitação do sacerdote Cícero, absolvendo-o das censuras e restituindo-lhe o direito de exercer as ordens sacerdotais.

[...] O mesmo suplicante pede permissão para manifestar o seu parecer a fim de que não seja executada a publicação do mandado (excomunhão), e exprime seus votos e desejos de que, pelo bem da paz, seja o Pe. Cícero Romão Baptista absolvido das censuras em que incorreu e lhe seja concedida a faculdade de celebrar a Santa Missa também em Juazeiro[...] ¹³(Lira Neto, 2009).

Em resposta, o Tribunal do Santo Ofício de Roma cancelou a sentença de excomunhão, mas manteve a suspensão do ministério sacerdotal e reduzindo ao “estado laico”. Esse é o despacho do Santo Ofício, oriundo de Roma, a respeito do Pe. Cícero, enquanto peregrinava na terra:

Na reunião de Feria IV, 23 de fevereiro do corrente ano, tendo sido relatado o que o sr. expôs por carta sobre o Sacerdote Cícero Romão Baptista, os Eminentíssimos Cardeais Inquisidores Gerais, juntamente comigo, ordenaram que o sr. absolva das censuras o mencionado Sacerdote e o admita aos sacramentos à maneira dos leigos, permanecendo a irregularidade para exercer os sagrados ministérios¹⁴ (Lira Neto, 2009).

¹³ (Crato, 09/11/1920 - Arquivo do Departamento Histórico Diocesano Pe. Gomes – DHDPG – Crato-CE). Não paginado.

¹⁴ (Despacho do Santo Ofício. Roma, 03/03/1921 – Arquivo do Departamento Histórico Diocesano Pe. Gomes – DHDPG – Crato). Não paginado.

Nesse sentido, o Pe. Cícero, fiel leigo pertencente à Igreja católica apostólica romana, sendo sua condição até o final de sua existência humana em 1934. Ele continuou participando dos sacramentos da Igreja, recomendando fidelidade dos seus devotos à Igreja Católica, não provocou cisma eclesial, continuou residindo em Juazeiro no exercício político de prefeito até 1927 e vem mantendo até hoje, imensa influência espiritual e moral aos sertanejos nordestinos.

Fotografia 21 - Sepultamento do Pe. Cícero em 21 de julho de 1934.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

No amanhecer do dia 20 de julho de 1934 em sua casa na Rua São José no leito de sua cama, rodeado de pessoas amigas, com 90 anos de idade, fragilizado pela enfermidade, a cegueira e o avançado da idade, padre Cícero Romão Batista deu o último suspiro e entregou sua alma a Deus.

Na memória das pessoas ficaram registrados os últimos dias do Pe. Cícero e por isso construíram diversas narrativas. O Pe. Cícero agonizante, ainda teve força para levantar a mão e traçar três cruces. A Joana Tertuliano de Jesus¹⁵, conhecida como beata Mocinha trouxe a imagem do senhor crucificado e colocou a vela na sua mão. Em seguida, o padre inclinou a cabeça, abriu os olhos, apertou a mão da beata e disse bem baixinho: “No céu pedirei a Deus por vocês todos”. E morreu. A triste notícia da morte do Padre Cícero do Juazeiro espalhou-se pelos sertões nordestinos.

¹⁵ Joana Tertuliana de Jesus, conhecida como beata Mocinha era mulher solteira que morava na casa do Pe. Cícero e exercia importante papel como governanta, tesoureira e administradora da casa e dos bens do sacerdote. Ela era responsável pelas tarefas domésticas da morada do Padre. Ela recebia as esmolas e doações deixadas pelos romeiros como também cuidava da compra e venda de imóveis. Ela vestia de hábito escuro, detentora de forte personalidade e controlava o movimento e o cotidiano da casa. Muitos os chamavam de “MANDONA”.

O velório aconteceu durante todo o dia e noite. Muitos devotos desfilaram diante do seu corpo.

Na manhã do dia 21, transcorreu o sepultamento na capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, precedido da missa de exéquias. O cortejo foi acompanhado por uma multidão de aproximadamente 60 mil pessoas, seguindo pelas ruas centrais da cidade até a Igreja matriz de Nossa Senhora das Dores. No patamar da Igreja estava a banda de música do Mestre Pelúcio. Os membros das associações religiosas leigas estavam enfileirados e, na praça, os automóveis buzonavam. Em todo o percurso até a capela do Socorro, a multidão alucinada fazia sua despedida ao seu padrinho com muita tristeza, lamentos e choros. No pé do altar, a urna estava aberta para receber o corpo do sacerdote que desceu à sepultura às 10:30h. Juazeiro estava coberto de luto. Em todas as casas e lojas comerciais foram colocadas cortinas pretas. A educadora e memorialista Amália Xavier descreveu aquele momento assim:

As casas enlutadas e os corações chorando a perda do grande homem que foi o Pe. Cícero de Juazeiro, figura internacionalmente conhecida, admirada por uns, vilipendiada por outros, venerada pelos esclarecidos que não lhe negam o valor e as qualidades superiores de que era portador o santo Levita que nasceu no Crato, viveu em Juazeiro e se projetou nas grandes cidades e nas humildes aldeias do Brasil inteiro. (Oliveira, 1989, p. 332).

No imaginário popular nordestino, “ele está vivo! O padre não morreu, mas se mudou!”. Os dias que se sucederam foram marcados pelo recolhimento, desolação e desapontamento daquela gente. Alguns moradores e comerciantes projetaram também a morte do Juazeiro. Outros pensaram em abandonar a cidade. Boa parte do clero diocesano acreditava no fim das romarias. As lojas comerciais esgotaram seus estoques de tecidos pretos, porque a população inundou a cidade com vestimentas pretas. Havia um único lamento na cidade. Ao mesmo tempo, o povo buscava o consolo na fé e movido na crença que o sacerdote Cícero foi enviado de Deus, cumpriu sua missão na terra, sofreu perseguição e incompreensão por pregar a palavra divina e agora, estava no céu, rogando por seus devotos. Estes continuam reverenciando sua memória, muitos deles vestindo-se de luto em memória ao seu falecimento a cada dia 20 do mês e visitando o seu túmulo numa expressão de fidelidade e reconhecimento que ele permanece vivo na sua luta cotidiana como “Patriarca de Juazeiro” e “Conselheiro do Sertão”.

As narrativas desses eventos históricos sobre o Pe. Cícero são centrais para os desdobramentos em Juazeiro e possibilitam extrair os ensinamentos e lições do sacerdote para os dias atuais. O milagre da “transformação da hóstia sagrada em carne e sangue na boca da beata Maria de Araújo” é incorporado ao sistema de crenças do Pe. Cícero. Esse evento permitiu o sacerdote adentrar nos valores e significados da sua experiência no mundo e definiu os contornos de alianças e conflitos da sua trajetória religiosa e política. Os peregrinos na condição de crentes no milagre realizaram uma experiência íntima com sua própria subjetividade que o constitui como gênero humano. Essa compreensão da atuação do Pe. Cícero e esse movimento dos romeiros não processam na forma de dissidências da religião, mas na busca incessante pelo reconhecimento e inscrição na identidade de cristãos católicos. É justamente aqui que identificamos a fidelidade do padre Cícero em permanecer no seio da Igreja católica até sua morte e o que motiva os seus devotos com teimosia e resistência continuarem a peregrinar ao Juazeiro mesmo diante da negação e desvalorização dos seus ritos e crenças.

4.2 Disciplina, oração, resistência e fraternidade

Figura 22 – Pe. Cícero no momento de registro de correspondências.



Fonte: Acervo de Renato Casimiro/Daniel Walker.

A figura humana do Pe. Cícero emergiu como liderança religiosa e política, obtendo credibilidade, confiança, fama e prestígio junto à sociedade cariense e os peregrinos que circulam no território de Juazeiro. Todo um arcabouço de ações do Pe. Cícero vai consagrando-o como líder social e político que atua além das fronteiras da cidade de Juazeiro, como ser reconhecido pelas pessoas por sua bondade e sabedoria, orientando-as pelo caminho de uma boa vida material e da promessa da salvação eterna.

A série de experiências, como a dor, o sofrimento pessoal e alheio, profundamente radicada no coração do Pe. Cícero provocou o tormento que se manifestou em questões essenciais como os fatos extraordinários do Juazeiro, o reconhecimento da dignidade da mulher no caso da beata Maria de Araújo e a decisão de nunca abandoná-la como também na defesa política do Juazeiro frente às ameaças e a inevitabilidade dos conflitos e de morte na Guerra de 14 e outros acontecimentos que foram palco na arena política e religiosa de Juazeiro. Todo esse processo foi pautando a sua vida na direção de busca em dar respostas com a responsabilidade e a consciência dos valores que não tornassem o poder destruidor da natureza e do gênero humano.

Nesse sentido, pode-se analisar as lições do Pe. Cícero, que na sua fidelidade e persistência emergiram as questões que brotam da vida humana no contexto da realidade atual. A experiência do sacerdote Cícero nas circunstâncias históricas revelou como condição de possibilidade de estruturar uma cidade aberta no sentido de efetivação da justiça social que se traduziu na transformação de um povoado em uma crescente miséria e crueldade na construção de mundo que amenize as relações de dominação e favoreça o reconhecimento livre dos membros de uma comunidade.

A história do Pe. Cícero está marcada por exigências fundamentais de uma práxis libertadora, capaz de transformar as relações produzidas no mundo e estruturação de uma nova forma de viver socialmente. Na raiz dessa experiência do sacerdote Cícero na edificação do Juazeiro está a consciência das limitações estruturais das questões políticas e religiosas que os envolveram nas diversas expressões e fatos e pela luta constante de reconhecimento dos direitos dos desvalidos e abandonados da ordem societária. Neste assumir a causa dos pobres sertanejos e nas orientações dos senhores proprietários de terra e comerciantes estão presentes as atitudes de persistência e de teimosia do Pe. Cícero na efetivação da cidade de fé e do trabalho.

Ao avaliar a vida pessoal do Pe. Cícero e sua disciplina na condução rotineira da sua vida, em recente descoberta nos arquivos da casa do Pe. Cícero sob a responsabilidade dos padres salesianos foi encontrado um “caderno de anotações”. Esse documento precioso revela as facetas da dimensão humana do sacerdote no seu despojamento, humildade e autenticidade numa verdade encarnada do ser humano reposicionado no seu tempo, lugar e na história.

No diário do Pe. Cícero registra-se o planejamento diário com o título: “Qual é a boa obra que hoje tenciono fazer?” Neste registro, o Pe. Cícero é revestido da disciplina e da rigidez no cumprimento dos horários cotidianos na forma de organização diária. Atenuamos para o nível de organização e disciplinamento do Pe. Cícero com suas atividades diárias pautadas pela vida de oração, estudo, trabalho e os hábitos alimentares. Destacam-se também os seus momentos de entretenimentos com prioridade ao ouvir música para alimentar o espírito e fortalecer a alma.

Adentrando no universo dos apontamentos do Pe. Cícero vamos encontrar os significados de determinadas noções de valores humanos e que servem como ensinamentos relevantes na sua pregação e nos seus conselhos às pessoas que visitavam sua casa.

Nessa tabela, que ora apresento, encontram-se descritos alguns fragmentos do Pe. Cícero com determinados conceitos que servem de lições de vida e são norteadores na ação política e religiosa no Juazeiro, junto aos romeiros e os filhos dessa terra, conforme as anotações no caderno¹⁶:

Quadro 1 - Bons pensamentos do Pe. Cícero.

VERBETE	EXPLICAÇÃO
AMIZADE	<p>“É um fogo que não arde, senão em corações puros”</p> <p>“Não foi dada por companheira ao vício; mas por socorro a virtude”</p>

¹⁶ Este caderno está conservado na Biblioteca do Salesianos, em Juazeiro do Norte e existe uma cópia no Centro de Pesquisa da religião Irmã Annette. Apresentei este quadro para facilitar a visualização. No caderno encontra-se escrito em duas colunas. Destaca-se também a autenticidade da obra pela identificação de (PC), como também o reconhecimento da grafia do Pe. Cícero. A data dos escritos é desconhecida. O caderno ainda não foi publicado e vamos citar neste trabalho como caderno de anotações do Pe. Cícero, mantendo a ortografia da época.

	<p>“Que pode acabar nunca foi verdadeira amizade”.</p>
LIBERDADE	<p>“A personalidade humana está na razão direta da liberdade; por isso o homem escraviza a sua vontade a ação do mal vai também perdendo a sua personalidade”</p>
CONFIANÇA	<p>“Nenhuma confiança é mais mal colocada, que aquela que temos em nós mesmos”</p> <p>“Para obrigarmos os outros a se confiarem em nós, é necessário fazer-lhe parecer que confiamos neles”</p>
FIDELIDADE	<p>“É sempre suspeita, quando é comprada”</p> <p>“Pouca fidelidade se deve esperar daquele cuja vida há sido irregular e cujo coração é cheio de artifício”</p>
TRAIÇÃO	<p>“O caráter da traição é indelével; quem foi traído uma vez, é traidor toda a vida”.</p> <p>“O traidor é sempre abominável a Deus, e aos homens”</p>
IGNORÂNCIA	<p>“A maior enfermidade do gênero humano”</p> <p>“É a mais perigosa das moléstias e a causa de quase todas”</p> <p>“Marcha quase sempre acompanhada da vaidade e do orgulho”.</p>

AMOR	<p>“É muito mais fácil experimentar o amor, que defini-lo”</p> <p>“É a mais crédula, e a mais incrédula de todas as paixões”</p> <p>“Um dos grandes crimes do amor é trair os segredos da amizade”</p> <p>“É como um incêndio, quanto maior é, menos atreva”</p> <p>“Em amor a bondade faz ingratos, a doçura tiranos e pérfidos a boa fé”</p> <p>“A medida que o amor cresce, a prudência diminui.”</p>
------	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Esses apontamentos de definição de conceitos consubstanciam os elementos constitutivos da condição humana. Nessa plataforma de noções estão a compreensão dos valores e das crenças do Pe. Cícero e a reprodução de sua formação de base cristã, tendo como fonte as sagradas escrituras e a doutrina católica. Assim, o Pe. Cícero, como mestre do Juazeiro, vai tecendo as suas pregações e as suas práticas cotidianas junto aos moradores e romeiros nestas categorias fundantes para a convivência social. Esse verbete é a consolidação dos ensinamentos do Pe. Cícero, que era um grande catalisador de conhecimentos sobre a realidade e sabia se servir deles para educar e orientar a sua gente para viver mais e melhor, dentro da sua condição de vida. De certa forma, as noções apresentadas são significativas da forte personalidade do Pe Cícero, que constrói um verdadeiro manifesto para o viver bem. Essas lições de amizade, liberdade, fidelidade, confiança e amor são princípios que ultrapassam o tempo histórico e assumem relevância na sociedade contemporânea, sobretudo, no meio dos seus seguidores e admiradores. A difusão desses conselhos é impulsionadora do espírito humanístico do sacerdote do Juazeiro, que aconselhava para a amizade verdadeira, combate a infidelidade e permanente busca pela felicidade pessoal e para uma vivência comunitária saudável e fraterna.

No registro desse caderno, podemos adentrar no universo da intimidade profunda da espiritualidade do Pe. Cícero, através de uma experiência fervorosa de testemunhar sua fé, através da realização de romaria para duas cidades cearenses: Icó e Canindé. Na primeira, em Icó, celebrar a missa de pés descalços na Igreja do Senhor do Bonfim representava o pagamento da promessa por receber a dádiva e retribuir no gesto de humildade e suplicar as graças para sua vida nos seguintes termos:

Atenção, assiduidade, constancia gosto tanto na oração como e mais ain-da na penitência: exac=tidão no comprimento de meos deveres, completa castidade, e emfim todos os bens, que se pedem na oração = Universal (Cícero, Caderno de Anotações, [2023], p. 05).

A outra experiência romeira à cidade de Canindé é o pagamento de promessa em celebrar três missas em honra e glória de São Francisco das Chagas, conforme a sua narrativa:

A São Francisco das Chagas- ir ao Canindé celebrar 3 missas (missões?) em sua honra e gloria, ir caminhando de pé o que poder, e fose(?) possível, varrer 3 dias a Igreja, e mais alguma cousa que resolver fazer, tudo tendente ao fim (Cícero, Caderno de Anotações, [2023], p. 23).

As experiências do Pe. Cícero são reveladoras do seu envolvimento no mistério do espaço sagrado e do tempo da promessa nas representações simbólicas do grande drama da vida humana. O deslocamento a outros lugares engloba todas as dimensões da história concreta do homem nordestino no conjunto de práticas e ritos espirituais, que contempla as suas aspirações, necessidades e sonhos. Essa obstinação vital do sacerdote Cícero de viver a realidade da identificação religiosa do povo nordestino, através das romarias a Icó e Canindé encarnam o modelo do ser peregrino no caminho para um território sagrado que simboliza valores de fé, partilha, fraternidade e renovação constante da esperança da salvação.

Nessa perspectiva do humanismo do Pe. Cícero, encontramos o valor sublime dos seus conselhos sobre a amizade. Ele reconheceu a verdadeira amizade quando apontou para três dimensões deste valor para o gênero humano: “A amizade se conhece é na adversidade”, “a amizade se conhece na fidelidade” e “a amizade se conhece na compreensão que se tem da situação do amigo e deixa o amigo livre de

seguir sua consciência”. (Dumoulin, 2018, p. 01). Essas afirmações sobre amizade revelam que o sacerdote Cícero se tornou um grande catalisador de princípios humanísticos, os quais sabia usar para educar e orientar os seus seguidores.

Nesse mesmo propósito, em seu estudo consagrado da complexidade, Edgar Morin sublinha de modo notável os princípios da autoética que tem na amizade uma das dimensões da existência humana:

A autoética funda-se apenas em si mesma, mas não poderia se afirmar sem uma “fé” que alimenta e a ilumina. Minha autoética baseia-se sobretudo na fé no amor, na compaixão, na fraternidade, no perdão e na redenção [...]. Sei que não podemos escapar à perdição, e é nesta perdição que assento minha “fé” na fraternidade e no amor (Morin, 2013, p. 77).

Prosseguindo nessa linha de pensamento, parece-nos interessante, na proposta de uma autoética, mencionar a amizade como uma das forças da resistência que deve caracterizar as permutas com os meios e as tensões e conflitos que compõem a vida social, como acentua Morin:

Resistir, resistir em primeiro lugar a nós mesmos, a nossa indiferença e a nossa desatenção, a nossa preguiça e ao nosso desânimo, a nossa vis pulsões e mesquinhas obsessões. Resistir por/para/com amizade, caridade, piedade, compaixão, ternura e bondade. A resistência à crueldade do mundo deve tentar manter a união na separação, tentar unir o que está solto deixando-o livre, suscitar o arrependimento concedendo o perdão” (Morin, 2013, p. 274).

Podemos, então, empreender nitidamente a descrição do Pe. Cícero sobre a amizade está na esteira da ética da fraternidade conectada, essencialmente, com rupturas das percepções egoístas e das vivências das virtudes da paciência e humildade, marcadas nos ensinamentos aos devotos inspirado no livro bíblico dos provérbios e registrado como fragmento do seu caderno de anotações:

Duas cousas contribuem para a duração da amizade 1º a paciência; por quanto um homem irassível do procura rixas. 2º a humildade que produs apaciência; por que a discórdia é companheira do orgulho (Proverb). Aquelle que presume muito de si, e despreza os outros, não pode suportar seus defeitos. [...] As grandes medidas é que vencem as grandes dificuldades só u’a resolução heróica é capas de fazer recuar um infortúnio de certa ordem (Cícero, Caderno de anotações, [2023], p. 26).

Em última análise, os ensinamentos vigorosos de amizade, amor, fidelidade, persistência e fraternidade emergiram com maior nitidez no Pe. Cícero pela sua experiência intensa e determinada de viver a vida com muita autenticidade. Na atmosfera do pensamento e na prática do Pe. Cícero opera um imperativo de renovação constante de reconciliação com os pobres do sertão. Esse sacerdote alimenta a convicção pessoal da sua missão a partir do sonho com a ordem divina: “E, você Cícero, toma conta deles”. Essa missão consistiu em realizar um projeto político e cultural estruturante de cuidar, aconselhar e amar os desvalidos, desamparados e desprotegidos nordestinos. Esse comportamento humano parece ser o ato de intuir uma qualidade da personalidade inerente no Pe. Cícero no exercício de pensar e montar estratégias de solução para os problemas das populações que estão no cotidiano da cidade.

Essa inteligência intuitiva como condição essencial no Pe. Cícero aproxima-se de uma chave de compreensão da inteligibilidade complexa abordada por Edgar Morin. Este defende a estrutura do pensar que instaura a emergência da inteligência complexa na atmosfera ao novo conhecimento de compreensão do entendimento humano. Na perspectiva de Morin, o mestre é entendido como criador de estratégia de abordagem da realidade que produzam narrativas em determinadas circunstâncias, observando os fenômenos da realidade, pisando com firmeza no chão da sociedade e submetendo o corpo orgânico ao movimento das coisas.

[...] A compreensão complexa é multidimensional; não reduz o outro a somente um dos seus traços, dos seus atos, mas tende a tomar em conjunto as diversas dimensões ou diversos aspectos da sua pessoa. Tende a inserir nos seus contextos e, nesse sentido, simultaneamente, a imaginar as fontes psíquicas e individuais dos atos e das ideias de um outro, suas fontes culturais e sociais, suas condições históricas eventualmente perturbadas e perturbadoras. Visa a captar os aspectos singulares e globais (Morin, 2017, p. 112-113).

Assim, evidencia que o método complexo é uma estratégia que estabelece uma razão dialógica que depura as zonas de contradições dos fenômenos e dialogicamente efetiva a superação e constitui bifurcações no processo do conhecimento. Na teia dessa relação eclode o diálogo como o operador cognitivo que favorece a troca de saberes, cria sistema de comunicação e espaços de construção de uma ecologia social, como condição de proteção do ser humano e convivência dos seres vivos.

Nesse panorama, a argumentação de Morin consubstancia o diálogo como fator constituinte do operador cognitivo do método complexo. Isso implica que o paradigma dialógico emerge como possibilidade de estabelecer a síntese entre organização e ambiente, objeto e sujeito, evidenciado pela razão dialógica nas coisas e nas relações subjetivas de compreensão do mundo.

A razão dialógica consiste no desenvolvimento da capacidade de estabelecer troca e criar situações que possam coexistir no sistema que produzem zonas imponderáveis de comunicação. Indiscutivelmente, a dialogicidade é condição de possibilidade de criação de sistema comunicacional, que possibilita a convivência sistêmica da espécie correspondente aos seres vivos e não-vivos.

Nessa perspectiva que configura a imagem do mestre Padre Cícero com pé cajado no chão, filho de uma terra com possibilidade da vida humana conviver no vale de fertilidades e de águas perenes e nos entornos secos e áridos, potencializando sua inteligência intuitiva, implicada diretamente no cotidiano das transformações econômicas, sociais, culturais e políticas de sua região, sem perder a sensibilidade do laço que conecta o homem e a globalidade da terra. Essa foi a estratégia do mestre Pe. Cícero de buscar uma aproximação concreta da situação do povo de Juazeiro, sanar as problemáticas e implantar um sistema produtivo de transformação da região. Essas escolhas foram marcadas sob o signo das incertezas pelos desdobramentos das questões religiosas e pela participação ativa do sacerdote Cícero em conflitos político-partidários sangrentos e sua condenação pela Igreja. Aqui, vamos encontrar uma lição de vida que ele aprendeu e ensinou a enfrentar e conviver com a incerteza como o maior desafio da condição humana. Concretamente, as incertezas estão relacionadas com os desdobramentos da questão religiosa, as consequências da guerra de 14 e os destinos da cidade de Juazeiro. A incerteza, o inacabamento e o permanente deslocamento entre a religião e a política serão operadores cognitivos que permearam a condição existencial do Pe. Cícero.

Nessa complexa turbulência, a boa utopia do Pe. Cícero emerge não com o caráter de perfeição, mas com as possibilidades técnicas e práticas de aspiração humanística de estabelecer a paz e harmonia da cidade. Isso significa vencer a barbárie e a crueldade do mundo e elevar a própria existência humana.

A vida do Pe. Cícero e sua obra de construção da cidade de Juazeiro experimentaram os tempos de incerteza, porque sua existência, como mestre, fascina, provoca, instiga e toca, porque tem princípios e concepções de vias de regeneração.

A cooperação, compaixão, solidariedade e persistência são valores imprescindíveis e que humanizam a própria condição humana. Esses valores parecem estar esgotando numa sociedade mundializada, com relações capitalistas, mas podemos enxergar nos caminhos da vida do Padre Cícero sinais de afetos, compaixão e persistência que alimentam a construção de oásis de redes justas e solidárias, como espaços de confiabilidade mútua entre o mestre e os discípulos.

As experiências gestadas na travessia do Nordeste pelo Pe. Cícero, dentro do contexto de contradições da história e das decisões políticas, nem sempre acertadas por ele, cometendo erros que fragilizaram o projeto social de construção da cidade de Juazeiro. A evidência desse processo foi a transferência de poder decisório para o Dr. Floro Bartolomeu, que patrocinava horrores, violência, guerra e defendia os domínios recorrendo à força das armas. O sacerdote Cícero vivia na tensão existencial e limiar dos efeitos contraditórios do homem do seu tempo, que se amarrava nas estruturas do coronelismo para acomodar interesses rivais. A força de sua liderança foi incapaz de destruição do cangaceirismo como fenômeno endêmico da sociedade sertaneja da época fixada em Juazeiro. Ele tinha como preocupação combater a tese de que Juazeiro se tornara uma espécie de território livre de bandidagem, ao mesmo tempo, manteve a resistência do tempo e lutas pelos invisíveis e marginalizados diante do mundo carente de harmonia, paz e solidariedade.

Nesse sentido, a história do Pe. Cícero e seus ensinamentos de valorização de todas as formas de culturas, artes e ofícios transpiram de forma generosa e nutrem as iniciativas e aspirações que acompanham dentro do viver bem pela tenacidade e intuição sensível, continuam sendo representativas na cidade fundada por ele. A percepção que se tem é que com o Pe. Cícero as coisas não têm fim, pois foram arquitetadas para construir o mundo melhor.

Nesse caminho de construção de manifesto para viver bem à luz do modo de existir, aprendemos a lição de um nordestino cotidiano, obcecado por sua terra e por seu povo a ponto de teimar em tê-los visto enobrecidos pela manifestação visível da sua presença. Visceralmente homem brasileiro com marcas de mestiçagem na sua personalidade múltipla, diversa e plural, depurado e interpretado com diversos olhares de patriarca e coronel do sertão, semeador de maldições, explorador e poderoso nas áleas dos embates políticos que o jogaram em acontecimentos de guerra e de sangue, curador, conselheiro, benfeitor e padrinho dos nordestinos. Essas são as imagens do Pe. Cícero que continuam transitando, mobilizando e atraindo seguidores, cultivando

sentimentos de amor e ódio muito próprio da condição humana do mestre que mexe com as estruturas sociais, políticas e religiosas do seu tempo histórico e se torna perene na história da humanidade.

Nessa perspectiva que concentra a condição humana do Pe. Cícero na perspectiva de politização do pensamento que tudo está conectado como homem virtuoso, mas que cometeu erros, pagando um preço alto das suas ações frente à Igreja e a política. A imagem do Pe. Cícero é reformulada e reconstruída na contemporaneidade pela compreensão, como mestre que produziu um novo ideário através da assistência, da proximidade e o derramamento de coração e vida a favor do cotidiano das pessoas. O capelão do Juazeiro renovou com persistência e fidelidade um compromisso de ação com as baixas camadas sociais. E, na procura pelo padrinho neste cenário, os romeiros através da sua peregrinação buscam deslocar-se dos mais frágeis representantes lugares do nordeste marcado por essa arena de competição, exploração e dominação e vai tecendo o sentido da vida e significação da sua existência nesse vale de lágrimas representado nesse centro de peregrinação do Nordeste. As romarias continuam a integrar o novo elenco das mais contemporâneas práticas religiosas. Desse modo, a romaria a Juazeiro transformou-se na caminhada perene em busca da vida de paz, na vivência de espiritualidade, oferecidas no testemunho e na pregação do Pe. Cícero aos que têm fome e sede de justiça. Assim, a permanência da experiência de romaria ao Juazeiro continua sendo para o romeiro, as expressões de sacrifício, redenção, expiação, gratidão por graças recebidas, pedidos desesperados de cura, emprego, casamento e aquisição de bens. O Pe. Cícero transforma-se em ícone dos pobres e vai adquirindo um sentido icônico na cultura da modernidade, que as novas gerações de romeiros portam em si o avanço patente da cidade de Juazeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As narrativas diversas da memória de personagens, fatos e processos históricos são representativos com o fenômeno religioso como o acontecimento fundante para a vida do Pe. Cícero, as romarias e a criação de Juazeiro. Essa compreensão aproxima e desenvolve no campo da educação que se delinea pelo processo de aprendizagem da condição humana, tendo como base existencial a sabedoria. A vida brota da emergência em que o grande saber emana do reconhecimento de nossa ignorância. O limite do conhecimento está na temperatura da morte, por isso os mestres carregam consigo, como fonte de curiosidade e sedução, a busca pelo saber. A partir dessa compreensão que propus adentrar nessa pesquisa investigativa sobre o personagem Pe. Cícero, e ainda mais, motivado pela sensibilidade que aflorou na instigante aventura de compreender as ações dos atores humanos e as dinâmicas sociais que mobilizaram e compuseram a intrincada questão religiosa e política do Juazeiro. Essa movimentação histórica muito extensa, permanente, tensa e conflituosa é estruturada de significados na sociedade com repercussão no nordeste brasileiro e sua perpetuação até os dias atuais.

Por que ainda falar do Pe. Cícero? No processo histórico do Nordeste, no setor econômico, o Padre Cícero foi referendado para produzir bens de consumo e usado na comercialização nos sertões. O abraço da classe política ao padim era garantia de vitórias eleitorais e manutenção do poder e hegemonia política de coronéis e fazendeiros pela região do Nordeste. E, por fim, o silêncio da Igreja Católica durante mais de 50 anos sobre o Pe. Cícero e a devoção hostilizada em alguns ambientes eclesiais. A romaria do Juazeiro conseguiu consolidar-se na história do povo brasileiro e agora é assumida e monitorada pela instituição da igreja católica. A mentalidade predominante é que Juazeiro era lugar de credence e Pe. Cícero é incompreendido e precisa ser descredibilizado. O padre vive uma encruzilhada de mudanças históricas. Ele abriu como personagem as portas, os corações e a sua casa para acolher trabalhadores rurais, famílias desamparadas, pessoas abandonadas, jagunços, cangaceiros, proprietários de terra e toda a gente que tinha poder aquisitivo ou estava jogada à margem da sociedade. Ele agiu energeticamente contra os abusos, tomou conta do povoado e formou em torno de si um grupo de beatos e beatas para viver da oração, penitência e do trabalho.

No olhar sobre o personagem Pe. Cícero, encontraremos uma figura poliédrica e complexa com uma voz de mestre que tem a possibilidade de provocar encantamento e sedução ao mesmo tempo força de desagregação pela defesa das suas crenças. Ele foi rebelde e, ao mesmo tempo, hostilizado pela igreja e hoje é instrumento de evangelização da igreja católica brasileira. O sacerdote do Juazeiro que enfrenta problemas disciplinares com os seus superiores, mas mantém a fidelidade e persistência até a morte em lutar pela sua reabilitação das ordens sacerdotais. Um padre que nunca sofreu ataques na moral, pois não há suspeição da vivência do celibato. Ele exerceu o seu apostolado alternativo com pregações e orações na porta da sua casa. No campo social, o sacerdote preocupado profundamente com a dignidade dos pobres abandonados e desvalidos. Na política, o Padre Cícero tem envolvimento partidário e com agentes políticos com práticas de dependência e mando e vive em uma terra onde falta a presença do Estado com a existência de muitos coronéis e seguranças privadas em tempos de cangaço.

É nesse território que o Pe. Cícero, inserido naquele determinado tempo histórico, estabelece relações contraditórias e ambivalentes, e, ao mesmo tempo, produziu ações que impactaram na vida cotidiana do sertanejo nordestino. Nesse terreno de riqueza cultural e fé efetiva-se o exercício do pensamento mítico simbólico através de movimento de espiritualidade que enfrenta estruturas e instituições no sertão do Cariri.

As matrizes da trajetória de vida do sacerdote Cícero contabilizam momentos de conturbações, resultado de desdobramentos dos conflitos religiosos e das intrigas e tramas políticas. Nesse contexto de conflito emergem os traços do mestre em suas ações e decisões, marcadas por atitudes de bondade e, ao mesmo tempo, por ambiguidades. O Pe. Cícero é investido da autoridade paterna que traz proteção. Ele exercia também o papel moralizador e de muita severidade junto aos seus afilhados. Ele promovia uma intervenção sobre a realidade, mas também continha nas suas ações elementos de estagnação e conformismo, que alimentam nos seus seguidores a aceitação da pobreza e dificuldades no mundo como realização da vontade divina.

O contexto econômico e social do tempo do Pe. Cícero era profundamente marcado pela inexistência das ações políticas governamentais para o combate à seca, o enfrentamento das doenças e a violência. Há uma forte concentração de terras nas mãos dos proprietários e marcas de exploração e trabalho escravo das camadas pobres e abandonadas. O padre Cícero acolhe essa gente miserável e desamparada

e instaura uma ordem social pelo trabalho e o disciplinamento de conduta moral. Nos espectros de suas ações revelam sinais de rigidez na disciplina e a imposição do medo junto aos sertanejos. Estes são imbuídos ao efeito à ordem, ao rigor no cumprimento das suas obrigações e dedicação ao trabalho. De fato, a formação do pensamento e a visão de mundo do Pe. Cícero foram emanadas da doutrina religiosa cristã, sobretudo da teologia dogmática medieval. Nesse processo formativo, nas ações do sacerdote Cícero encontramos mestiçagem e hibridismos no tocante ao seu pertencimento e fidelidade a uma instituição religiosa católica e todo o seu legado doutrinário, ao mesmo tempo, encontramos fios que recompõem características de um mestre desnudado e tatuado por princípios e valores humanísticos.

Neste panorama das facetas do mestre Pe. Cícero, que lições emergem para a realidade do mundo contemporâneo? A primeira lição de vida é a compaixão que não julga, perdoa. A segunda, a persistência como força de potencialização do seu lugar social. Na experiência histórica brasileira, as elites políticas e intelectuais criaram zonas de concepção sobre a cultura e sabedoria popular. Para as elites, o povo é visto como atrasado, ignorante e que precisa ser educado para ser civilizado. O que hoje precisamos estabelecer é a conexão entre a tradição e a modernidade, estabelecendo zonas de diálogo que, diante da pluralidade de variações e intensidade rápida, comprometamos com a regeneração humana. Há uma necessidade ímpar de recuperação do projeto de nação original que promova o processo de comunhão na relação do ser humano com a natureza, no respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos e não-vivos e na conservação do planeta. Assim, os preceitos ecológicos difundidos pelo Pe Cícero podem ser portadores de valores de uma ecologia sustentável que prima pelo zelo e integridade no respeito aos direitos dos seres naturais, a conservação do solo e cuidado com os animais.

Nas pregações e ensinamentos da vida do Pe. Cícero, podemos extrair o ensinamento que a ação política não aponta para a violência, mas para a atitude permanente de reconciliação. O sacerdote Cícero não tem comportamento revolucionário, mas reconciliador. Ele tem uma relação com o ideário de Pe. Ibiapina e o mundo dos beatos. Ele não é agente romanizador, mas um homem ligado à cultura científica moderna. Ele bebe na cultura, valoriza as ciências, não nega as práticas populares e adota o respeito como outro caminho da possibilidade da cultura moderna.

Os homens com marcas do seu tempo são influenciados pela pedagogia do medo. A caridade e a doçura, a ética do fazer e do saber são ensinamentos deixados pelo Pe. Cícero. Tais princípios são fundamentais para a formação de comunidades nas suas experiências solidárias de produção e distribuição igualitária dos bens socialmente. Assim, a comunidade Caldeirão da Santa Cruz do Deserto é modelo de sociedade formada pelo idealismo comum de viver uma vida melhor. Esse lugar acolhia fugitivos do cangaço e flagelados da seca, não havia estímulo ao individualismo e não havia circulação de dinheiro. O caldeirão foi uma utopia que incomodou as elites, a igreja e o governo. As pessoas analfabetas que organizam e estruturam uma comunidade. Por isso o seu fim foi traumático, genocídio cheio de ressentimento. As elites estabeleceram a cultura do silêncio e quebraram a utopia pela destruição. Utopia e traumas são dois componentes marcantes do caldeirão que é um artefato cultural e preconiza comunidades agroecológicas.

As lições de persistência e resistência são válidas na contemporaneidade pelas romarias que catalisam um movimento de ideais, sentido de vida e possibilidades de consolidação das práticas religiosas dos peregrinos. Juazeiro é refrigério e uma potência do movimento romeiro que provocou uma reação da igreja católica no sentido de criar dioceses como forma violenta de combate e rejeição do movimento popular de Juazeiro e controlar o acesso e a presença dos romeiros. A romaria feita à revelia das autoridades eclesiásticas e frutos do crescimento exponencial do Pe. Cícero e constituem no ato de teimosia, resiliência e fidelidade do povo romeiro.

Na mensagem do Pe. Cícero para os seus devotos é revelada uma verdade de fé: "Deus não nos abandonou!". Essa crença do sacerdote é a base de sustentação na sua missão no Juazeiro. Ele acossado pelas aflições dos seus afilhados e consciente da sua fragilidade frente ao poder hierárquico da Igreja e o sistema político vigente, busca criar estratégias de resistências aos ataques, defendendo seu direito de acreditar nos "milagres divinos" realizados nessa terra intitulada como lugar de promessa. Essa construção do Juazeiro não se alimenta apenas da fé, mas fortemente das crenças no trabalho criativo, na potencialização dos dons, no alargamento dos talentos, possibilitando gravitar uma rede de diversificação da agricultura, da produção artesanal, da dinâmica do setor comercial e da promoção dos valores culturais.

Na trajetória da história do Pe. Cícero, o acolhimento de gente de todas as classes sociais, moradores ou não da cidade transformou-se numa prática constante que os seus devotos e admiradores buscavam conselhos e orientações para suas vidas. O padre do Juazeiro desenvolveu a capacidade de escutar, entender a situação e encaminhava uma solução prática para todos

Desse modo, a figura do Pe. Cícero vai emergindo como liderança religiosa e política, obtendo credibilidade, confiança, fama e prestígio junto à sociedade cariense e os peregrinos que circulam no território de Juazeiro. Todo o arcabouço de ações do Pe. Cícero é um ensinamento para as gerações futuras na construção de Ethos juazeirense da fé e do trabalho. Esse processo vai consagrando enquanto líder social e político que atua além das fronteiras da cidade de Juazeiro, tatuado pela bondade e sabedoria que orientava a todos pelo caminho da melhoria de vida material e da promessa da salvação eterna.

Portanto, a atitude do Padre Cícero aponta para um ser intelectual que tem muitas estratégias de leitura da realidade e efetivava ações no sentido de proteger e jamais abandonar os pobres sertanejos. Esse é o terreno dos valores humanísticos assimilados pelo mestre que frente à perversidade de condenar o outro por supostamente ser fraco ou vulnerável na sua condição humana, opera com criatividade e sedimenta o respeito, a amorosidade, a coragem e a solidariedade.

Em diversas situações históricas, o Pe. Cícero foi assumindo uma forma de vida que englobava as diferentes dimensões do ser humano como religioso e político, no cumprimento de sua tarefa vital de cuidar dos desvalidos e fazer brotar a esperança nos corações e glebas nordestinos. Esse é o itinerário do projeto humanístico do Mestre Pe. Cícero que conduz à sua entrega total as causas humanas. Essa força libertadora deste sacerdote implica no reger a vida coletiva nos ideários da solidariedade e na inserção de uma lógica da encarnação na história e cultura humanas, possibilitando a criação e efetivação dos direitos ao trabalho, à terra e à sublime dignidade humana. É patente que esse processo não é pacífico, homogêneo, mas existem zonas de tensões e conflitos políticos e religiosos por forças dominantes que, através de métodos de repressão e perseguição intransponíveis, tornam o sacerdote enquadrado no sistema de organização política e a necessidade de resistência do povo no enfrentamento das tragédias sociais. Essa é verdadeiramente a lição do mestre do Juazeiro: ajudar as pessoas a se fazerem sujeitos de sua história,

isto é, assumir sua própria vida, tornando-se causa de um novo tecido social e de uma nova convivência com a natureza e respeito com os outros seres do planeta.

Nessa ótica, compreendemos a ação do padre Cícero que marcou e ainda continua marcando a história do Nordeste: um ser humanístico. Ele assumiu tudo aquilo que estava nas condições históricas conflituosas do seu tempo e lugar, e estabeleceu estratégias de construção de projeto societário com bases fundamentadas na sua visão de mundo articulado nos diferentes contextos e momentos da formação da cidade de Juazeiro no campo político, econômico, social e religioso.

No momento histórico da experiência de vida do Pe. Cícero é possível perceber que ele consegue objetivar as coisas, refletir e projetar no real aquilo que ele pensava, constituindo a fisionomia da sua experiência humana. A ideia de um santo sob o sol mostra a presença do padre Cícero como um Mestre engajado com sua comunidade, sem se fechar no templo. Ele não ficou preso na esfera da interioridade subjetiva. Além de conselheiro é também aprendiz, pois está sempre em processo de aprendizagem dialógica com os romeiros, com os beatos e beatas. Deles aprende a força da fé, a simplicidade e a espiritualidade sincera. A vida do Pe. Cícero pode ser pensada segundo o modelo da formação da consciência em sua ligação com a comunidade e a história, pois a experiência da consciência efetiva-se pela formação histórica. Tudo se constrói pela teia da comunidade. Dessa forma, o sonho do Pe. Cícero irradia o mundo dos romeiros que possibilitou a formação de outros mestres que, pelo princípio do diálogo, o sacerdote Cícero era alguém que ensinava, mas, ao mesmo tempo, aprendia daqueles com quem convivia. Ele estava sempre aberto a ouvir o outro, sem distinção de status ou condição social. Ele abriu-se a escutar os romeiros, seus sofrimentos e transmitiu ensinamentos de vida. A formação permanente compreende que o mestre ocupa o papel central e continua educando os romeiros. Estes recebem as lições do Pe. Cícero sobre o ecossistema e a convivência com a natureza e voltam ao seu lugar, a sua cidade de origem para continuarem a tocar a vida. O mestre é educador para a vida. Ele continua falando para o povo e ensina a reformar as estruturas sociais, garantindo, assim, a sua permanência viva e dando força e coragem para incrementar o empreendedorismo no Juazeiro. O Pe. Cícero revela-se aos romeiros que atualizam e compreendem a lógica e as ideias dele e, como homens e mulheres simples, dialogam e rejeitam as coisas. A partir dessa

vivência atualizam a memória da presença do sacerdote Cícero que continua sendo um luzeiro e porto seguro para muitos sertanejos nordestinos.

De fato, a ação do Pe. Cícero faz coexistir um espaço de eclosão do sentido da vida de uma comunidade humana concreta. Ele constrói um manifesto na forma de organizar a vida dentro de processo de libertação que torna efetiva a reciprocidade, a amorosidade e a solidariedade. É um manifesto que restabelece o vínculo com a natureza e a reciprocidade entre os seres humanos, produzindo um bem estar e o efetivo reconhecimento mútuo das pessoas entre si. Essa é uma lição de vida que transcende as espacialidades e temporalidades, pois o movimento dinâmico de defender e salvar vidas é uma condição imprescindível da existência humana

Esse manifesto de um viver bem gestado pelo mestre Pe. Cícero na construção do território do Juazeiro fundamenta-se na fé e se experimenta no campo dos valores como expressões da própria realidade humana. Esse parece ser um grande ensinamento para a formação de uma nova consciência ética na contemporaneidade que viver bem implica a centralidade da constituição da vida pessoal e social que deve estar vinculada à lógica da solidariedade, da comunhão, da reciprocidade e gratuidade. É nesse contexto que pode emergir novas formas de organização da resistência, sensibilidade e mentalidade inovadoras na ação de defesa da justiça, na promoção da cultura de paz e no desejo de felicidade para todos. Na perspectiva da educação favorece a regeneração do humano, a valorização da razão e que instiga a compreender os direitos humanos e preservar a espécie e o planeta, assim teremos aprendidos o amor, a fraternidade e a solidariedade.

Nesse sentido, a utopia emerge como a força das ações do Pe. Cícero em torno da cidade de Juazeiro que estão vinculadas às lutas em prol da vida e resistência as intempéries do cotidiano, e ao mesmo tempo à alegria de viver. Essa realidade materializa-se concretamente na experiência do simbolismo religioso da fé dos peregrinos que se deslocam e constroem a identidade da cidade. A romaria é uma festa de renovação ao transcendental e ato de profissão e crença nos princípios humanísticos. Os romeiros projetam na sua peregrinação a vivência de uma comunidade de esperança. Toda experiência de transitar pelo Juazeiro no seu roteiro de fé construído pelo próprio romeiro na “espacialidade mística” do lugar é singular para revigorar e energizar a vida do peregrino diante das ruínas e tragédias da sua existência cotidiana. Desse modo, o movimento romeiro é complexo e contém laços comunitários com relações humanizadoras e certas reservas de dignidade diante de

uma sociedade desigual e de forte competição. De fato, o povo na busca por realizar a experiência de peregrinação não faz desaparecer os males e as angústias coletivas do mundo, mas instiga essa gente condenada à situação de pobreza e miséria, a reconstruir suas ruínas, superar as tragédias, realimentar o sentido da vida e reinventar formas de viver com alegria.

Durante o estudo foi possível enxergar facetas de maestria na personalidade do Pe. Cícero como pertencente ao sistema de dispositivos na construção da cidade de Juazeiro, na formação da comunidade do caldeirão do beato José Lourenço e nos processos sociais e simbólicos desenvolvidos pela sua capacidade e poder de espalhar rede de princípios planetários que deseja a justiça e a felicidade para todos. Esses processos foram construídos por afetos e sonhos, ao mesmo tempo por atitudes de teimosias, endurecimentos e rigidez disciplinar aos seus afilhados e devotos.

Desse modo, o Padre Cícero, movido pelo propósito ambicioso da construção do Juazeiro, superou com resistência a permanente tentativa de destruição sofrida ao longo da sua existência, tornando-se exemplo histórico diante do processo civilizatório brutal, que atualmente é ressignificado e reconstruído. Neste novo momento, a própria igreja, que endureceu punições ao padre e sanções ao Juazeiro e intensificou acusações e condenações dos acontecimentos, rende-se à pessoa do padre Cícero no reconhecimento das suas virtudes e de seu papel transformador na manutenção da religiosidade do catolicismo brasileiro e eleva a Cidade de Juazeiro como santuário sagrado dos nordestinos. Diante disso, as romarias não cessaram e o Pe. Cícero é aclamado e reconhecido pela população sertaneja, como santo, guia, conselheiro e protetor. No Juazeiro existe uma potencialidade que gera a capacidade de criar, recriar, reinventar, sendo sustentada pela dimensão poderosa da alegria de viver e pelo império do sonho e da esperança que o paraíso é uma construção coletiva e cotidiana. O padre Cícero é o mestre de vida na condução deste Juazeiro que teima em brilhar e ser aconchego para muitos nordestinos.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Editora Argos, 2009.
- ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.
- ALMEIDA, Maria da Conceição. **Para uma epistemologia da complexidade em torno das ideias de Edgar Morin**. Natal: Caravela Selo Cultural, 2021.
- ALMEIDA, Maria da Conceição; FRANÇA, Fagner Torres. **Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade**. Natal: EDUFRN, 2019.
- ALMEIDA, Maria da Conceição; REIS, Mônica Karina Santos. **Emergências da complexidade, reinvenção da universidade**. Natal: EDUFRN, 2019.
- ALVES, Cícera Cecilia Esmeraldo. Territorialidades religiosas em irradiação: um olhar geoturístico sobre a devoção alagoana às representações de Padre Cícero e Juazeiro do Norte. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 7, n. 12, p. 68-79, 2016.
- AMÂNCIO, Geraldo. **O sinal de Warakidzã – o senhor dos sonhos**. Fortaleza, 2001. Disponível em: <http://enapegs2018.ufca.edu.br/210-2/>. Acesso em: 8 ago. 2023.
- ANJOS, Wascyli Simões dos; LIMA, Ronaldo Ferreira de. **Mestre e discípulo: tonalidades de um tempo**. Natal: EDUFRN, 2015.
- ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- ARAÚJO, Maria de Lourdes. **A cidade do Padre Cícero: trabalho e fé**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Centenário).
- ARAÚJO, Raimundo. **Padre Cícero do Juazeiro: antologia**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1994.
- ARAGÃO, Gilbraz. A sombra do Padre Cícero. **PARALELLUS: Revista de Estudos de Religião – UNICAP**, Recife, v. 5, n. 10, 2014, p. 343-360.
- ARRAES, Raquel. Annette Dumoulin: o templo e o caminho. **Revista Cariri**, Juazeiro do Norte, p. 44-53, 2012.
- BARBASINI, Glauco; BARROS, Douglas F.; KIRCHNER, Renato. **Religião e política na obra de Giorgio Agamben**. Campinas: Saber Criativo, 2020.
- BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joazeiro celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007.

BARBOSA, Geraldo Meneses; CASIMIRO, Antonio Renato Soares; MARQUES, Daniel Walker Almeida (orgs.). **Sesquicentenário de nascimento do Padre Cícero Romão Batista (1994)**. Fortaleza: Editora BNB, 1994.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: a terra da mãe de Deus**. 3. ed. Fortaleza: IMEPH, 2014.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (org.). **Padre Cícero e os fatos do Juazeiro: autonomia político-administrativo**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2012.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero, sociologia de um padre, antropologia de um santo**. São Paulo: EDUSC, 2008.

BARRETO, Francisco Murilo de Sá. Ascese nas estradas em busca do “lugar santo”. **Revista A vida em Cristo e na Igreja**, n. 47, p. 3-12, 2009.

BARRETO, Francisco Murilo de Sá. **Padre Cícero**. São Paulo: editora Loyola, 2002.

BARRETO, Francisco Murilo de Sá. **Testemunho, serviço e fidelidade**. Juazeiro do Norte: Paróquia Nossa Senhora das Dores, 1998.

BEZERRA, Osicleide de Lima. **Trabalho, pobreza e caridade: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste**. 2010. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

BOFF, Leonardo. **O Padre Cícero à luz do Papa Francisco**. 2018. Disponível em: <https://ceseep.org.br/o-padre-cicero-a-luz-do-papa-francisco-por-leonardo-boff/>
Acesso em: 8 set. 2020.

BRITO, José Artur Tavares de. **À sombra do Juazeiro: as transformações da experiência religiosa popular no Juazeiro do Padre Cícero (1986-2016)**. 2020. 411 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2020.

CAMPINA, Maria da Conceição Lopes. **A voz do Padre Cícero e outras memórias**. São Paulo: Paulinas, 1985.

CAMURÇA, Marcelo. Breve histórico político do Juazeiro. *In*: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (org.). **Padre Cícero e os fatos do Juazeiro: autonomia político-administrativo**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2012. p. 36-58.

CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, molambudos e rabelistas: a revolta de 14 no Joazeiro**. São Paulo, Maltese, 1994.

CARIRY, Antônio Rosemberg de Moura. **Juazeiro do Padre Cícero: o sagrado, a arte e a utopia da terceira era do Espírito Santo**. Tese (Doutorado em Educação Artística) - Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Portugal, 2021.

CARIRY, Rosemberg; HOLANDA, Firmino. **O caldeirão da Santa Cruz do deserto: apontamentos para a história**. Fortaleza: interarte, 2007.

CARIRY, Rosemberg. **Cariri: a nação das utopias**. Fortaleza, 2001. Disponível em: <http://enapegs2018.ufca.edu.br/210-2/>. Acesso em: 8 ago. 2023.

CASIMIRO, Antônio Renato Soares (org.). **Padre Cícero e os fatos do Juazeiro: a questão Religiosa**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2012.

CAVA, Ralph Della. **Milagre em Joazeiro**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CICERO, Romão Batista. **Caderno de anotações**. Juazeiro do Norte, [2023]. No prelo.

COMBLIN, José. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Edições Paulinas, 2011.

COMISSÃO DIOCESANA DE PASTORAL DE ROMARIA. **Mensagem do Papa Francisco, enviada pelo seu Secretário de Estado, Cardeal Pietro Parolin**. Juazeiro do Norte, 2015.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Centenário).

DANTAS, Eugênia Maria. **Transformar conservando: para uma Geografia mestiça**. Natal: EDUFRN, 2021.

DANTAS, Eugenia Maria; OLIVEIRA, Josineide Silveira. **Palavras e imagens: a cidade de Natal no Centenário de Edgar Morin**. Natal: Caravela Selo Cultural, 2021.

DINIS, Manoel Pereira. **Mistérios de Juazeiro**. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.

DUMOULIN, Annette. **Padre Cícero: santo dos pobres, santo da Igreja: revisões históricas e reconciliação**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2019.

DUMOULIN, Annette; GUIMARÃES, A. T.; FORTI, M. C. P. (ed.). SIMPÓSIO INTERNACIONAL PE. CÍCERO DO JUAZEIRO. E QUEM É ELE? 3., 2004. **Anais** [...]. Juazeiro do Norte, 2004.

DUMOULIN, Annette. **Em sonho uma boa conversa entre o Romeiro Sebastião e Padre Cícero**. São Paulo: Paulinas, 2017.

DUMOULIN, Annette. **Uma boa conversa com Padre Cícero**. Juazeiro do Norte, 2011. No prelo.

DUMOULIN, Annette. **Perguntas sobre “o Padre Cícero, amigo”**. Juazeiro do Norte, 2018. No prelo.

DUMOULIN, Annette; GUIMARÃES, Therezinha Stella. Romaria em Juazeiro e a devoção ao padre Cícero. **Revista de Liturgia**, São Paulo, n. 65, p. 11-27, 1984.

FORTI, Maia do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro: a beata do milagre.** São Paulo: Annablume, 1999.

GONÇALVES, Pe. Alfredo J. **Os romeiros e os anjos da pastoral de romaria: o caminho e o templo.** Juazeiro do Norte, 2011. No prelo.

GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira: estudo Psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular.** Fortaleza: IMEPH, 2011.

GUIMARÃES, Therezinha Stella; DUMOULIN, Anne. **O Padre Cícero por ele mesmo.** 2. ed. Fortaleza: Ed. INESP, 2015.

GUIMARÃES, Therezinha Stella; DUMOULIN, Anne. **Padre Cícero, líder e condutor.** Juazeiro do Norte, 2009. No prelo.

LIMA, Maria Lourêto de. **José Lourenço, o beato perseguido.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2013.

LIRA NETO. **Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAIA, Helvídio Martins. **Pretensos milagres em Juazeiro.** Petrópolis: Vozes, 1974.

MORIN, Edgar. **Conhecimento, ignorância e mistério.** Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX: o espírito do tempo.** Tradução Maura Ribeiro Sardinha. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2018.

MORIN, Edgar. **O Método 6: ética.** Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2017.

MORIN, Edgar. **Meus Demônios.** 6. ed. Tradução Leneide Duarte e Clarisse Meireles Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **O Método 5: a humanidade da humanidade. A identidade humana.** Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. **Meu Caminho: entrevistas com Djénane Kareh Tager.** Tradução: Edgard Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003a.

MORIN, Edgar; KERN, Anne-Brigitte. **Terra-pátria.** Tradução de Paulo Neves. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2003b.

MORIN, Edgar; MOIGNE, Jean-Louis Le. **A inteligência da complexidade.** Tradução Nurimar Maria Falci. 1. ed. São Paulo: Ed. Fundação Peirópolis, 2000.

OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu conheci**. 4. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989.

OLIVEIRA, Josineide Silveira de. **A formação pela escrita do amor**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

OLINDA, Ercília Maria Braga; SILVA, Adriana Maria Simião (org.). **Vidas em romaria**. Fortaleza: EDUECE, 2016.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a igreja católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Centenário).

PEIXOTO, Alencar. **Joazeiro do Cariry**. 2. ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. (Coleção Centenário).

PINHEIRO, Irineu. **O Joaseiro do Padre Cícero e a revolução de 1914**. 2. ed. Fortaleza: IMEPH, 2011.

PINHO, Maria de Fátima Morais. **Horto do Padim Ciço: narrativas, imaginário e intervenções**. Sobral: Editora SertãoCult, 2023.

PINHO, Maria de Fátima Morais. **Padre Cícero: anjo ou demônio? Teias de notícias e ressignificação do acontecimento padre Cícero (1870-1915)**. 2019. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

RAMOS, F. R. L. **O meio do mundo: território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: EDUFC, 2012.

ROMÃO, Manoel Honório. **Marta Pernambuco: para o cultivo de uma educação política e afetiva**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

SILVA, Antenor de Andrade. **Os arquivos do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: Empresa Gráfica Ltda, 1977.

SILVA, Tállison Ferreira da. **A dinamicidade de um padre educador nas terras do Vale do Açu**. 2022. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SOBREIRA, Padre Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. 3. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

STEINER, George. **Lições dos mestres**. Tradução Maria Alice Máximo. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

TOLOVI, Carlos Alberto. **Mito, religião e política: padre Cícero e Juazeiro do Norte**. Curitiba: Prismas, 2017.

WALKER, Daniel. **História da independência de Juazeiro do Norte**. Juazeiro do Norte: HB Editora, 2010.

WALKER, Daniel. **Padre Cícero**: a sabedoria do conselheiro do sertão. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.